

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA - PPGT PUCPR
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

EDVALDO ANDRADE AMARAL

**CATEQUESE DE ADULTOS.
UM ALENTO MISSIONÁRIO À PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA**

CURITIBA

2023

EDVALDO ANDRADE AMARAL

**CATEQUESE DE ADULTOS.
UM ALENTO MISSIONÁRIO À PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA**

Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia (PPGT), Área de Concentração Teologia Ético-Social, Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cléia Peretti

CURITIBA

2023

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 018.2023
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e nove dias de junho de dois mil e vinte e três, reuniu-se às catorze horas, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Profa. Dra. Clélia Peretti, Prof. Dr. Fabio Rychecki Hecktheuer, Prof. Dr. Cesar Leandro Ribeiro, para examinar a Dissertação do mestrando **Edvaldo Andrade Amaral**, ano de ingresso 2021, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de Concentração: Teologia Ético-Social - Linha de Pesquisa: "Teologia e Sociedade". O mestrando apresentou a dissertação intitulada "**Catequese com adultos. Um alento missionário à Paróquia Santo Inácio De Loyola**". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi **APROVADO** pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 15h30. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Clélia Peretti

Profa. Dra. Clélia Peretti - Presidente/Orientadora

Prof. Dr. Fabio Rychecki Hecktheuer - Convidado Externo

Prof. Dr. Cesar Leandro Ribeiro - Convidado Interno



Rudolf Eduard von Sinner

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu

Dedico este trabalho à maior glória de Deus Uno e

Trino.

À exaltação da Santa Mãe Igreja.

À santificação do Clero.

À salvação das Almas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Uno e Trino pela graça desta conquista.

Agradeço à Arquidiocese de Belém, Igreja Particular a qual sou incardinado, pela confiança e a escolha para o serviço docente ao Clero e demais Discípulos missionários.

Agradeço à Paróquia Santo Inácio de Loyola, designação Divina para o meu serviço pastoral e solo fértil para a manifestação do amor infinito do Eterno Pai, pela fascinante atividade missionária.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Paraná pela honra de acolher-me no claustro de seus discentes e por todo conhecimento transmitido por seus insígnis professores.

Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Clélia Peretti. Palavras são insuficientes para externar a gratidão, o respeito e a admiração que imorredouramente devotarei à sua pessoa. Sempre estará em minhas orações.

Agradeço à Faculdade Católica de Rondônia pela acolhida, a parceria, as orientações, a prontidão, a compreensão, o compromisso, a solidariedade, a paciência, enfim, a caridade que tiveram para comigo desde o primeiro contato.

Meu agradecimento especial a meus pais por transmitirem-me a vida e a cuidarem com tanto amor, edificando-a com excelente exemplo de caráter, dignidade, fé e sabedoria.

“É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação Social e na própria comunidade eclesial” (CR 130).

RESUMO

A Catequese de Adultos integra a renovada concepção de catequese, originada pelo Concílio Vaticano II que, partindo de uma nova concepção de Revelação, desencadeou um movimento de renovação, emparentado com os pré-conciliares que, primeiramente, coloca a Palavra de Deus como fonte da catequese, a esta como “momento privilegiado” do processo global da evangelização e aos adultos como seus primeiros interlocutores. Também recupera a iniciação cristã e imprime à catequese um caráter catecumenal, extinguindo a ideia de preparação imediata para os sacramentos e quase exclusiva da vida cristã infantil. Para compreender melhor este fenômeno, a presente Dissertação teve por objetivo analisar o processo de educação na fé como formação humano-cristã e social, tendo como base os documentos do Concílio Vaticano II, do Magistério pós-conciliar, da CNBB e a experiência formativa de Catequese de Adultos na Paróquia Santo Inácio de Loyola, da Arquidiocese de Belém. A metodologia adotada é pesquisa bibliográfica e documental, com uma abordagem teológica e bíblica de acordo com as várias contribuições teórico-científicas. Além disso, demonstra-se como ocorre a Catequese de Adultos em um projeto de Igreja local, precisamente na atividade evangelizadora da paróquia Santo Inácio de Loyola, com suas luzes e sombras, para educar na fé e alentar a vida cristã dos filhos de Deus. Concluiu-se que, no dinamismo deste processo evangelizador, toma-se, *in loco*, a consciência de que se Deus é o caminho do homem, o homem é o caminho da Igreja, pois a peculiaridade da condição do adulto é um pré-requisito indispensável para o alcance da tarefa evangelizadora. Aproximar-se, dialogar, conhecer e compreender o adulto é o método para uma catequese efetiva para torná-lo consciente, comprometido e atuante na vivência da sua fé católica. O auxílio das ciências humanas, especialmente da psicologia e da pedagogia, é indispensável, da mesma forma como é determinante a organização de um projeto de catequese específica para os adultos. Mas, sobretudo, torna-nos mais humanos para os entender e mais fraternos para os ajudar. Esta é a proposta que estas linhas apresentam para que, sob a iluminação do Magistério Eclesial, possa-se encontrar a maneira adequada para concretizar a catequese de adultos como processo de educação da fé na Paróquia Santo Inácio de Loyola.

Palavras-chave: adulto; catequese; evangelização; paróquia Santo Inácio de Loyola.

ABSTRACT

Catechesis for Adults integrates the renewed conception of catechesis, originated by the Second Vatican Council which, starting from a new conception of Revelation, triggered a renewal movement, related to the pre-conciliar ones, which, firstly, places the Word of God as a source of catechesis, to this as a “privileged moment” in the global process of evangelization and to adults as its first interlocutors. It also recovers Christian initiation and gives catechesis a catechumenal character, extinguishing the idea of immediate preparation for the sacraments and almost exclusive to childhood Christian life. To better understand this phenomenon, this Dissertation aimed to analyze the process of education in faith as a human-Christian and social formation, based on the documents of the Second Vatican Council, the post-conciliar Magisterium, the CNBB and the formative experience of Catechesis for Adults in the Parish of Saint Ignatius of Loyola, of the Archdiocese of Belém. The methodology adopted is bibliographical and documental research, with a theological and biblical approach in accordance with the various theoretical-scientific contributions. In addition, it demonstrates how the Catechesis of Adults occurs in a local Church project, precisely in the evangelizing activity of the parish of Saint Ignatius of Loyola, with its lights and shadows, to educate in the faith and encourage the Christian life of the children of God. It was concluded that, in the dynamism of this evangelizing process, one becomes aware, in loco, that if God is the way of man, man is the way of the Church. For the peculiarity of the adult condition is an indispensable prerequisite for the achievement of the evangelizing task. Approaching, dialoguing, knowing and understanding the adult is the method for an effective catechesis to make him aware, committed and active in living his Catholic faith. The help of human sciences, especially psychology and pedagogy, is indispensable. Just as the organization of a specific catechetical project for adults is crucial. But, above all, it makes us more human in understanding them and more fraternal in helping them. This is the proposal that these lines present so that, under the enlightenment of the Ecclesial Magisterium, the adequate way can be found to implement the catechesis of adults as a teaching-learning process in the Parish of Saint Ignatius of Loyola.

Keywords: adult; catechism; evangelization; parish of Saint Ignatius of Loyola.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Apostolicam Actuositatem. Decreto do Concílio Vaticano II sobre o Apostolado dos Leigos.
AG	Ag gentes. Decreto do Concílio Vaticano II sobre a Atividade Missionária da Igreja.
AM	Anticum ministerium. Carta Apostólica em forma de “motu proprio” do Papa Francisco.
CC	Comunidade de comunidades. Uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. Documento 100 da CNBB.
CD	Christus Dominus. Decreto do Concílio Vaticano II sobre o Múnus Pastoral dos Bispos.
CdB	Cerimonial dos Bispos.
CDC	Código de Direito Canônico.
Cf.	Conferir.
ChL	Christifideles laici. Exortação Apostólica Pós-sinodal de João Paulo II sobre os Leigos.
CIC	Catecismo da Igreja Católica.
CR	Catequese renovada. Documento 26 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
CT	Catechesi Tradendae. Exortação Apostólica Pós-sinodal de João Paulo II sobre a Catequese.
DA	Documento de Aparecida.
DC	Diretório da Catequese.
DGAEIB	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.
DGC	Diretório Geral da Catequese.
DH	Dignitatis humanae. Declaração do Concílio Vaticano II sobre a Liberdade Humana.
DM	Documento de Medellín.
DNC	Diretório Nacional da Catequese
DP	Documento de Puebla.
DSD	Documento de Santo Domingo.

DV	Dei verbum. Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Divina Revelação.
EG	Evangelii Gaudium. Exortação Apostólica do Papa Francisco.
EN	Evangelii Nuntiandi. Exortação Apostólica Pós-sinodal de Paulo VI sobre a Evangelização.
FD	Fidei Depositum.
FPD	Fides Per Doctrinam. Carta Apostólica em forma de “motu próprio” de Bento XVI.
GE	Gravissimum Educationis. Declaração do Concílio Vaticano II sobre a Educação Cristã.
GS	Gaudium et Spes. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo atual.
IM	Inter mirifica. Decreto do Concílio Vaticano II sobre os Meios de Comunicação Social.
LG	Lumen Gentium. Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja.
LS	Laudato Si. Carta Encíclica do Papa Francisco.
NA	Nostra Aetate. Declaração do Concílio Vaticano II sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não Cristãs.
OE	Orientalium ecclesiarum. Decreto do Concílio Vaticano II sobre as Igrejas Orientais Católicas.
OT	Optatam Totius. Decreto do Concílio Vaticano II sobre a Formação Sacerdotal.
PAP	Plano Arquidiocesano de Pastoral. Arquidiocese de Belém, 2023.
PC	Perfectae Caritatis. Decreto do Concílio Vaticano II sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa.
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.
SC	Sacrosanctum Concilium. Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia.
SDL	Sacrae Disciplinae Leges
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas.
UR	Unitatis Redintegratio. Decreto sobre o Ecumenismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A CATEQUESE DE ADULTOS COMO PEDAGOGIA DA FÉ.....	21
2.1 BREVE SÍNTESE HISTÓRICA DA CATEQUESE	21
2.2.1 A Renovação Da Ação Eclesial Pelas Quatro Constituições	25
2.2.2 A Renovação da responsabilidade catequética pelos nove Decretos.....	28
2.2.3 A Renovação da Fraternidade com Outras Religiões Pelas Três Declarações	34
2.3 A CATEQUESE DE ADULTOS: AVANÇOS E PERSPECTIVAS	38
3 CATEQUESE DE ADULTOS E SEU POTENCIAL EVANGELIZADOR.....	44
3.1 EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE EM UM MUNDO EM MUDANÇA	45
3.2 PEDAGOGIA CATEQUÉTICA E EVANGELIZAÇÃO	49
3.3 A CATEQUESE DE ADULTOS COMO ENSINO DA FÉ.....	53
3.3.1 A pessoa adulta como interlocutora da catequese	63
3.3.2 Os adultos aos quais se dirige a catequese	70
4 A CATEQUESE DE ADULTOS COMO PRIORIDADE NO PROCESSO DE INICIAÇÃO CRISTÃ	84
4.1 A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS COMO AÇÃO DA IGREJA LOCAL	88
4.1.1 A Igreja Particular, Sujeito da Iniciação Cristã	89
4.1.2 Responsabilidade do Bispo	90
4.1.3 A catequese de adultos no projeto evangelizador da diocese.....	91
4.1.4 Necessidade de um departamento diocesano de catequese de adultos .	92
4.2 PROJETO DIOCESANO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS.....	160

1 INTRODUÇÃO

É, sem dúvida, fruto da ação do Espírito na Igreja contemporânea o florescimento, por diversas partes, de uma catequização dirigida aos adultos, inseridos em níveis existenciais, sociais, culturais, econômicos e religiosos heterogêneas. Algumas vezes, esta Catequese de Adultos nasce no seio de grupos cristãos por iniciativas ou carismas particulares em muitos casos se organiza em programas pastorais diocesanos e paroquiais que assumem essa modalidade de catequese como uma atividade que deseja chegar a ser uma ação pastoral prioritária de fato e não só como declaração de princípios.

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja evidenciou a necessidade de deslocar o centro gravitacional da catequese da comunidade diocesana e paroquial, do mundo das crianças, sem minimizar a necessidade de catequizá-las, para o mundo dos jovens e adultos. A catequese passa a considerar o homem de hoje em sua realidade existencial, uma vez que em qualquer situação histórica, o processo de iniciação e formação da fé de um adulto é protótipo dos objetivos formativos e dos conteúdos de fé que devem potencialmente transmitir-se seja qual for a idade e situação do catequizando.

Em 1971, a Santa Sé, ao publicar o Diretório Geral de Pastoral Catequética, no seu número 19, afirmava que a catequese de adultos “deve ser considerada como a forma principal de catequese a que todas as demais, certamente necessárias, de alguma maneira se ordenam”. Um ano mais tarde, a mesma Santa Sé promulgava, dentro de seu grande projeto de renovação litúrgica, o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (1971), dedicando todo um capítulo deste a orientar a ação formativa sobre aqueles adultos que, havendo sido batizados na infância, não receberam uma iniciação catequética e, portanto, não tiveram acesso aos sacramentos da eucaristia e confirmação. Poderíamos facilmente reconhecer esta atenção preferencialmente pela catequização de adultos que, de uma maneira mais ou menos explícita, mostrou o conjunto da Igreja, se nos determos a examinar os temas aos que se dedicaram a quase totalidade dos Sínodos Universais dos Bispos que se sucederam desde 1974, onde o estudo da evangelização do mundo contemporâneo fez possível a esplêndida exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN) de Paulo VI sobre esta questão. Não

se pode hoje fazer nem pensar eclesialmente a catequização de adultos sem inspirar-se e referir-se a orientação da EN 44.

Depois, em 1977, veio o Sínodo dedicado à catequese, pensado inicialmente no aprofundamento da formação de crianças e adolescentes, mas ele terminou centrando sua reflexão no mundo de adultos. Isto foi recolhido por João Paulo II em sua posterior exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (CT) (cf. 43. 44. 77. 80. 87). Já o Sínodo sobre a Família, em 1980, que pôs sobre a mesa um tema fundamental em relação com a catequese de adultos: a missão da família no mundo contemporâneo.

João Paulo II também sublinhou posteriormente esse aspecto. Quando o Sínodo Universal extraordinário de 1985 fez uma revisão dos vinte anos que a Igreja vivera desde o encerramento do Concílio, foi articulada uma série impressionante de realizações no que tange às deficiências, necessidades e possibilidades sobre a formação autêntica de um cristão adulto, pois a catequese de adultos poderia devolver a não poucos filhos da Igreja as razões profundas de sua fé. Esse impulso missionário também levou a uma verdadeira reforma das estruturas e dinâmicas eclesiais, para que todas se tornassem mais missionárias, ou seja, capazes de viver com audácia e criatividade tanto no panorama cultural e religioso como no âmbito de toda pessoa. Cada batizado, diz o Diretório 40, como discípulo missionário é sujeito ativo desta missão eclesial.

Com efeito, como Igreja, temos a alentadora tarefa de responder com prontidão às solicitações do mundo adulto. Precisamos articular mais uma catequese dirigida aos adultos que seja elemento integrador da catequese infantil e das outras faixas etárias. Somente assim seremos comunidades vivas no dinamismo de uma formação permanente.

Partindo do pressuposto teológico, psicopedagógico e pastoral, percebemos o quão importante é a realização de uma catequese, que verdadeiramente anuncie o Cristo, como modelo de harmonia existencial. Desse modo, surgem as questões norteadoras desta pesquisa¹: Como a catequese de adultos tem se configurado na

¹ Nossa investigação insere-se na Área de Concentração Teologia Ético-Social e na Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

sua missão de acompanhar e educar a formação do cristão adulto na fé, discípulo do Senhor, dentro da Paróquia Santo Inácio de Loyola, da Arquidiocese de Belém? A catequese com os adultos configura-se, como um processo pessoal e comunitário de aprendizagem, com a finalidade de formação e amadurecimento da vida no Espírito de acordo com os princípios da gradualidade e da progressividade, que sejam capazes de incidir sobre a vida pessoal e social? A catequese de adultos está inspirada na experiência missionária do catecumenato, enquanto espaço que gera a fé?

Sendo a missão da catequese de adultos de acompanhar a educação e a formação na fé, essa deve ser capaz, por sua vez, de levar o catequizando a assumir sua experiência de fé e sentir o desejo de continuar a caminhar e crescer. A comunidade cristã é o elemento estrutural do processo catequético do adulto e não apenas a ambientação em que ela acontece. É necessário, portanto, que a catequese de adultos seja capaz de renovação, deixando-se tocar e provocar pela sensibilidade dos adultos do tempo atual, além de ser uma comunidade capaz de acolher, estar presente e dar apoio.

De acordo com o Diretório para a Catequese (2020), a Catequese de adultos consiste em “suscitar a fé”, “purificar a fé”, “alimentar a fé” e “ajudar a partilhar e a testemunhar a fé”, “preparando espaços de partilha e de serviço na Igreja e no mundo como realização da tarefa de ser manifestação do Reino de Deus” (DC 261d). Por conseguinte, para se alcançar essa meta, há necessidade de acompanhamento no percurso da fé e no processo permanente de formação da identidade pessoal de cada catequizando. Ao mesmo tempo, é necessário que a catequese se mostre como uma ação capacitadora tendo como finalidade educar o ser humano para viver como Filho de Deus.

A partir desses pressupostos, a presente pesquisa estabelece como *objetivo geral* analisar o processo de educação na fé como formação humana-cristã e social, tendo como base os documentos do Concílio Vaticano II, do Magistério pós-conciliar e da CNBB e a experiência de formação de Catequese de Adultos na Paróquia Santo Inácio de Loyola. Os *objetivos específicos* visam identificar os fundamentos teológico-pedagógicos do ministério da catequese de adultos na Igreja a partir do Concílio Vaticano II; investigar os avanços do processo ensino-aprendizado na catequese de

adultos e o perfil específico do catequista para esta tarefa; verificar a formação de catequistas para a catequese de adultos a partir do Diretório para a Catequese e averiguar as propostas e metodologias sugeridas para sua atividade psicopedagógica na Paróquia Santo Inácio de Loyola.

O percurso metodológico fundamenta-se na pesquisa bibliográfica e documental, com uma abordagem teológico e bíblica de acordo com as várias contribuições teórico-científicas. Muitos católicos não receberam claramente o primeiro anúncio de Jesus Cristo, nem sequer passaram pelo processo de crescimento e amadurecimento pessoal da fé, através de uma verdadeira experiência catequética: por isso não sentem sua pertença à Igreja, e facilmente são atraídos por outros movimentos religiosos.

Nesse sentido, tem-se como hipótese de pesquisa que o percurso catequético para os adultos está mais no nível da Iniciação Cristã do que no nível da catequese permanente e mistagógica. A partir do ano 2001, a Igreja Católica do Brasil fez a opção de evangelizar os adultos, indo em busca daqueles que estão afastados da vida eclesial. A estes batizados, em sua maioria adultos, que carecem de uma catequese que lhes acompanhe no redescobrimento e seguimento de Jesus Cristo, aplica-se a expressão da Carta aos Hebreus 5, 12: “Ao cabo de tanto tempo, deveríeis ser mestres, mas, precisais novamente que vos ensinem os rudimentos iniciais das palavras de Deus. Chegastes ao ponto de precisar de leite, não de alimento sólido”.

Servindo à nova evangelização, a catequese de adultos levará a sério o homem de hoje e sua realidade. Aqui estão as chaves da espiritualidade proposta pelo Diretório da Catequese (2020, 40): “A espiritualidade da nova evangelização realiza-se por uma *conversão pastoral*, mediante a qual a Igreja é convidada a realizar-se em saída, seguindo um dinamismo que atravessa toda a Revelação e situando-se num *estado permanente de missão*”.

A realidade existencial da Paróquia Santo Inácio de Loyola, no bairro do Icuí, na cidade de Ananindeua, no Pará, é o objeto de estudo para esta dissertação. A convivência comunitária que enriquece a atividade pastoral, foi amadurecendo a ideia para uma reiniciação da Catequese de Adultos com um pluralismo de razões cuja síntese tentar-se-á expor. O bairro do Icuí, assim como vários bairros de Ananindeua, na questão religiosa e social, têm histórico de serem bairros de grande concentração

de migrantes, advindos dos rincões do Pará e do Maranhão. Seus habitantes estavam ou foram acostumados com a presença da Igreja em seus locais de origem no formato de desobrigas (presença esporádica do sacerdote para ministrar os sacramentos uma vez por ano), por falta de sacerdotes este modelo perdurou por décadas, e os sacramentos eram pedidos muitas vezes por tradição ou superstição. Essas camadas de fiéis católicos que não recebiam uma catequese adequada e conviviam fortemente com as pajelanças e curandeirismos típicos do interior, foram acostumadas com a fé muito ligada à devoção (atividade religiosa popular).

Essas práticas tornam-os presas fáceis a troca de “religião” pois, aliada às dificuldades diárias, situações de doenças e desestrutura psicológica, os fazem recorrer a práticas religiosas intimistas e com promessas de cessarem os sofrimentos cotidianos, mediante um “propósito com Deus” para a prosperidade financeira. Sem aprofundamento bíblico e conhecimento da doutrina, há um abandono da fé católica e/ou esfriamento dela. Por outro lado, a Igreja Católica local enfrenta uma crise de lideranças pastorais, tornando o trabalho evangelizador encolhido ou quase nulo, aliada, sobretudo as questões já mencionadas. Observamos esta mesma Igreja sendo encolhida cotidianamente. É urgente a necessidade de um trabalho comprometido com os adultos afastados, uma formação de fé, da Palavra de Deus e da doutrina católica, formação necessária a criação de lideranças capazes de fazer novamente da Paróquia Santo Inácio de Loyola uma “Igreja em saída”, “missionária”, “misericordiosa” e “profética”, capaz de evangelizar e testemunhar o rosto do Ressuscitado.

Aqui, chamar-se-á de reiniciação de adultos o processo formativo voltado àqueles batizados que, tendo se afastado da fé e da Igreja, em determinado momento, sentem o desejo de retornar para completar sua Iniciação Cristã, como também oferecê-lo àqueles que a estão conhecendo agora. Este dinamismo de formação catequética de adultos perpassa pela: busca ativa de batizados afastados, fazendo-os sentirem-se acolhidos e parte desta família de discípulos; marcar ritualmente os tempos da iniciação ou readaptação da vida cristã, para despertar-lhes à conversão a fé; formação de pequenos núcleos de evangelização, por rua agregando o estudo da palavra e da doutrina, ensinando-os a ser testemunha do ressuscitado e levando-os a tornarem-se missionários, devolvendo o ardor para a Igreja; dois catequistas iniciam

o processo (aqui devem estar livres somente para esta missão, é necessário perder para ganhar), escolhem as ruas, elegem o núcleo, nomeiam (nome de vida e missão, ex.: núcleo ressurreição, núcleo vida e fé, este processo evita criar mais devoção, focando no padroeiro da Paróquia, criando mais vínculo); formado o grupo, passa-se os catequistas a formar outro núcleo, promovendo integração entre eles e não os abandonando, mas acompanhando mais a distância (desta forma 2 catequistas podem acompanhar mais de um núcleo); aprofundar o conhecimento das características psicológicas da idade e as condições sociais dos seus destinatários; dentro deste processo é necessário estabelecer temas para cada encontro (ex: Fé, igreja, testemunho, discípulo, missão etc.); iniciar no modelo de catequese com inspiração catecumenal, conforme estabelece o diretório de catequese (querigma, discipulado/mistagogia); introduzir todos os envolvidos nos mistérios da fé através também de celebrações e do ensinamento doutrinal; formação bíblica de forma gradual, cuidadosa, para que se possa passar a uma leitura mais adequada, de modo construtivo; introduzir os cristãos numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais; entregar os encontros bem elaborados e capacitar estes catequistas; planejar os encontros para se dar de forma gradual/processual, isto é, conferindo-lhes uma metodologia/ itinerário de progressividade; aos poucos introduzir o grupo na missão Paroquial, inserindo-os em pastorais e serviços, ou seja, conferindo-lhes a mesma missão e destino do Senhor.

Vale ressaltar que esta é a identidade do cristão: valorizar o caminho de evangelização no qual a pessoa adquire valores e atitudes em consonância com o Evangelho; orientar as pastorais e serviços sobre a importância de acolher estes novos irmãos, onde por meio de uma comunhão cada vez maior, bem como pelo descobrimento dos novos valores dados pelo anúncio da fé, todos possam ser capazes de incorporá-los, fazê-los seus, a ponto de ressignificar sua vida, mudar o modo de ser e de existir no mundo; promover o discipulado como exercício de aprendizagem no seguimento de Jesus, que durará toda a vida do cristão, assim como acontece com a amizade, que só aumenta com o passar dos anos; a formação deve levar a redimensionar a celebração dos sacramentos, no qual todos selem ou inaugurem uma realidade nova na vida de quem busca a forma de ser e se relacionar como cristão.

Hoje, certamente, há um apelo para que se cultive a fé, não apenas por tradição, mas, sim, pelo impacto da atração e descoberta do Senhor na vida das pessoas, sobretudo, nos descaminhos da vida. É partindo desse pressuposto que afirmamos ser pertinente suscitar a fé pelo testemunho e convicção dos catequistas, bem como pela riqueza de sentidos que se adquire por meio das experiências de vida de cada pessoa que estará envolvida neste processo formativo, iluminada pela Palavra refletida e celebrada.

Daí a importância da *paróquia* como “laboratório pastoral por antonomásia”, onde se acolhem as sugestões, corrigem-se as falhas e aperfeiçoam-se as experiências exitosas. Da mesma forma como a Igreja Particular é expressão da Igreja Universal, a paróquia é realização dos projetos diocesanos. É na paróquia que se dá o corpo a corpo da ação missionária. Onde vivem-se os sonhos, os dramas, as formações, as expectativas, as frustrações, as incompreensões, as superações e as celebrações do dinamismo evangelizador.

Porém, cabe reconhecer uma significativa distância entre os projetos e suas realizações na paróquia. Em sua conjuntura, as atividades nela realizadas mostram-se bastante centradas na vida interna da própria comunidade, movendo-se entre os serviços e atenções aos praticantes e participantes de suas programações. O grande desafio pastoral está em projetar a paróquia do futuro. O horizonte da Igreja e da paróquia sempre está além e, por isso, suas ações pastorais devem ser revisadas para corrigir o inadequado e vislumbrar a função e a imagem do que é vocacionada a ser.

É preciso perceber o *kairós* a partir dos sinais dos tempos e buscar os meios que orientem as ações pastorais em seu percurso cotidiano. Especificamente, partilhar-se-á a experiência da catequese de adultos na Paróquia Santo Inácio de Loyola, da Arquidiocese de Belém do Pará, no município de Ananindeua. Para compreender com propriedade a temática da Catequese de Adultos e aplicá-la de modo adequado à situação existencial da paróquia, mesmo ciente da rica literatura atual, deu-se maior atenção aos textos conciliares e pós-conciliares mais próximos para conservar a lógica da inspiração e o entusiasmo do momento imediatamente depois do Vaticano II.

A novidade trazida pelo Concílio, especialmente com a dinâmica catecumenal, mostra a lucidez que a Igreja tem sobre sua própria condição e a assistência do Espírito Santo em sua condução. Por outro lado, permite-nos encontrar na comunhão eclesial respostas coesas e apuradas para uma ação pastoral eficaz. Ao mesmo tempo que motiva a um contato direto com os textos conciliares, na maioria das vezes, conhecidos apenas pela citação dos comentaristas. E “como não há nada novo debaixo do sol” (Ecle. 1, 9), as circunstâncias, limitações e desafios repetem-se muitas vezes por não se recorrer ao grande tesouro do Magistério da Igreja. Acolhendo e querendo aplicar estas instruções, sem dúvida, conseguir-se-á um proveitoso progresso evangelizador.

Nesta Dissertação, também se procura incentivar uma maior aproximação, compreensão e acolhimento do grande mistério chamado *ser humano*, em especial o *adulto*. A vida na paróquia traz-nos muitos adultos marcados por experiências inimagináveis cujas consequências agora estão revelando-se. Dos mais virtuosos aos mais viciados, o ser humano chama atenção por sua grandeza e o quão vil também pode tornar-se. Singularmente, nestas terras da Amazônia onde a pandemia causou danos profundos em sua estrutura psíquica, este ser humano deve ser tratado com paciência, acolhida, compreensão e desejo de ajudá-lo. Isso confirma o que os Diretórios da Catequese tão insistentemente afirmam de que a catequese é uma formação integral de todo o homem e do homem todo.

Diante disso, na paróquia Santo Inácio de Loyola, essa condição humana há de ser continuamente venerada para a maior glória de Deus. Para tanto, quis-se que esta exposição fosse em três dimensões complementárias: a *histórica*, a *metodológica* e a *pastoral*. Necessitamos conhecer como esta temática foi vista, refletida e é proposta pelo Magistério. Depois, encontrar aquele ponto convergente apontado pelo Concílio onde o auxílio das ciências humanas, especialmente a psicologia e a pedagogia, dão o princípio metodológico para que a Revelação divina seja transmitida e para se compreender e ajudar o interlocutor desta comunicação. Por último, faz-se necessário desenvolver na vida eclesial, sublinhe-se paroquial, atividades permanentes para o aperfeiçoamento desta atividade.

Nesta lógica, a estrutura, a seguir, está distribuída da seguinte forma: 1) A catequese de adultos como pedagogia da fé; 2) A catequese de adultos e seu

potencial evangelizador; 3) A catequese de adultos como prioridade no processo evangelizador.

2 A CATEQUESE DE ADULTOS COMO PEDAGOGIA DA FÉ

Este capítulo tem como objetivo identificar os fundamentos teológico-pedagógicos do ministério da catequese de adultos na Igreja a partir do Concílio Vaticano II. Traça, num primeiro momento, uma breve síntese da história da catequese, enfatizando seu sentido originário de “fazer ressoar aos ouvidos” o anúncio do *querigma* as primeiras comunidades. Descreve a trajetória da catequese ao longo dos períodos históricos, enfatizando seus processos de renovação, a partir do movimento catequético pós-concílio Vaticano II, com a elaboração das *Diretrizes Gerais* 1979-1982 fundamentadas nas linhas teológico-pastoral da catequese, com forte impactos na Igreja da América Latina e no Brasil, com a reafirmação comunitária, eclesiológica fundamentada na comunhão e participação das pequenas comunidades.

Além disso, ressalta importância do Concílio Vaticano II para um embasamento bíblico, teológico-pastoral para uma verdadeira renovação catequética e a instituição do catecumenato para os adultos. Mostra os avanços e as perspectivas da catequese de adultos, da educação da fé no processo de humanização do homem e da mulher e a busca da transformação social. Compreende-se, assim, a catequese de adultos como espaço de acolhida, de vivência comunitária da fé, pois “toda a comunidade é catequizadora”.

2.1 BREVE SÍNTESE HISTÓRICA DA CATEQUESE

Mais que as crianças, os adultos são os que precisam de um processo bem vivido de Iniciação Cristã. É uma necessidade religiosa, mas também antropológico-filosófica e teológica. Entrar num novo projeto de vida, religioso ou não, requer um processo de aproximação e de conhecimento da Verdade. São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos nem se inserem ativamente na comunidade eclesial. Nos primórdios da Igreja, o núcleo central da pregação dos apóstolos era o *querigma*, ou seja, o primeiro anúncio do Reino de Deus pregado por Jesus. O *querigma* anunciava a intervenção salvífica de Deus em seu Filho. Embora houvesse uma pluralidade de abordagens no anúncio do *querigma*, a ele se seguia sempre a *conversão*.

No Novo Testamento, catequizar significa *informar, instruir, ensinar de viva voz*. Em seu sentido grego original significa “fazer ressoar aos ouvidos”. Após o anúncio querigmático, segue-se um segundo momento: a catequese. Por meio do ensino e da instrução, ela faz ressoar e aprofundar o primeiro anúncio de Jesus Cristo. Além da pregação inicial, a comunidade primitiva preocupou-se logo cedo com a educação da fé. Os quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) são textos catequéticos de aprofundamento do Reino, do discipulado e seguimento de Jesus.

No século II, o número de conversões aumentava e muitos batizados deixavam-se levar pela heresia, ou se amedrontavam pela perseguição. Foi então que teve início o *Catecumenato institucionalizado*, uma das instituições mais eficazes e frutuosas da História da Igreja: tempo extremamente oportuno de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida no meio do mundo pagão e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo.

É importante ressaltar que o período áureo do catecumenado foi entre o século III a. C.. A catequese de inspiração catecumenal estava estruturada em quatro tempos: *pré-catecumenato* (primeiro anúncio), *catecumenato propriamente* dito (instrução, catequese, conversão), *iluminação-purificação* (tempo quaresmal-pascal) e *mistagogia* (pós-sacramento). Durava um período de dois a três anos. O *processo catecumenal compreendia o ensino, a liturgia e o exercício de transformação de vida*. Era pela assimilação progressiva da Palavra de Deus em sua vida que o catecúmeno caminhava para os sacramentos da noite pascal: *Batismo, Confirmação e Eucaristia*. Deste modo, a preocupação dos primeiros cristãos foi realmente tornar conhecidos os mistérios da fé.

A partir do século VI, quando o cristianismo passou a ser religião autorizada pelo Estado e religião oficial do Estado e que a sociedade se tornou cristã, as pessoas já nasciam cristã, por conseguinte, o catecumenato não se fazia mais necessário. O rito de batismo de adultos foi adaptado às crianças e os pais e padrinhos respondiam às perguntas que o catecúmeno devia responder. Ao desaparecer o catecumenato, desapareceu a instituição catequética, sobretudo em sua dimensão litúrgico-orante. Além disso, surgiu outro fato novo: separou-se o batismo (administrado pelo pároco), da confirmação (reservada ao bispo) e da eucaristia (reduzida à “primeira comunhão” de crianças). É o fim da tradicional “catequese de iniciação cristã”.

Assim, dos séculos V ao século XVI, a catequese já não consistia numa iniciação à comunidade de fé. A sociedade inteira, em todos os aspectos, considerava-se animada pela religião cristã, a ponto de se estabelecer uma aliança entre o poder civil e o poder eclesial. Foi o que se chamou de cristandade. Nesse período, não havia estruturas nem instituições de catequese, quer de crianças, quer de adultos. A fé era transmitida no seio da família e nas atividades do dia a dia. A educação da fé era feita pelos gestos, pela liturgia, pela devoção e pela arte, e não por meio de atividades pedagógicas próprias. Também as universidades, nascidas no seio da Igreja, dedicavam-se ao conhecimento abstrato como uma espécie de “serviço divino”, ordenado à glória de Deus. O saber não autorizado era considerado ameaçador, pois colocava em perigo a estrutura social. A devoção desempenhava um papel importante no processo catequético de educação da fé: oração, ascese e contemplação introduziam a experiência pessoal na vida religiosa. A catequese fazia-se, então, por um processo de imersão nessa cristandade.

A partir do século XVI, com a Idade Moderna e a forte influência do iluminismo, nasceu a era dos catecismos, ou seja, nasceu a catequese como instrução, que se preocupava mais com clareza e a exatidão das formulações doutrinárias. O Concílio de Trento (1545-1563), entre outras coisas, ordenou a publicação de um catecismo em latim e em vulgar, baseado na Bíblia e nos padres ortodoxos para que os fiéis, instruídos por seus mestres, recordassem a profissão de fé no Batismo e se preparassem para o estudo da Bíblia. Ele é conhecido como Catecismo de Trento ou Romano. Durante séculos, perdurou a falta de integração da catequese com a liturgia, parte essencial do processo de evangelização, permanecendo fechada em seus limites doutrinários.

Na Idade Contemporânea, surge a catequese como educação permanente na fé e é marcada pelas transformações ocorridas na Europa nos séculos XVIII e XIX. A catequese escolarizou-se, trazendo aspectos positivos e negativos: sob o regime escolar, a catequese perdeu seu húmus próprio, que é a comunidade de fé. Passada a Revolução Francesa (1789 e 1799), a catequese beneficiou-se de grande renovação espiritual e pastoral na França do séc. XVIII. Na França, nasceu o “catecismo histórico” de Claude Fleury (1640-1723), que adotou o método narrativo, tornando o catecismo mais atraente e sem deixar a exposição doutrinária. Daí derivaram depois as Histórias

Sagradas: a Bíblia é a mais conhecida, então, através de seleções de fatos, omitindo o que poderia escandalizar adultos e crianças.

No Brasil, no século XIX, a catequese teve como característica a reforma católica. Além da reforma do clero e do povo católico, a renovação do ensino da doutrina cristã assumiu uma importância fundamental para a implantação da reforma. Os bispos realizavam suas catequeses nas visitas pastorais, ao passo que ela, de uma maneira mais sistemática, era ministrada nas paróquias e colégios religiosos. Os catecismos, que então surgiram, foram instrumentos de um incipiente movimento, incrementado a partir de 1840. Sua característica foi a dimensão doutrinal e as orientações do Concílio de Trento. Junto com os textos de catequese eram também difundidos os devocionários, manuais de oração, novenários, livros de piedade, terços, horas marianas etc. (AMOROSO, 1998; GRIGÓRIO, 2012).

Na metade do século XX, o movimento catequético foi uma das áreas que mais movimentou-se dentro da Igreja em direção a uma significativa renovação eclesial, resultando depois o Concílio Vaticano II. Através de todo um movimento catequético querigmático, houve a passagem do catecismo para a catequese, da tradicional instrução religiosa para a ação catequética mais respeitosa da densidade existencial da Palavra de Deus e da resposta do catequizando ao apelo da fé (LIMA, 1995).

Até o Vaticano II, predominava sobre a identidade da Igreja uma visão mais jurídica que teológica a qual se considerava como uma “sociedade perfeita”, absoluta e auto justificável (FUENTE, 2004, p. 4; OTT, 1997, pp. 419-421). Mas a marcha progressiva das quatro sessões conciliares deu à luz a dezesseis documentos: quatro constituições, nove decretos e três declarações, cujo eixo era uma eclesiologia renovada, (*sui generis* em certos aspectos) elaborada e exposta nas quatro constituições.

Essa mudança de perspectiva passou a ser a chave para a autocompreensão da Igreja em toda a sua expressão conciliar. O documento sobre a natureza e constituição da Igreja, *Lumen gentium*, deixa clara sua intenção original: “atualizar a Igreja, indicando o que é preciso renovar ou inovar, num confronto com o ideal evangélico e as exigências de sua presença no mundo” (JOSAPHAT, 2013, p. 23). A LG n. 1 afirma que a “Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano [...]”.

2.2 A CATEQUESE PROPOSTA NO CONCÍLIO VATICANO II

Mesmo não havendo dedicado um único documento à questão objetiva da catequese, “o espírito catequético do Concílio perpassa toda sua herança bibliográfica” (ALBERICH, 1983, p. 13) numa visão teológica renovada da revelação e da fé (DV), da evangelização (AG), da nova concepção eclesiológica (LG, SC, AG, GS), dos novos horizontes antropológicos e culturais abertos mediante o relacionamento renovado com a cultura moderna, com as confissões não católicas etc. (GS, DH, UR, NA, AG).

A leitura direta dos documentos conciliares facilitou o *aggiornamento* de três princípios gerados pela novidade conceitual: a) a renovação da ação eclesial pelas quatro Constituições; b) a renovação da responsabilidade catequética pelos nove decretos; c) a renovação da fraternidade com outras religiões pelas três declarações.

2.2.1 A Renovação Da Ação Eclesial Pelas Quatro Constituições

A Constituição *Dei Verbum* sobre a divina revelação (DV) renovou o testemunho pela palavra e a vida (martyria) derivado de Jesus Cristo Profeta, Mestre e, sobretudo, Palavra ou Verbo de Deus. Defendeu que Deus atua até hoje com obras e palavras numa história de salvação (DV 2). Renovou a interpretação bíblica, superando o fundamentalismo apegado à letra ao declarar que:

Deus fala na Escritura por meio de homens e em linguagem humana; portanto, o intérprete da Escritura, para conhecer o que Deus quis comunicar-nos, deve estudar com atenção o que os autores queriam dizer e o que Deus queria dar a conhecer com essas palavras. Para descobrir a intenção o autor, há de levar em conta, entre outras coisas, os *gêneros literários*.... Para compreender o que o autor propõe em seus escritos, deve-se ter muito em conta o modo de pensar, de expressar-se, de narrar que se usava em seu tempo e também as expressões que mais se usavam na conversação ordinária (DV 12).

Neste sentido,

Os livros do Antigo Testamento, segundo a condição dos homens antes da salvação estabelecida por Cristo, mostram a todos o conhecimento de Deus e do homem e o modo como Deus, justo e misericordioso, trata aos homens. Estes livros, ainda que contenham elementos imperfeitos e passageiros, nos ensinam a pedagogia divina (DV 15).

Esse novo conceito da Sagrada Escritura exige, por um lado, que os catequistas façam cursos bíblicos para superar falsos problemas, como o de necessitar optar entre a teoria científica da evolução ou a doutrina religiosa da criação, como se uma se opusesse à outra.

Por outro, exige que: “Todos os clérigos, especialmente os sacerdotes, diáconos e catequistas dedicados por ofício ao ministério da palavra, devam ler e estudar assiduamente a Escritura, para não se tornarem ‘pregadores vazios da Palavra, que não a escutam por dentro’ (DV 25). Assim o documento pôs no centro da vida da Igreja a Palavra de Deus contida na Bíblia e na Tradição apostólica (DV 21).

O capítulo VI muito nos interessa nesta pesquisa, uma vez que origina a animação bíblica da pastoral, incluída nesta a catequese. A catequese catecumenal possibilitou aos fiéis fácil acesso à Sagrada Escritura (DV 22), que passou a ser o principal manual de catequese, apontando que a catequese deve ser principalmente bíblica.

A Constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja (LG) é o centro do Concílio. Com suas propostas, renovou a comunidade (koinonia), missão derivada de Jesus Pastor. Superou uma visão jurídica estática da Igreja como “sociedade perfeita” ao defini-la em forma mais teológica e dinâmica como “sacramento ou signo e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1).

Convém ressaltar que a LG considerou mesmo as pequenas comunidades cristãs como Igreja: “Esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas reuniões locais dos fiéis, que, unidas a seus pastores, recebem também no Novo Testamento o nome de Igrejas” (LG 26). Mudou a visão piramidal da Igreja com o Papa e os bispos no topo e os leigos em baixo, por um conceito de povo sacerdotal de Deus em que todos os batizados têm igual dignidade e missão mesmo que diferentes funções (LG 30-38). Isto multiplicou os catequistas seculares, antes coisa excepcional.

Com efeito, a LG fundamentou a catequese familiar em todas suas formas: “Nesta espécie de Igreja doméstica, os pais devem ser para seus filhos os primeiros pregadores da fé, mediante a palavra e o exemplo, e devem fomentar a vocação

própria de cada um, mas com um cuidado especial a vocação sagrada” (LG 11b; GE 3a; AA 11b).

Ademais, favoreceu a vinculação do catequista com a comunidade educadora no amadurecimento da fé: “A Igreja se converte em Mãe pela Palavra de Deus acolhida com fé, já que, pela pregação e o batismo, gera para uma vida nova e imortal os filhos concebidos pelo Espírito Santo e nascidos de Deus” (LG 64). E, magistralmente, a LG recomenda a reconhecer a grandeza da Mãe de Deus, incitando a amar filialmente a Maria como nossa mãe e a imitar suas virtudes:

Muito de caso pensado ensina o sagrado Concílio esta doutrina católica, e ao mesmo tempo recomenda a todas os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico, que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela, aprovados no decorrer dos séculos pelo magistério, e que mantenham fielmente tudo aquilo que no passado foi decretado acerca do culto das imagens de Cristo, da Virgem e dos santos. Aos teólogos e pregadores da palavra de Deus, exorta-os instantemente a evitarem com cuidado, tanto um falso exagero como uma demasiada estreiteza na consideração da dignidade singular da Mãe de Deus. Estudando, sob a orientação do magistério, a Sagrada Escritura, os santos Padres e Doutores, e as liturgias das Igrejas, expliquem como convém as funções e os privilégios da Santíssima Virgem, os quais dizem todo respeito a Cristo, origem de toda a verdade, santidade e piedade. Evitem com cuidado, nas palavras e atitudes, tudo o que possa induzir em erro acerca da autêntica doutrina da Igreja os irmãos separados ou quaisquer outros. E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes (LG 67).

Já a *Constituição Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje (GS promoveu o serviço (diakonia) no social (GS 47- 52; 77-90), no cultural (GS 53-62), no econômico (GS 64-72) e no político (GS 73-76) com base na dignidade do ser humano como imagem de Deus partindo da sua interioridade (GS 14-16). Sustenta: “O cristão que falta às suas obrigações temporais; falta a seus deveres com o próximo; falta, sobretudo, às suas obrigações para com Deus, põe em perigo sua eterna salvação” (GS 43). Abriu o diálogo evangelizador da Igreja com as culturas de hoje (GS 53-54), com as artes e as ciências humanas (GS 57; 62) para um melhor serviço à justiça e aos pobres (GS 63) e a defesa dos direitos humanos (GS 73).

A *Constituição Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia (SC), por sua vez, promove, mediante a catequese, uma liturgia festiva e pascal (SC 6), participativa (SC 14-15; 30), inculturada (SC 19; 36.2; 37), missionária (SC 48) e educativa: “É de suma

importância que os fiéis compreendam facilmente os signos sacramentais e recebam com a maior frequência possível aqueles sacramentos que foram instituídos para alimentar a vida cristã” (SC 59b). Exige formar os cristãos para o sacramento do perdão: “Inculque-se aos fiéis, junto com as consequências sociais do pecado, a natureza própria da penitência, que detesta o pecado enquanto é ofensa a Deus” (SC 109b). Recomenda: “Inculque-se [...] por todos os meios a catequese mais diretamente litúrgica” (SC 35, 3).

O catecumenato de Iniciação Cristã, vivenciado nas missões da Ásia desde o século XVI e na África a partir do século XIX, foi proposta para os países de cristandade mais antiga:

Restaure-se o catecumenato de adultos, dividido em distintas etapas, cuja prática dependerá do juízo do ordinário do lugar; dessa maneira, o tempo do catecumenato, estabelecido para a conveniente instrução, poderá ser santificado com os sagrados ritos que se celebrarão em tempos sucessivos (SC 64).

Isso requer preparar catequistas especializados no catecumenato de adultos, além da evangelização de crianças, adolescentes e jovens.

2.2.2 A Renovação da responsabilidade catequética pelos nove Decretos

O Decreto *Christus Dominus* sobre o ofício pastoral dos bispos (CD) propõe uma catequese de qualidade quando assim se expressa:

Vigiem para que se dê com diligente cuidado a instrução catequética, cujo fim é que a fé, ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e ativa, tanto às crianças e adolescentes como também aos adultos; que ao dá-la se observem a ordem devida e o método acomodado não só à matéria de que se trate, mas também ao caráter, aptidões, idade e condições de vida dos ouvintes, e que a mesma instrução se fundamente na Sagrada Escritura, na Tradição, Liturgia, Magistério e vida da Igreja. Cuidem também que os catequistas se preparem da devida forma para sua função, de modo que conheçam com clareza a doutrina da Igreja e aprendam teórica e praticamente as leis psicológicas e as disciplinas pedagógicas (CD 14).

O Documento orienta “expor os ensinamentos cristãos com um método adaptado às necessidades de nosso tempo, que dê uma resposta às dificuldades e problemas que mais oprimem e angustiam aos homens” (CD 13). Pede para conectar

a catequese com as demais ações diocesanas sob a direção do Bispo (CD 17a). Discutiu-se publicar um catecismo universal, mas ordenou-se compor um Diretório Catequético (CD 44c).

O Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e vida dos presbíteros (PO) lembrava que:

cabe aos sacerdotes, como educadores da fé, cuidar por si ou por outros que cada fiel seja levado, no Espírito Santo, a cultivar a própria vocação segundo o Evangelho, a uma caridade sincera e operosa, e à liberdade com que Cristo nos libertou. De pouco servirão as cerimônias, embora belas, bem como as associações, embora florescentes, se não se ordenam a educar os homens a conseguir a maturidade cristã. Os presbíteros ajudá-los-ão a promoverem esta maturidade, para que até nos acontecimentos, grandes ou pequenos, consigam ver o que as coisas significam e qual é a vontade de Deus. Sejam ensinados também os cristãos a não viverem só para si, mas, segundo as exigências da nova lei da caridade, cada um, assim como recebeu a graça, a administre mutuamente, e assim todos cumpram cristãmente os seus deveres na comunidade humana (PO 6b).

E prossegue:

Embora os sacerdotes do Novo Testamento, em virtude do sacramento da Ordem, exerçam no Povo e para o Povo de Deus o múnus de pais e mestres, contudo, juntamente com os fiéis, são discípulos do Senhor, feitos participantes do seu reino pela graça de Deus que nos chama. Regenerados com todos na fonte do Batismo, os presbíteros são irmãos entre os irmãos, membros dum só e mesmo corpo de Cristo cuja edificação a todos pertence. Devem os presbíteros de tal modo estar à frente que, não procurando os próprios interesses mas os de Jesus Cristo, trabalhem na obra comum com os leigos e vivam no meio deles segundo o exemplo do Mestre, que 'veio' para o meio dos homens, 'não para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos' (Mt. 20,28). Os presbíteros reconheçam e promovam sinceramente a dignidade e participação própria dos leigos na missão da Igreja. Estejam dispostos a ouvir os leigos, tendo fraternalmente em conta os seus desejos, reconhecendo a experiência e competência deles nos diversos campos da atividade humana, para que, juntamente com eles, saibam reconhecer os sinais dos tempos. Sabendo discernir se os espíritos vêm de Deus, perscrutem com o sentido da fé, reconheçam com alegria e promovam com diligência os multiformes carismas dos leigos, tanto os mais modestos como os mais altos. Entre os demais dons de Deus que se encontram com profusão entre os fiéis, são dignos de especial atenção os que atraem a uma vida espiritual mais alta. Entreguem-se aos leigos, com confiança, obras do serviço da Igreja, deixando-lhes espaço e liberdade de ação, convidando-os oportunamente a que tomem eles as suas iniciativas. Os presbíteros, finalmente, foram postos no meio dos leigos para os levar todos à unidade 'amando-se uns aos outros com caridade fraterna, e tendo os outros por mais dignos' (Rom. 12, 10). É, pois, dever deles congregar de tal maneira as diferentes mentalidades que ninguém se sinta estranho na comunidade dos fiéis. São os defensores do bem comum do qual têm cuidado em nome do Bispo, e simultaneamente reivindicadores da verdade para que os fiéis não se deixem enredar por qualquer doutrina. São-lhes

confiados com peculiar solícitude os que se afastaram da prática dos sacramentos e sobretudo da fé, dos quais, como bons pastores, não deixarão de se aproximar. Segundo as normas sobre o ecumenismo, não esqueçam os irmãos que não vivem em plena comunhão eclesial connosco. Terão ainda como confiados a si todos os que não reconhecem Cristo como seu Salvador (PO 9abcde).

Esse mesmo decreto enfatiza o interesse na catequese pelas necessidades apostólicas da Igreja e pelas vocações sacerdotais:

A eles, portanto, se recomendam vivamente as Obras de vocações, quer diocesanas, quer nacionais. Nas pregações, na catequese, nas publicações, importa declarar com a maior clareza as necessidades da Igreja tanto local como universal; ponham-se em evidência o sentido e a importância do ministério sacerdotal, como sendo aquilo em que se conjugam tão grandes alegrias com tão grandes obrigações e em que, sobretudo, como ensinam os santos Padres, se pode dar a Cristo o maior testemunho de amor (PO 11b).

Já Decreto *Optatam totius* sobre a formação sacerdotal (OT) exige formar especialmente aos seminaristas, no ministério da catequese e da pregação (OT 19), e exorta a todos os educadores cristãos a cultivar as vocações de especial consagração (OT 2a).

Por sua vez, o Decreto *Perfectae caritatis* (PC) sobre a vida religiosa declara que a consagração religiosa expressa com “maior plenitude” a consagração do batismo (cf. 5). Falar de batismo é falar de missão, porque a graça batismal é essencialmente eclesial, ou seja, vivida no seio de uma Igreja que é substancialmente missionária que prepara os catecúmenos e acompanha os neófitos.

O Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos (AA) afirma o direito e o dever do apostolado de todo batizado (AA 3a). A catequese deve formar para o apostolado (AA 30c). Os leigos requerem formação apropriada: “Como os leigos participam a seu modo da missão da Igreja, sua formação apostólica recebe uma característica especial pela mesma índole secular e própria do laicato e pelo caráter de sua espiritualidade” (AA 29a).

Considerando que a formação para o apostolado não deve fundar-se somente na instrução teórica, os leigos

devem ir aprendendo gradual e prudentemente, desde o começo da formação, a ver, julgar e agir todas as coisas à luz da fé, a formar-se e aperfeiçoar-se com os outros por meio da ação e a entrar assim ao serviço ativo da Igreja. Esta formação, que deve aperfeiçoar-se continuamente por causa da crescente

maturidade da pessoa humana e em razão da evolução dos problemas, exige um conhecimento cada vez mais profundo e uma ação adaptada. Ao realizar todas estas exigências da formação, devem ter-se sempre em conta a unidade e a integridade da pessoa humana, de tal modo que se ressalve e desenvolva a sua harmonia e equilíbrio (AA 29f).

O Apostolado para a evangelização e santificação exige uma formação adequada, uma vez que:

devem os leigos receber uma formação especial para estabelecerem o diálogo com os outros, quer crentes quer não crentes, e comunicarem a todos a mensagem de Cristo. Como, porém, em nossos dias se vão espalhando largamente por toda a parte várias formas de materialismo, até mesmo entre os católicos, convém que os leigos não só aprendam com maior diligência a doutrina católica, especialmente aqueles pontos que são objeto de controvérsia, mas também deem testemunho de vida evangélica contra qualquer forma de materialismo; b) quanto à *edificação cristã da ordem temporal*, sejam os leigos bem instruídos sobre o verdadeiro significado e valor dos bens temporais, quer em si mesmos considerados, quer no que diz respeito a todos os fins da pessoa humana. Exercitem-se no reto uso das coisas e na organização das instituições, atendendo sempre ao bem comum segundo os princípios da doutrina moral e social da Igreja. Aprendam os leigos, antes de mais, os princípios da doutrina social e as suas conclusões, de modo a tornarem-se aptos quer para prestarem o seu contributo ao progresso da doutrina quer para aplicá-los convenientemente aos casos particulares; c) *visto que as obras de caridade e misericórdia dão um esplêndido testemunho de vida cristã*, deve também a formação apostólica levar ao seu exercício, para que os fiéis aprendam, logo desde a infância, a compadecer-se dos pobres e necessitados e a ajudá-los com generosidade (AA 31).

Por fim,

deve-se orientar esta formação de modo a ter-se em conta todo o apostolado dos leigos, que deverá ser exercido não só entre os grupos das associações, mas também em todas as circunstâncias, através de toda a vida, sobretudo profissional e social. Mais ainda: cada um deve preparar-se ativamente para o apostolado, o que se torna mais urgente na *idade adulta*. Com efeito, à medida que se avança na idade, revela-se mais cada um e assim pode descobrir melhor os talentos com que Deus enriqueceu a sua alma, e exercitar mais eficazmente os carismas que lhe foram dados pelo Espírito Santo para bem dos seus irmãos (AA 30 f).

O Decreto *Orientalium Ecclesiarum* (OE), sobre as igrejas orientais, recorda o “grande apreço que se tem por suas instituições, ritos litúrgicos, tradições eclesiais e disciplina de vida cristã”. Além disso, em suas veneráveis antiguidades, “resplandece a tradição que vem dos Apóstolos pelos Padres e que forma parte do patrimônio indiviso, e revelado por Deus, da Igreja Universal” (OE 1). Por isso,

corresponde às igrejas orientais que estão em comunhão com a Sede Apostólica Romana a especial missão de promover a unidade de todos os cristãos, sobretudo os orientais, segundo os princípios do Decreto deste Santo Sínodo sobre o ecumenismo, principalmente com a oração, com o exemplo de vida, com a escrupulosa fidelidade às tradições orientais, com um maior conhecimento mútuo, com a colaboração e estima fraterna das coisas e dos espíritos (OE 24).

O Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja (AG) promove a evangelização respeitosa da liberdade e da consciência e orienta à iniciação e o crescimento cristãos (AG 13b). Surpreende ao recomendar o catecumenato posterior à conversão inicial:

Aqueles que receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimônias litúrgicas; o catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã; já prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos, e com ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus (AG 14).

O Catecumenato compromete a comunidade eclesial na Iniciação Cristã:

Esta Iniciação Cristã realizada no catecumenado deve ser obra não apenas dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis, especialmente dos padrinhos, de forma que desde o começo os catecúmenos sintam que pertencem ao Povo de Deus. Visto que a vida da Igreja é apostólica, os catecúmenos devem igualmente aprender a cooperar ativamente pelo testemunho da sua vida e a profissão da sua fé, na evangelização e na construção da Igreja (AG 14d).

Além disso, fala do cultivo do “espírito ecumênico entre os neófitos” (AG 15d). Valoriza os catequistas, sugere fazê-los ministros com missão canônica e incentiva multiplicar escolas diocesanas e regionais de formação de catequistas com boa doutrina católica bíblica e litúrgica orientada à santidade de vida, com método catequético e práxis pastoral:

De modo semelhante, é digno de elogio aquele exército com tantos méritos na obra das missões entre pagãos, o exército dos catequistas, homens e mulheres, que, cheios do espírito apostólico, prestam com grandes trabalhos uma ajuda singular e absolutamente necessária à expansão da fé e da Igreja. Hoje em dia, em razão da escassez de clero para evangelizar tão grandes multidões e exercer o ministério pastoral, o ofício dos catequistas tem muitíssima importância. A sua formação deve, portanto, fazer-se de maneira

tão acomodada ao progresso cultural, que eles possam desempenhar o mais perfeitamente possível o seu múnus como colaboradores eficazes da ordem sacerdotal, múnus esse que se vai complicando com novas e maiores obrigações. É preciso, portanto, multiplicar as escolas diocesanas e regionais, nas quais os futuros catequistas estudem cuidadosamente a doutrina católica, sobretudo em matéria bíblica e litúrgica, assim como o método catequético e a prática pastoral, e se formem na moral cristã, exercitando-se sem desfalecimentos na piedade e na santidade de vida. Além disso, devem organizar-se reuniões ou cursos de atualização nas disciplinas e nas artes úteis ao seu ministério, e de renovação e robustecimento da sua vida espiritual. Por outro lado, aos que se dedicam inteiramente a esta ocupação, dever-se-á proporcionar, por uma justa remuneração, conveniente nível de vida e segurança social. É de desejar que se proveja, de maneira conveniente, à formação e sustentação dos catequistas, por meio de subsídios especiais da sagrada Congregação de 'Propaganda Fidei'. Parecendo necessário e conveniente, funde-se uma Obra para os catequistas. Além disso, as igrejas serão reconhecidas ao trabalho generoso dos catequistas auxiliares, cuja ajuda lhes será indispensável. São eles que presidem às orações nas comunidades e ensinam a doutrina. É preciso, pois, tratar da sua conveniente formação doutrinal e espiritual. Por outro lado, é de desejar que, onde parecer oportuno, seja confiada publicamente, durante a celebração duma ação litúrgica, a missão canônica aos catequistas que tiverem recebido a devida formação, a fim de estarem com maior autoridade ao serviço da fé junto do povo (AG 17).

Além disso, o Decreto *Ad Gentes* recomenda constituir centros catequéticos superiores (AG 31). O Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo menciona a catequese entre os diversos movimentos para se alcançar a unidade dos cristãos:

Esta renovação tem, por isso, grande importância ecumênica. Ela já é efetuada em várias esferas da Igreja. Tais são os movimentos bíblico e litúrgico, a pregação da palavra de Deus e a *catequese*, o apostolado dos leigos, as novas formas de vida religiosa, a espiritualidade do matrimônio, a doutrina e atividade da Igreja no campo social. Tudo isto deve ser tido como penhor e auspício que felizmente prognosticam os futuros progressos do ecumenismo (UR 6b).

O Decreto *Inter mirifica* sobre os meios de comunicação social (IM) afirma que:

para que os meios de comunicação social se utilizem, sem demora e com o máximo empenho nas mais variadas formas de apostolado, tal como o exigem as realidades e as circunstâncias do nosso tempo, adiantando-se assim às más iniciativas, especialmente naquelas regiões em que o progresso moral e religioso reclama uma maior atenção (IM 13a).

O decreto exorta os leigos para a preparação artística, doutrinal, moral e social para o bom uso dos meios de comunicação social (IM 15b) e ensinar a doutrina e disciplina católica sobre o reto uso dos meios de comunicação social na catequese (IM 16).

2.2.3 A Renovação da Fraternidade com Outras Religiões Pelas Três Declarações

A Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa (DH) afirma este direito com suas consequências civis.

Pertence essencialmente a qualquer autoridade civil tutelar e promover os direitos humanos invioláveis. Deve, por isso, o poder civil assegurar eficazmente, por meio de leis justas e outros meios convenientes, a tutela da liberdade religiosa de todos os cidadãos, e proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento da vida religiosa, de modo que os cidadãos possam realmente exercer os seus direitos e cumprir os seus deveres, e a própria sociedade beneficie dos bens da justiça e da paz que derivam da fidelidade dos homens a Deus e à Sua santa vontade (DH 6b).

Enfatiza também que:

que não é lícito ao poder público impor aos cidadãos, por força, medo ou qualquer outro meio, que professem ou rejeitem determinada religião, ou impedir alguém de entrar numa comunidade religiosa ou dela sair. Muito mais é contra a vontade de Deus e os sagrados direitos da pessoa e da humanidade recorrer por qualquer modo à força para destruir ou dificultar a religião, quer em toda a terra quer em alguma região ou grupo determinado (DH 6e).

O documento conclui exortando a autoridade civil para “tomar providências para que a igualdade jurídica dos cidadãos - a qual também pertence ao bem comum da sociedade nunca seja lesada, clara ou larvadamente, por motivos religiosos, nem entre eles se faça qualquer discriminação” (DH 6d). Igualmente, exorta para que:

[...] todos os povos se unem cada vez mais, que os homens de diferentes culturas e religiões estabelecem entre si relações mais estreitas, que, finalmente, aumenta a consciência da responsabilidade própria de cada um. Por isso, para que se estabeleçam e consolidem as relações pacíficas e a concórdia no gênero humano, é necessário que em toda a parte a liberdade religiosa tenha uma eficaz tutela jurídica e que se respeitem os supremos deveres e direitos dos homens de praticarem livremente a religião na sociedade (DH 15d).

Nesse sentido, continua afirmando o documento:

A Igreja reconhece e fomenta a liberdade religiosa como conforme à dignidade humana e à revelação de Deus. Conservou e transmitiu, no decurso dos tempos, esta doutrina, recebida do Mestre e dos Apóstolos. Ainda que na vida

do Povo de Deus, que peregrina no meio das vicissitudes da história humana, houve por vezes modos de agir menos conformes e até contrários ao espírito evangélico, a Igreja manteve sempre a doutrina de que ninguém deve ser coagido a acreditar. O fermento evangélico trabalhou assim longamente o espírito dos homens e contribuiu muito para que eles, com o decorrer do tempo, reconhecessem mais plenamente a dignidade da sua pessoa e amadurecesse a convicção de que, em matéria religiosa, esta devia ficar imune de qualquer coação humana na vida social (DH 12).

A Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã (GE) destaca a importância da educação e dos educadores na vida humana e os direitos da criança (GE, proêmio), proclama o direito universal a uma educação integral para a liberdade e a responsabilidade para com os demais (GE1) e o direito dos cristãos à educação cristã no Corpo Místico de Cristo (GE 2) recorda aos pais seu dever de primeiros e principais educadores de seus filhos, os quais introduzirão na sociedade no povo de Deus (GE 3a; 6), e seu direito a receber apoio da sociedade (GE 3b) proclama o direito da Igreja a educar e a anunciar a salvação (GE 3c); define o objetivo da catequese: “que ilumina e robustece a fé, nutre a vida com o espírito de Cristo, conduz a uma consciente e ativa participação do mistério litúrgico e impele a ação apostólica” (GE 4). Destaca a importância da escola e a vocação dos educadores (GE 5) e ressalta o serviço dos membros da Igreja nas escolas não católicas (GE 7), na escola católica (GE 8-9) e nas faculdades de ciências sagradas para que se compreenda cada vez melhor a revelação divina (GE 11).

A Declaração *Nostra Aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs (NA) ensina que “a Igreja considera mais atentamente qual a sua relação com as religiões não-cristãs. E, na sua função de fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência” (NA1); reprovava “como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor, condição ou religião. Consequentemente, o Concílio, seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que, ‘observando uma boa conduta no meio dos homens’ (1 Ped. 2,12), se, possível, tenham paz com todos os homens, quanto deles depende, de modo que sejam na verdade filhos do Pai que está nos céus” (NA 5c); exorta a evitar na catequese “o que não esteja conforme à verdade evangélica e ao espírito de Cristo” (NA 4f).

A rica bibliografia conciliar até aqui registrada ressalta que as dimensões *comunitária e de Igreja Povo de Deus* tiveram e continuam tendo forte influências sobre a catequese. Entre tantas descrições, a catequese pode ser concebida como o esforço da comunidade de transmitir aquilo que recebeu de seu fundador, não tanto através de um sistema doutrinal ou conjunto de verdades a serem “aprendidas”, mas, através de um modo de vida conforme o Evangelho. Dessa maneira, compreende-se a catequese como *mistagogia* que não está ligada apenas ao último momento do catecumenato, mas consiste na *transmissão da fé*, sobretudo o *mistério Pascal*, que não faz por demonstração racional ou doutrinal, mas através dos símbolos, em especial os litúrgicos, através dos ritos e celebrações ou da arte.

A *mistagogia* promove, de certo modo, a unidade entre o anúncio da Palavra, a celebração do Sacramento e a vivência da fé. A catequese mistagógica leva o catequizando a fazer a experiência dos símbolos e gestos celebrados não apenas como elementos pertencentes a este mundo, mas, aos olhos da fé, como realidades divinas. É como uma passagem do visível ao invisível.

Assim sendo, depois do Concílio Vaticano II, a Igreja mais uma vez passa por um processo de amadurecimento, ou seja, não mais se identifica com a sociedade. Volta a consciência de Igreja sinal, sacramento, luz, sal do mundo, Igreja comunidade de fé, de culto e de fraternidade. Para isso contribuiu o Movimento catequético Brasileiro (MCB) pós-Concílio Vaticano II, assim como, os movimentos: Bíblicos, Patrísticos (escritos dos padres da Igreja), litúrgico, querigmático (anúncio); as descobertas da psicologia, da pedagogia e de outras ciências humanas como auxílio à catequese.

E a catequese começa a ser pensada como uma educação da fé que seja libertadora, que ajude o catequizando a pensar sobre a vida, a realidade, a cultura, ou seja, uma educação da fé que ajude a pensar problematizando o conhecimento, promovendo assim a autonomia e a formação da consciência crítica. O catequista também não pode ter a pretensão de apenas ser o educador, mas ao mesmo tempo alguém que ajuda o catequizando a fazer a experiência de fé e, ao mesmo tempo também educa na fé. A educação da fé não acontece sozinha e isolada, mas em comunhão com a comunidade de fé. A Catequese volta-se para a experiência primitiva do catecumenato da importância as pequenas comunidades, lugar de consciência,

ponto de partida para o testemunho no mundo; mostra a necessidade de conversão e de compromisso no meio de uma comunidade cristã para a formação de um novo mundo. A finalidade da catequese é despertar nas pessoas a consciência de uma sociedade sólida e firme na fé. Uma sincera conversão e um compromisso com a comunidade para a transformação do mundo e a renovação da Igreja.

Deve-se compreender, acima de tudo, que a fé é dom e graça de Deus. Não podemos limitar apenas ao nível humano, mas constitui uma atitude de fundo que dá sentido e orienta toda a vida. “A fé é um dom de Deus. Pode nascer do íntimo do coração humano somente como fruto da graça prévia e adjuvante e como resposta, completamente livre, à moção do Espírito Santo, que move o coração e o dirige a Deus, dando-lhe suavidade no consentir e crer na verdade” (DGC 55). Por conseguinte, a educação da fé na catequese visa ajudar a contribuir no processo de humanização da pessoa na busca da transformação social.

Em síntese, ressaltamos a importância e a necessidade da catequese para as diferentes idades que “é a exigência essencial para a comunidade cristã. De fato, “a fé participa do desenvolvimento da pessoa e cada fase da vida é exposta ao desafio da descristianização e deve, acima de tudo, aceitar como um desafio, as tarefas sempre novas da vocação cristã” (DGC 171; DNC 180).

Da conjuntura desta renovação eclesial, surgiu com força a revalorização da catequese de adultos, “os quais são capazes de aderir responsável e livremente à pessoa de Jesus Cristo” (ALBERICH, 1983, p. 13).

É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação Social e na própria comunidade eclesial (CR 130; cf. DGC 59. 275).

Nesta modalidade de catequese, é significativo notar que o adulto é uma pessoa ativa, que pode interrogar e interrogar-se sobre o sentido das coisas, pelo que o circunda e pelo sentido de Deus numa busca da verdade de acordo com suas experiências vividas e seus condicionamentos. Consequentemente a Igreja deve

escutar as reflexões e as perguntas que eles fazem, valorizando o sujeito em sua integridade uma vez que na catequese de adultos estimam-se suas experiências vividas, os condicionamentos e os desafios por eles encontrados, da mesma forma que suas interrogações e necessidades em relação à fé.

Vale ressaltar que cinco passos metodológicos são de grande utilidade: a) distinguir entre os adultos que vivem sua fé (praticantes), adultos apenas batizados (não-praticantes ou afastados) e os adultos não batizados; b) levar em conta seus problemas e experiências, capacidades espirituais e culturais; c) motivá-los para a vivência da fé em comunidade, para que ela seja lugar de acolhida e ajuda; d) fazer um projeto *orgânico de pastoral* com os adultos que integre a catequese, a liturgia e os serviços da caridade (DNC 182; DGC 172).

Nesse sentido, a catequese conforme as idades deve realizar as adaptações que são exigidas pelas diferentes culturas, pelas exigências espirituais e situações socioeclesiais daqueles a quem é dirigida.

2.3 A CATEQUESE DE ADULTOS: AVANÇOS E PERSPECTIVAS

O Concílio Vaticano II ampliou o conceito de catequese enunciando a necessidade de uma pedagogia catequética capaz de adaptar-se a capacidade cognitiva e afetiva da pessoa, deu origem a uma renovada conceituação da catequese. Ainda, ressaltou a necessidade de levar em consideração as idades e a mais importante em vista do desenvolvimento da pessoa a partir da catequese com crianças até a catequese com adultos e pessoa idosa deve ter em vista o conteúdo entendido como mensagem que se quer anunciar.

Desencadeou, por outra parte, a partir da definição e do aprofundamento das linhas teológico-pastorais e bíblicas da catequese, uma nova concepção de Revelação², ou seja, um movimento de renovação, emparentado com os que

²A partir da volta às fontes e do diálogo com o mundo, na perspectiva da história da salvação, o Concílio Vaticano II apresenta a Revelação divina como a autocomunicação do Deus Trindade Pai e Filho e Espírito Santo que chama a humanidade a viver em comunhão com ele, através de etapas, respeitando as formas da mesma humanidade de corresponder a esse chamado, cujo vértice é o evento Jesus Cristo, Filho do Pai encarnado para a nossa salvação. Tal concepção está especialmente expressa na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, promulgada na última sessão do Vaticano II, em 18 de novembro de 1965.

precederam ao Concílio, que, primeiramente, coloca a Palavra de Deus como fonte da catequese, e esta como “momento privilegiado” do processo global da evangelização dos adultos como seus primeiros destinatários ou interlocutores; recupera a Iniciação à vida Cristã e imprime à catequese um caráter catecumenal. A síntese e as orientações emanadas da doutrina do Concílio estão recolhidas no Diretório Geral para a Catequese (DGC) de 1997 e desde 2020 no Diretório da Catequese (DC).

A catequese, em geral, foi definida como uma educação sistemática e progressiva da fé cristã. Mas, os documentos do Concílio Vaticano II deixam claro que a catequese, em seu sentido mais objetivo só se entende no contexto da evangelização, do qual é “momento essencial”. A Catequese faz referência ao *kerigma*, que é o primeiro momento evangelizador, e ao catecumenato, que é o método utilizado pela Igreja dos primeiros séculos para a formação dos candidatos a se tornarem cristãos.

Já acenamos que foi pouco o que o Concílio disse sobre a catequese, mas o Papa Paulo VI com a Exortação *Evangelii Nuntiandi* (EN) e mais ainda João Paulo II, com a *Catechesi Tradendae*, deram um grande impulso à renovação catequética. A *Catechesi Tradendae* promoveu uma mudança radical na concepção da catequese mantida durante séculos, especialmente desde a idade moderna, a catequese de catecismos. O documento distingue entre um conceito estrito, que é o ensinamento elementar da fé, e outro amplo ou pleno, que é a “iniciação cristã integral”, ou seja, não só na doutrina, mas também na vida e no culto da Igreja, assim como em sua missão no mundo (CT 27, 25b). A ampliação do conceito de catequese significa concretamente dar-lhe uma orientação catecumenal, ou seja, fazer dela um processo de iniciação cristã integral, que se realiza mais claramente na catequese de adultos.

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica em seus números 426-429, a catequese consiste na formação e capacitação para a vida humana e tem por finalidade levar o catequizando a “conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e nos envia o Espírito Santo. Conduz à entrega do coração a Deus, à comunhão com a Igreja, corpo de Cristo, e à participação em sua missão”. Compreende-se, portanto, a catequese de adultos como espaço de acolhida, de vivência comunitária da fé, pois “toda a

comunidade é catequizadora” (CR 26). Ela catequiza por seu modo de viver como comunidade cristã, por seu testemunho de oração e celebração, de solidariedade e de engajamento nos problemas do mundo. Nesse sentido, a catequese de adultos nunca deve estar desligada da comunidade. Uma catequese renovada se caracteriza por um processo permanente de educação da fé, abrange as dimensões individuais, comunitárias e sociais da pessoa. Além disso, deve levar em conta seus destinatários com suas e suas idades correspondentes.

Montesouri (2008, p. 37) sugere uma mudança epistemológica no processo ensino-aprendizagem ao considerar que:

a educação de adultos pressupõe a utilização de concepções, metodologias e estratégias bastante diferentes da educação de crianças e adolescentes. Infelizmente, tais fatores nem sempre são levados em conta pelo sistema de ensino. Assim, ensinar adultos não exige apenas conhecimento de conteúdo, mas também a descoberta de novas maneiras para a transmissão dele. Partindo dessa premissa, propõe-se a substituição da pedagogia pela andragogia.

Esse termo foi criado nos anos 1970 pelo norte-americano Malcolm Knowles e consiste na arte e na ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem. Andragogia (do grego: andros - adulto e gogos - educar) é um caminho educacional que busca compreender o adulto. O termo andragogia significa, “ensino para adultos”. A andragogia é a arte de ensinar aos adultos, que não são aprendizes sem experiência, pois o conhecimento vem da realidade (escola da vida). O aprendizado é factível e aplicável.

O adulto busca desafios e soluções de problemas, que fazem diferenças em suas vidas. Busca na sua experiência a realização tanto profissional como pessoal e aprende com seus próprios erros e acertos e tem imediata consciência do que não sabe e o quanto a falta de conhecimento o prejudica. É preciso compreender que na educação dos adultos a proposta educativa deve ser estabelecida a partir das suas necessidades, enquanto os adultos são indivíduos independentes autodirecionados.

Na educação da fé de adultos, é necessária uma catequese permanente que ajude as pessoas a fazerem experiência de Deus. É preciso ajudar o adulto sair do seu infantilismo religioso para responder a questionamentos essenciais da sua fé, atualizando-se para justificar o seu “ser cristão” no mundo de hoje e conhecer seu papel transformador dentro da Igreja. Por isso, a catequese deve dialogar com o

homem moderno que é crítico, deve propor um processo formativo direcionado ao encontro com Deus, elaborar uma visão positiva de Deus. O processo catequético deve mostrar um Deus que é amor e misericórdia, que é bondoso e compassivo, que quer nossa felicidade, que nos criou para uma vida boa, um Deus preocupado com o nosso bem, mais companheiro e amigo. Isso vai ajudar a pessoa a fazer uma experiência positiva de Deus.

Daí a urgência, para uma evangelização eficaz para com os adultos. A evangelização deve estar sempre no coração da Igreja, e a alegria da Igreja deve ser evangelizar. Para isso, a Igreja precisa de discípulos convencidos em sua profissão de fé, que sejam capazes de transmitir a chama da esperança aos homens e mulheres deste tempo. Este é o mistério da Igreja: o ser prolongamento do mistério de Cristo e da sua encarnação. Aquele “como um sacramento” não quer ser entendido a modo de um oitavo sacramento, mas denota que a Igreja é sacramento em sentido análogo aos sete sacramentos. Participa em Cristo da estrutura sacramental, ou seja, é signo visível e eficaz da salvação. Sacramento ou signo querem dizer “estar em função de”, ou “ser para outros” e isto por vontade de Deus (SAYÉS, 1998, pp. 461-467).

Nesse sentido, o ensino integral de uma catequese, realmente católica, pode ser um instrumento educacional, religioso e intelectual, que associado a métodos e projetos pedagógicos próprios, consegue formar uma sociedade baseada em Cristo e seus ensinamentos que são sempre atuais e necessários para o bem-estar humano e social.

Por isso, para que a pedagogia catequética possa conduzir para uma educação à vida de fé e afete existencialmente o receptor de sua mensagem, é indispensável olhar para o contexto sociocultural e religioso. Além disso, é importante considerar a peculiaridade de cada situação daqueles que procuram a fé, ou seja, convidando-os à conversão; respeitando as tipologias de adultos que vivem a fé de diferentes modos, isto é, “adultos que, apesar de serem batizados, não estão formados adequadamente ou não foram até o fim da iniciação cristã e podem ser chamados *“quase de catecúmenos”* (DC 258).

O mesmo diretório assinala que a tarefa geral da catequese com os adultos requerer uma configuração que tenha como referência diversas tipologias de pessoas e experiências religiosas com quem nos relacionamos. É fundamental que a

comunidade eclesial compreenda a situação existencial e coloque-se em atitude de escuta das exigências e das reais necessidades. São tarefas particulares da catequese com os adultos: a) despertar a fé; b) purificar a fé; c) alimentar a fé; d) ajudar a compartilhar e testemunhar a fé. Assim,

a catequese com os adultos tem a missão de acompanhar e educar a formação das características típicas do cristão adulto na fé, discípulo do Senhor Jesus, dentro de uma comunidade cristã capaz de se constituir em saída, ou seja, inserida nas realidades sociais e culturais pelo testemunho da fé e da realização do Reino de Deus (DC 261).

Para que essas tarefas sejam significativas e capazes de atingir seus objetivos, é importante considerar alguns critérios: a) expressão da comunidade eclesial; b) o processo educativo à vida cristã na sua totalidade; c) os adultos não são só receptores, mas protagonistas junto com os próprios catequistas; d) ter cuidado em reconhecer sua situação de homens e mulheres, com a peculiaridade com a qual cada um experimenta a vivência da fé; e) ter uma coordenação para a catequese com adultos com a finalidade de amadurecer uma certa organicidade da pastoral eclesial (DC 262).

Outro aspecto que merece atenção na catequese com os adultos é a figura do catequista, que deve se concretizar numa figura de um educador capaz de apoiar os processos de crescimento pessoal.

Segundo Ferraro (2015, p.45):

O momento catequético que vive a Igreja convida a preparar catequistas para que possam ministrar não só um ensinamento, mas uma formação cristã integral, desenvolvendo tarefas de iniciação, de educação e ensinamento. É indispensável formar catequistas integradores, que saibam superar tendências unilaterais divergentes e oferecer uma catequese plena e completa. Devem saber conjugar a ortodoxia e a ortopraxis, o sentido espiritual e o compromisso de mudança social.

Nesse sentido, é essencial a formação do catequista, o acompanhamento no discernimento vocacional, na escolha de catequista habilitados para exercer este delicado ministério mediante uma formação específica. A vida do catequista deve ser pautada nos ensinamentos de Jesus, comprometida com o Reino de Deus, na

promoção da justiça, no testemunho de que o Cristo que ele professa cumpre no hoje e agora a missão de salvar, libertar e integrar todos na realidade evangélica e social.

Observa-se, portanto, que no âmbito da formação de catequistas, a Igreja avançou lentamente. Os documentos da Igreja contribuíram no caminho da renovação da Catequese quanto aos conteúdos, à pedagogia e aos métodos empregados, todavia, a formação de catequistas continua sendo apenas um propósito, sem que seja mais bem reconhecido por parte das paróquias o seu ministério e uma formação específica.

Diante disso, é urgente que haja, nas comunidades, o desenvolvimento de um processo de Iniciação à Vida Cristã nas comunidades que conduza a um encontro pessoal com Jesus Cristo que leve à conversão, ao seguimento numa comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e missão (DA p 289).

Deste modo, com todas as mudanças ocorridas na Igreja e a atualização do processo de evangelização, a catequese com os adultos também caminha procurando aprimorar-se no processo formativo para os catequistas para que, juntos, catequistas e catequizandos adultos possam promover um diálogo que gere frutos de conversão. A catequese com os adultos tem o compromisso de ajudar as pessoas a responderem às suas necessidades e aspirações, no contexto do mundo atual e nele, a Igreja.

3 CATEQUESE DE ADULTOS E SEU POTENCIAL EVANGELIZADOR

No Diretório para a catequese (2020) se destaca pela íntima união entre o primeiro anúncio e o amadurecimento da fé, à luz da cultura do encontro. Os adultos são os primeiros interlocutores a beber na fonte da nova evangelização, que os convida a reconhecer a força salvífica das suas vidas e a colocá-los no centro da vida comunitária, lugar gerador das vocações para as práticas pastorais que animam a vida da Igreja.

Revisitando a história da catequese, sabemos que ela seguiu muitos caminhos desde o primeiro envio de catequistas realizado pelo próprio Cristo: “Ide e fazei com que todos os povos se tornem discípulos meus” (Mt 28,19). Hoje, uma vez, mais surge o desafio suscitado pelo Espírito: Mais do que ajudar os adultos a conhecerem conteúdos que amparem sua fé, precisa-se ajudá-los a fazer o caminho do aprofundamento mistagógico da pessoa de Cristo e de seu reino, centro e horizonte maior de uma fé adulta. Mistagogia refere-se ao ato de iniciar e instruir (alguém) nos caminhos misteriosos de uma religião.

O documento *Catequistas para Catequese com Adultos*, da CNBB, (2008, p. 39) diz que: “A redescoberta da Catequese com adultos e o seu potencial evangelizador é vista como uma possível resposta para o contexto de Igreja em que se vive hoje.” Mas essa é uma catequese que não pode ser feita a partir de manuais, visto que, ao desenvolver seu processo catequético para com os adultos, ela requer uma renovação nos seus métodos e linguagens, bem como na valoração dos valores próprios e fundamentais do cristianismo que estão presentes na catequese: a Bíblia e a liturgia. Nesse sentido, é preciso uma reforma mais ampla e profunda, não apenas da catequese, mas de toda a pastoral da Igreja, ou seja, é urgente a opção por uma *nova evangelização*, centrando a pastoral no anúncio missionário e na catequese, sobretudo aos jovens e aos adultos (DGC 26).

Neste capítulo, objetiva-se, portanto, investigar os avanços do processo ensino-aprendizado na catequese de adultos e o perfil específico do catequista para esta tarefa. Com base no Magistério da Igreja, torna-se patente que a catequese dos adultos, “por se tratar de pessoas aptas a uma adesão plenamente responsável, deve

ser considerada a forma principal da catequese. Todas as outras formas, aliás sempre necessárias, estão de algum modo orientadas para ela” (DGC 59).

Sendo assim, nossa reflexão centraliza-se em torno da necessidade de uma renovação da catequese, convictos de que o contexto vital, onde se fundamenta o repensar a catequese, é a nova consciência eclesial emergente da *opção evangelizadora*. Em um mundo em mudança, a catequese de adultos é assumida claramente como elemento essencial e determinante na evangelização. A catequese de adultos deve ser compreendida dentro do contexto de mudança do novo modelo pastoral, levando em consideração três elementos centrais: a conversão pastoral como uma opção evangelizadora; a catequese de adultos como elemento essencial da evangelização e a comunidade cristã como o ambiente legítimo da catequese de adultos.

3.1 EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE EM UM MUNDO EM MUDANÇA

A evangelização do mundo atual em fluxo exige uma conversão pastoral, enraizada em uma experiência individual e eclesial da misericórdia de Deus, que gera discípulos missionários. Esta opção é essencialmente a resposta dada em Aparecida, em 2007, e desenvolvida pelo Papa Francisco para a Igreja Universal na *Evangelii Gaudium* (2013).

A Conferência de Aparecida (2007) apontou para uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente nossas vidas. Essas mudanças são caracterizadas como o fenômeno da globalização, que tem na ciência e na tecnologia a capacidade de criar redes de comunicações de alcance mundial, de diminuir as distâncias geográficas e os espaços entre o público e o privado, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade (DA p 34). Essas mudanças exigem que a Igreja se coloque junto às pessoas crucificadas pela nova economia global, colhendo não apenas aquelas que são pobres em sentido material, mas vítimas de exclusão e solidão em suas muitas formas novas.

Em um novo contexto de pluralismo cultural e religioso, é preciso estar arraigados e ter clareza da nossa pertença a Igreja, ao mesmo tempo devemos querer trabalhar ativamente para forjar a unidade a partir de uma diversidade reconciliada

construída por meio do diálogo e do testemunho compartilhado. Diante da cultura individualista secular trazida pela tecnocracia globalizada, de uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de normas e de proibições, as práticas de devoção fragmentadas a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados. Aparecida advertiu e acrescenta que:

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim, será possível que 'o único programa do Evangelho siga introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial' com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como uma mãe que nos sai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária (DA p 370).

Assim, o fenômeno da globalização tem provocado a necessidade de renovação pastoral, de novos métodos e expressões na evangelização e na catequese. Deste modo, "a renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo" (DAp 173). Do mesmo modo, Aparecida conclamou que a Igreja deve repensar profundamente e a realçar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Aparecida sustenta que:

[A Igreja] não pode fechar-se àqueles que trazem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja se reconhecer com a luz e a força do Espírito (DAp 11).

Por conseguinte, "a catequese" participa no "processo de evangelização", como "uma ação espiritual" (DC 4). Além disso, a catequese possui um papel essencial na dinâmica da evangelização e, "isto requer compromisso e responsabilidade para identificar as novas linguagens com as quais comunicar a fé" (DC 5). No contexto da

cultura contemporânea, a Igreja vê possibilidades de encontro e de anúncio da novidade da fé. Todavia, essa deve

esforçar-se por decifrar alguns sinais dos tempos com os quais o Senhor lhe indica o caminho a seguir. Entre estes múltiplos sinais, podem reconhecer-se: a centralidade do crente e da sua experiência de vida, o papel relevante das relações e dos afetos, o interesse por aquilo que oferece significados verdadeiros, a redescoberta daquilo que é belo e que eleva a alma (DC 5).

É importante ressaltar que a importância da catequese no processo da evangelização já fora objeto de reflexão do Papa São João Paulo II na *Catechesi Tradendae* (1979), e do Papa Bento XVI na sua Carta apostólica *Fides Per Doctrinam* (2013), que deu uma aplicação concreta a este compromisso. Mas, o Papa Francisco na sua Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), “quis reiterar o nexo indissociável entre evangelização e catequese à luz da cultura do encontro” (DC 6).

A evangelização é, portanto, uma realidade “rica, complexa e dinâmica” e, conforme se desenvolve, incorpora diversas possibilidades: testemunho e anúncio, palavra e sacramento, mudança interior e transformação social” (DC 16). O Espírito Santo, verdadeiro protagonista de toda a missão eclesial [...] continua a fecundar a Igreja que vive da Palavra de Deus e sempre a faz crescer na compreensão do Evangelho, enviando-a e apoiando a na obra de evangelização do mundo” (DC 23). A missão de evangelização da Igreja exprime e torna concreta a presença de Jesus Cristo na história e entre os homens e visa a realização plena da vida humana. Assim, “a evangelização é um processo eclesial, inspirado e sustentado pelo Espírito Santo, através do qual o Evangelho é anunciado e se difunde em todo o mundo” (DC 31).

Logo, o mundo contemporâneo apela por uma nova evangelização “que não coincide tanto com uma dimensão temporal, mas sobretudo, com o fato de tornar todos os momentos do processo da evangelização ainda mais abertos à ação renovadora do Espírito do Ressuscitado” (DC 39). Nesse sentido, a nova evangelização concretiza-se numa conversão pastoral, numa “Igreja em saída”, “segundo um dinamismo que atravessa toda a Revelação e se coloca num *estado de permanente missão*” (DC 40).

Este impulso missionário leva, por sua vez, também a uma verdadeira reforma das estruturas e das dinâmicas eclesiais, de modo que todas elas se tornem

missionárias, ou seja, capazes de vivificar com audácia e criatividade tanto o panorama cultural e religioso como o horizonte pessoal de cada homem. Enquanto ‘discípulo missionário’, cada discípulo é um sujeito ativo desta missão eclesial” (DC 40).

Ainda como resposta às exigências da evangelização, “há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho” (DC 43). Como afirma o *Instrumentum Laboris* em seu n. 30, referindo-se à Igreja da Amazônia: “a Igreja continua a procurar inculturar a Boa Nova perante os desafios do território e de seus povos, mediante um diálogo intercultural. A diversidade original que oferece a região amazônica – biológica, religiosa e cultural – evoca um novo Pentecostes”.

Assim, no contexto da nova evangelização e nos cenários alterados da cultura contemporânea, “é necessário que também a catequese esteja ao serviço da nova evangelização, e que, a partir dela, a catequese desenvolva algumas atenções fundamentais, de modo que o acesso pessoal ao encontro com Cristo esteja aberto de forma inequívoca a todos os homens” (DC 48).

O Diretório para a Catequese (2020) aponta, assim, para “a catequese em saída missionária”, a “povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e o seu Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos” (DC 49).

Nesse sentido, afirma o DC no número 54 que: “a catequese necessita de um *estilo dialógico*, para que seja mais facilmente manifesto o rosto de Jesus, assim como com a Samaritana junto ao poço, fica a dialogar com cada homem, para o conduzir com suavidade à descoberta da água viva (cf. Jo 4,5-42)”.

Com base neste paradigma, a Igreja é hoje chamada a colocar-se em estado de missão permanente em todo o mundo e a transformar todas as suas ações em perspectiva missionária. Logo,

a catequese, está a serviço de uma resposta de fé do crente, habilitando-o para viver a vida cristã num estado de conversão. [...] A catequese estimula também a inserção dos indivíduos e da comunidade no contexto social e cultural, ajudando a uma leitura cristã da história e favorecendo o compromisso social dos cristãos (DC 73).

3.2 PEDAGOGIA CATEQUÉTICA E EVANGELIZAÇÃO

A relação dos adultos com a questão da fé é muito variada, tem a ver inevitavelmente com uma teia de relações e com diversos fatores familiares, culturais, sociais, pois o adulto reformula continuamente a sua identidade, reagindo criativamente as diversas experiências de transição que está vivendo. Como já acenamos neste trabalho, é essencial considerar as diferentes tipologias de adultos (DC 258) envolvidos no processo permanente de formação de sua identidade. A catequese com os adultos é um processo pessoal e comunitário de aprendizagem, objetiva levar a adquirir uma *mentalidade de fé* “até chegar à medida de Cristo na sua plenitude” (Ef 4,13).

Na sua etimologia, o termo catequese encerra a ideia de um segundo momento ou ressonância (ALBERICH, 1983, p. 48). “No Novo Testamento, o termo ‘Catequese’ significa dar uma instrução a respeito da fé. Em sua origem, o termo se liga a um verbo que significa ‘fazer ecoar’ (*kat-ekhéō*). A Catequese, de fato, tem por objetivo último fazer escutar e repercutir a Palavra de Deus” (CR 31). Do mesmo modo, “Catequese (*katá-ekhein*, em grego) significa ressoar; a Igreja dá-lhe o sentido de ressoar a *Palavra de Deus hoje*” (DGC 27). Também é válida a definição dada por São João Paulo II:

Bem depressa se começou a chamar catequese ao conjunto dos esforços envidados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em Seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo. A Igreja nunca cessou de consagrar a tudo isto as suas energias (TC 1b).

Nesse sentido, a catequese coloca-se dentro da perspectiva evangelizadora da Igreja, mostrando uma paixão pelo anúncio do Evangelho. A Igreja “existe para evangelizar”, isto é, para anunciar a Boa Notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo (EN 14). Para fazer ressoar ou fazer repercutir um som, especialmente o som ou eco da voz humana, lembra-nos que:

a pedagogia catequética tem uma originalidade específica, pois seu objetivo é ajudar as pessoas no caminho rumo à maturidade na fé, no amor e na esperança. A fé é um dom de Deus, é uma adesão pessoal a Ele. É a resposta

livre da pessoa à iniciativa de Deus que se revela. Para isso, Deus se serve de pessoas, grupos, situações, acontecimentos. (DNC 146).

Deste modo a pedagogia catequética tem uma originalidade específica, pois seu objetivo é ajudar as pessoas no caminho rumo à maturidade na fé, no amor e na esperança. A Igreja é mediadora da resposta livre da pessoa à iniciativa de Deus que se revela, no encontro misterioso entre Deus e a pessoa humana. Os catequistas, portanto, “em nome da Igreja são mediadores especiais para que catecúmenos e catequizandos cheguem ao conhecimento da verdade e da Salvação” (cf. 1Tm 2,4; Tt 1,1). (DNC 146). Na pedagogia catequética é “o amor por Jesus e pelas pessoas [que] impulsiona o catequista a falar a outros da fé: cada catequista é como um elo na grande corrente dos que têm fé (cf. *Catecismo* 166); mas precisa estar entusiasmado por aquilo que crê, alegre por estar em processo de permanente conversão, disposto a fazer diferença num mundo marcado por tanta coisa contrária ao projeto de Deus” (DNC 146).

Em vista disso, afirma também o DGC 58 que: “o primeiro anúncio e uma catequese de base constituem a opção prioritária”. Esta etapa é de fundamental importância porque a catequese “recebe da evangelização o dinamismo missionário que a fecunda interiormente e confirma a sua identidade” (DGC 59) e que a “renovação catequética deve cimentar-se sobre esta evangelização prévia” (DGC 62). O mesmo documento, por outra parte, enfatiza, em várias páginas, o conceito de catequese como iniciação integral, na qual “não é fácil distinguir os confins entre atenção pastoral aos fiéis, nova evangelização e ação missionária específica, e não é pensável criar entre eles barreiras ou compartimentos estanques. De fato, cada uma influi na outra, a estimula e a ajuda” (DGC 59).

Consequentemente, “o modelo de toda catequese é o catecumenato batismal, que é formação específica, mediante a qual o adulto convertido a fé é levado à confissão da fé batismal, durante a vigília pascal” (DGC 59). Na missão *ad gentes*,

o primeiro anúncio deve ser entendido principalmente no sentido cronológico. De fato, revelar Jesus Cristo e o seu Evangelho aqueles que não o conhecem, a partir da manhã do Pentecostes, é precisamente o programa fundamental que a Igreja assumiu como algo recebido do seu Fundador. Ela realiza o primeiro anúncio por meio de uma atividade complexa e diversificada, que algumas vezes se designa com o nome de *pré-evangelização*, mas que, em bom rigor, já é evangelização, embora no seu estágio inicial é ainda

incompleta. A catequese desenvolve e faz amadurecer este momento inicial. Por isso, mesmo que distintos, o primeiro anúncio e a catequese são complementares (DC 67).

A evangelização compreende *momentos* essenciais e diferentes entre si. Um deles é a catequese. Há outros que são prévios ou posteriores a ela (DGC 63). Disso resulta, logicamente, que o processo evangelizador se articula em três etapas: a) o primeiro anúncio missionário do evangelho (*kerigma*); b) a catequese; c) a ação pastoral. As fronteiras entre estas etapas não são facilmente delimitáveis (DGC, 62).

A catequese de adultos é uma consequência da iniciação cristã. Nem como variável religiosa nem como tema de estudo catequético pode abordar-se a parte dela ou só em contraposição a “catequese de crianças”, mas que tem que ser entendida dentro do processo global de evangelização.

Em síntese, a catequese é parte da Iniciação à Vida Cristã. Seu momento corresponde ao período no qual estrutura-se a conversão a Jesus Cristo (DGC 63; 66). A ênfase em que seja “de adultos” se explica pelas seguintes razões. A primeira é que “se dirige a pessoas que têm o direito e o dever de fazer amadurecer o germe da fé que Deus lhes deu, tanto mais quando estas pessoas estão chamadas a desempenhar responsabilidades sociais de diversos tipos e estão submetidas a mudanças e crises às vezes muito profundas” (DGC, 173). A segunda razão, sinalizada pelo Documento de Aparecida (286-287), é a necessidade de superar a vulnerabilidade do nosso catolicismo atual:

São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial. Sem esquecer a importância da família na iniciação cristã, esse fenômeno nos desafia profundamente a imaginar e organizar novas formas de nos aproximar deles para ajudá-los a valorizar o sentido da vida sacramental, da participação comunitária e do compromisso cidadão. Temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável. Isso constitui grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre ou fragmentada. Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer modalidade de iniciação cristã, que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de

uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados (DA p 286-287).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (2005) afirma que a catequese com adultos tem como missão:

a) reforçar a opção pessoal por Jesus Cristo; b) promover uma sólida formação dos leigos, levando em consideração o amadurecimento da vida no Espírito de Cristo Ressuscitado; c) estimular e *educar* para a prática da caridade, na solidariedade e na transformação da sociedade, julgando com objetividade e à luz da fé as mudanças socioculturais da sociedade; d) ajudar a viver a vida da graça, alimentada pelos sacramentos; e) formar cada pessoa para cumprir os deveres do próprio estado de vida, buscando a santidade; f) dar resposta às dúvidas religiosas e morais de hoje; g) desenvolver os fundamentos da fé, que permitam dar razão da esperança; h) educar para viver em comunidade e assumir responsabilidades na missão da Igreja, dando testemunho cristão na sociedade; i) educar para o diálogo ecumênico e inter-religioso como instrumento para a busca da unidade cristã e da paz entre os filhos de Deus; j) ajudar na animação missionária além-fronteiras (DNC 183).

Aqui desponta a necessidade de uma *adequada metodologia*. Porém, devemos levar em consideração que “a Igreja não tem um método próprio para anunciar o Evangelho, é necessário um exercício de discernimento para poder examinar tudo e reter o que é bom” (cf. 1Ts 5,21). Tal como se fez várias vezes na história, na catequese podem valorizar-se percursos metodológicos mais centrados nos fatos da vida ou mais orientados para a mensagem da fé. Isso depende das situações concretas dos sujeitos da catequese. Tanto em um como no outro caso, é importante um *princípio de correlação*, que coloque os dois aspetos em relação.

Os acontecimentos pessoais e sociais da vida e da história encontram no conteúdo de fé uma luz interpretativa; por outro lado, este deve ser apresentado sempre de modo a fazer entrever as implicações que possui para a vida. Este procedimento supõe uma capacidade hermenêutica: se a existência for interpretada em relação com o anúncio cristão, manifesta-se na sua verdade; por outro lado, o querigma tem sempre um valor salvífico e de plenitude de vida” (DC 196).

Neste processo três aspectos merecem atenção: a) *a catequese de adultos como “ensino” da fé*; b) *a pessoa adulta como interlocutora da catequese*; c) *o catequista de adultos*. Estes temas serão abordados, a seguir.

3.3 A CATEQUESE DE ADULTOS COMO ENSINO DA FÉ

Jesus cuidou atentamente da formação dos seus discípulos em vista da evangelização. Apresentou-se a eles como o único Mestre e, ao mesmo tempo, como amigo paciente e fiel (cf. Jo 15,15; Mc 9, 33-37; 10, 41-45). Ensinou a verdade ao longo de toda a sua vida. Provocou-os com perguntas (cf. Mc 8, 14-21.27). Explicou-lhes com maior profundidade aquilo que proclamava à multidão (cf. Mc 4, 34; Lc 12, 41). Introduziu-os à oração (cf. Lc 11,1-2). Enviou-os em missão, não sozinhos, mas como pequena comunidade (cf. Lc 10, 1-20). Prometeu-lhes o Espírito Santo que os haveria de guiar para a verdade completa (cf. Jo 16, 13), apoiando-os nos momentos de dificuldade (cf. Mt 10, 20; Jo 15, 26; At 4, 31).

Assim, o modo se relacionar de Jesus é qualificado com características perfeitamente educativas. Jesus sabe acolher e, ao mesmo tempo, incentivar a Samaritana num caminho de acolhimento gradual da graça e de disponibilidade para a conversão. Ressuscitado, faz-Se próximo dos dois discípulos de Emaús, caminha com eles, dialoga, partilha da sua dor. Ao mesmo tempo, incentiva ao abrir o coração, guia até a experiência eucarística e leva a abrir os olhos para o reconhecer; por fim, afasta-se para dar espaço a iniciativa missionária dos discípulos” (DC 160).

É visceral para nossa reflexão considerar que:

é na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criando, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos meios de comunicação social e na própria comunidade eclesial. Destacamos o peculiar valor do ano litúrgico para uma catequese contínua e integrada. Igualmente, são momentos privilegiados para a catequese de adultos os grandes acontecimentos da vida: nascimento, matrimônio, enfermidade, morte etc. (CR 130).

Partindo desse princípio, faz-se necessário redesenhar e descobrir o novo método que a catequese de adultos necessita abraçar e, por isso deve, em suas novas formas de existência, ser constantemente confrontada e fecundada pelo Evangelho. Para a Comissão Episcopal Pastoral e para a Animação Bíblico-Catequética, esse

processo que, hoje em dia é denominado de *catequese de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal* (CNBB, ITINERÁRIO CATEQUÉTICO, 2015), é importante não porque uma evangelização anterior não teve sucesso ou perdeu sua vitalidade (o que poderia acontecer), mas simplesmente porque a realidade que foi “evangelizada” agora necessita de uma (auto) análise que aprofunde a situação existencial do interlocutor para que os recursos metodológicos facilitem a assimilação do conteúdo transmitido e o anime a acolher e praticar o que lhe foi anunciado (GIL GARCIA, 2003, pp. 163-171).

Por isso, o DC 179 afirma que:

diante dos desafios atuais, é cada vez mais importante a consciência da reciprocidade entre o conteúdo e o método, tanto na evangelização como na catequese. A pedagogia original da fé inspira-se na condescendência de Deus que será resultado concretamente da dupla fidelidade – a Deus e ao homem – e, portanto, da elaboração de uma síntese sábia entre a dimensão teológica e a antropológica da vida de fé.

No caminho da catequese, o princípio *evangelizar educando e educar evangelizando* recorda, entre outras coisas, que a obra do catequista consiste em encontrar e mostrar os sinais da ação de Deus já presentes na vida das pessoas e, agarrando-se a eles, propor o Evangelho enquanto força transformadora de toda a existência, à qual dará sentido pleno. O acompanhamento de uma pessoa num caminho de crescimento e conversão é marcado necessariamente pela gradualidade, na medida em que o ato de acreditar subentende uma descoberta progressiva do mistério de Deus e uma abertura e entrega a Ele que crescem no tempo”. O alcance desta meta leva a considerar três momentos: a) a definição de catequese de adultos; b) a finalidade da catequese de adultos; c) a pedagogia divina como inspiração à catequese de adultos.

a) A definição de Catequese de Adultos

De acordo com o DC 260 “a catequese com os adultos configura-se, como um processo pessoal e comunitário de aprendizagem, com a finalidade de adquirir uma ‘*mentalidade de fé* até chegar à medida de Cristo na sua plenitude’ (Ef 4,13)”. Deste modo, o principal objetivo da catequese dos adultos é a formação e o amadurecimento

da vida no Espírito, seguindo os princípios da gradualidade e da progressividade, de modo que a mensagem Evangélica seja acolhida na sua dinâmica de transformação e, portanto, seja capaz de incidir na vida pessoal e social. Assim, “a catequese com os adultos atinge o seu objetivo quando faz com que os próprios adultos sejam capazes de assumir a sua experiência de fé e sintam o desejo de continuar a caminhar e a crescer” (DC 260).

Trata-se, portanto, de um processo de formação cristã de caráter fundamentador, sistemático e integral e com uma duração definida. Uma ação formativa que reúna estas características, seja qual seja o lugar institucional onde se realize (paróquias, movimentos, associações, comunidades de base) deve ser considerada como catequese, ainda que não lhe deem esse nome.

Esse processo relembra-nos a catequese na Igreja Primitiva, as primeiras comunidades fundadas pelos apóstolos. A novidade do Evangelho era contagiante ao povo, os testemunhos, curas, milagres etc., chamavam de tal forma a atenção, que as pessoas trilhavam o caminho da conversão e faziam um período de formação (caminho catecumenal) para assim assumirem a vida no cristianismo.

Sendo assim, podemos inferir que a catequese com adultos, nada mais é, do que uma preparação para a vida eclesial, que vai tomando forma de acordo com as experiências vivenciadas e testemunhadas no cotidiano humano. Ter a plena consciência de que a opção no seguimento a Jesus Cristo, deve passar por uma preparação performativa e principalmente interior, onde eu assumo com meus atos e atitudes aquilo que professo e manifesto no dia a dia.

Como forma de ensino e de garantir a unidade cristã, que estava sujeita a crises, por causas das perseguições ferozes e violentas, os cristãos recebiam cartas e exortações que motivavam a fé de todos. O apóstolo Paulo, foi um grande incentivador desses recursos, escreveu diversas cartas, inclusive uma de suas cartas, aos Tessalonicenses, é mais antiga que os próprios evangelhos.

Os escritos foram os meios encontrados para fortificar a fé e assim formar os povos. Dentro desta realidade surge a Didaquê ou Didaqué, que é o Catecismo dos Apóstolos, escrito em meados dos anos 10 ou 70 D.C. Foi um dos instrumentos que contribuiu para conservar o povo na unidade e na formação.

Ali existiu uma verdadeira catequese (caminho ou catecumenato). Os adultos que se sentiam atraídos pelo Cristianismo e davam sinais de conversão iniciavam o catecumenato. Eram três anos de caminhada para poder receber os sacramentos da Iniciação Cristã. Só batizava quando a pessoa estava realmente preparada, convertida e disposta a dar continuidade ao amadurecimento na fé (RODRIGUES; ENGERROFF, 2012, p. 2).

Com a Didaquê e os demais escritos dos Apóstolos, dos Padres Apostólicos (que viveram com os Apóstolos) e dos Santos Padres, tais como: Santo Irineu, Santa Inácio de Antioquia, São Policarpo, Orígenes, Tertuliano etc., podemos dizer que foram as primeiras catequese para efetivação da fé e formação humana e intelectual daquelas civilizações. Assim surgiram diversos catecismos em livros para a doutrinação e evangelização dos povos, tais como: Didaquê; Catecismo de São Pio X e o Catecismo Romano etc.

Em 1992 foi publicada a nova Edição do Catecismo da Igreja Católica por decreto do Papa São João Paulo II, o “novo” catecismo, veio com a finalidade de eliminar as incertezas sobre a fé católica e sanar qualquer dúvida que exista em relação as implementações do Concílio Vaticano II e da sua doutrina. O Catecismo visava,

demonstrar a realidade de Cristo como coisa insuperavelmente máxima, *‘id quo majus cogitari nequit’*, porque é precisamente a palavra humana de Deus para o mundo, é o humilíssimo serviço de Deus que realiza além da medida toda a meta humana, é o extremo amor de Deus na glória de seu morrer, a fim de que todos, além de si mesmo, vivam para ele (BALTHASAR *apud* GUERREIRO, 2010, p. 140).

A catequese não deve ser considerada apenas como um instrumento de formação religiosa ou como um sistema de manipulação ideológica, mas, sim, como um caminho que forma e que busca transformar a pessoa humana em sua totalidade. Para os primeiros cristãos, o conhecer Jesus Cristo era de tal importância que a prática da evangelização não se limitava apenas a dizer “convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15), mas em formar aquele povo, introduzindo em sua cultura a pessoa de Jesus Cristo.

A catequese introduzia progressivamente na participação da vida cristã dentro da comunidade. Animada pela fé, sustentada pela esperança, exercida através da caridade fraterna, a própria vida da comunidade fazia parte do contexto da catequese. Esta, por sua vez, era o instrumento a serviço de uma

entrada consciente na comunidade de fé e da perseverança nela. Catequese e comunidade caminhavam juntas (CR 7).

Diante do exposto, Saés (2004, p. 131) afirma que:

A inspiração catecumenal supõe fazer da catequese *um processo de Iniciação Cristã integral*, isto é, uma iniciação nas dimensões fundamentais da vida cristã: no conhecimento do mistério de Cristo, na vida evangélica, na oração e na celebração da fé, no compromisso missionário.

Lelo (2008, p. 6) endossa essa perspectiva ressaltando que:

o Documento de Aparecida, do CELAM, aposta nesse modo de fazer catequese e tem presente o novo modelo pastoral que surge do modelo catecumenal com consequências para a catequese com adultos e por etapas. Na pastoral atual, é algo novo aplicar a metodologia catecumenal, porque com o passar do tempo a unidade do processo da iniciação foi dissociada pela celebração separada de cada um dos três sacramentos, os quais acabaram ficando sem relação um com o outro. Chegou a hora de darmos um passo decisivo na catequese de iniciação, evitando a fragmentação e situando a celebração sacramental em um real processo de conversão e identificação com Cristo.

Passamos agora a considerar a finalidade da catequese de adultos no processo da descoberta progressiva do mistério de Deus, de abertura e de entrega a Ele.

b) A finalidade da Catequese de Adultos

A catequese, tendo como modelo referencial o catecumenato tem uma dimensão batismal, sua meta não é outra que a confissão adulta de uma fé depositada germinalmente no batismo. Propõe-se fundamentar e fazer amadurecer a primeira adesão a Jesus Cristo. Efetivamente, a finalidade de toda catequese, também a catequese de adultos, é conduzir à confissão da fé, a qual se manifesta na entrega confiada da pessoa a Deus, realizada na Igreja, para o serviço ao mundo. Assim, a catequese propiciará a vinculação e comunhão do homem com Deus (*metanoia*), na comunhão da Igreja (*koinonia*), para o serviço ao mundo (diaconia).

A finalidade teológica da catequese consiste na *vinculação e comunhão do homem com Deus*. De tal modo, a catequese propicia uma vinculação fundamental da pessoa com Deus. Falar de vinculação é falar de união e de compromisso que afeta

toda a vida. A vinculação a Deus realiza-se por meio de Cristo, por conseguinte, a catequese propiciará a vinculação da pessoa com Jesus Cristo. Se Ele é “*o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14, 6), não há outra forma de aceder ao Pai se não é por Ele. Daí que, a catequese é necessariamente cristocêntrica. Jesus Cristo vincula-nos e revela-nos a Deus Pai. Revela-nos a um Deus que é amor e que é Pai. Assim, também, Jesus nos vincula ao Espírito Santo enviando-o a sua Igreja. Ao mesmo tempo, o Espírito Santo é quem nos vincula a Cristo; Ele nos vai configurando pouco a pouco com Cristo. Mediante seu Espírito, Cristo se faz presente, vive e atua em nós.

Com o “Símbolo dos Apóstolos”, nós cristãos confessamos nossa fé. Ao pronunciar o Credo, manifestamos algo mais que um puro assentimento racional, expressamos nossa entrega confiada e incondicional ao único Deus Trino: Pai e Filho e Espírito Santo. O cristão, ao fazer sua entrega ao Deus Absoluto, renuncia servir a qualquer absoluto humano; assim, esta confissão de fé significa para o homem libertar-se de qualquer ídolo que o escraviza.

A catequese tem na comunhão sua finalidade eclesial. Sendo assim, a fé cristã não é outra coisa que participação da fé comum da Igreja. Jesus Cristo vincula-nos à sua Igreja, porque nela reúne a seus discípulos e lhe encomenda a continuação de sua obra de salvação, transmitindo-lhe para isso seu Espírito. Portanto, a catequese que trata de unir-nos a Cristo, também nos unirá à Igreja.

Para isso, a catequese deve formar o adulto numa profunda vivência eclesial, propiciando o afeto em relação à Igreja e aprofundando numa eclesiologia de comunhão. Inclui-se nesta finalidade, no tocante à vida da comunidade cristã: o espírito de fraternidade e abertura ao outro; a capacidade de comunicação, de diálogo e de participação; e a obediência justa e madura à autoridade. Relaciona-se também com a comunhão eclesial o importante problema ecumênico: a catequese deve educar o adulto na ação ecumênica, fomentando o conhecimento dos irmãos separados e o diálogo e colaboração com eles;

A catequese tem por finalidade *diaconal o serviço ao mundo*. Jesus Cristo ama tanto os homens e está tão unido a eles que considera feita a Ele qualquer ação que façamos a favor ou contra os seres humanos: “Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25, 40). Portanto, a catequese, que vincula o crente com Jesus

Cristo e a Igreja, necessariamente, deve levar-lhe a viver a solidariedade com todos os homens. A catequese deve ensinar o fiel a relacionar-se com os homens da mesma maneira como o fazia Jesus. Ele sempre esteve a favor do bem integral de toda pessoa humana, mostrando amor, solidariedade, total entrega a eles, especialmente com os mais frágeis e necessitados.

Podemos afirmar que a finalidade da catequese de adultos é inserir o convertido na plena participação da vida eclesial. Conforme afirma Floristan (1972, p. 15): “a etapa de preparação para a vida cristã, ou o tempo de iniciação, que a Igreja exige aos convertidos, para que se transforme a sua fé inicial em profissão de fé explícita, sacramentalmente celebrada na comunidade cristã”. Portanto, o objetivo principal da catequese é preparar o catequizando para assumir o seu papel de batizado, de ser discípulo e missionário de Jesus Cristo. No entanto, essa ainda é uma realidade um pouco distante de ser concretizada.

Para Antoniazzi (1999, p. 201), “a catequese de adultos é uma questão ainda não resolvida na Igreja Católica [...]”. Essa realidade é uma dificuldade que está inserida na vida eclesial, pelo simples fato de que, muitas vezes, o processo formativo acaba sendo esvaziado a meras repetições de conteúdo doutrinal e não na vivência sacramental, isto é, falamos o que deve ser feito e não vivemos isso que falamos. No entanto, essa realidade deve ser substituída por uma verdadeira formação, que perpassa a vida eclesial e a humana, ligada ou interligada a pessoa de Jesus Cristo.

O Documento de Aparecida, no número 30, fortalece essa ideia dizendo:

Por isso, nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo. Anunciamos a nossos povos que Deus nos ama, que sua existência não é ameaça para o homem, que Ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que Ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas. Os cristãos somos portadores de boas novas para a humanidade, não profetas de desventuras.

A necessidade da transmissão da fé, sem ocultações e maquiagens pós-modernas, tem sido uma tarefa urgente e que clama uma resposta certa e efetiva. Segundo Carmo (2010, p. 54):

A catequese não se confunde com uma reflexão improvisada; ela provoca um mergulho em Deus, um encontro com Deus. Esse encontro exige uma

teologia elaborada, com sequência de temas concatenados e com rigor lógico, mas com pedagogia própria – é claro! A catequese não é aula. É iniciação no mistério de Jesus morto e ressuscitado. É algo bem mais circular que linear, mais vivencial que intelectual, mais afetivo que racional. Mas isso não elimina o caráter organizado, intelectual e racional da experiência de fé, nem tira da catequese sua obrigação de dar respostas razoáveis, de procurar entender as razões da fé.

Por conseguinte, a fé católica é cristocêntrica. Ela tem sua essência no real conhecimento e seguimento a Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Acredita-se que a aplicação de uma catequese baseada na tradição apostólica, em plena comunhão com o Magistério e a Sagrada Escritura é, sem dúvida, a oportunidade de formar pessoas conscientes da fé que professam e comprometidas em modificar a sociedade na qual estão inseridos.

Deste modo, a catequese de inspiração catecumenal, recupera mediante um processo maior de transmissão e vivência de fé, mediante um caminho interior de aprofundamento e de encontro com Cristo.

c) A pedagogia divina como inspiração à Catequese de Adultos

O número 53 do Catecismo da Igreja Católica diz-nos que: “o projeto divino da Revelação se realiza ao mesmo tempo ‘por ações e por palavras, intimamente ligadas entre si, e que se iluminam mutuamente’”. A esse projeto chamamos de *pedagogia divina*. A pedagogia divina “torna-se visível também no mistério da encarnação quando o anjo Gabriel pede a uma jovem de Nazaré a sua participação ativa na força do Espírito Santo: o *fiat* de Maria é a plena resposta da fé (cf. Lc 1, 26a38)” (DC 159).

Dessa maneira,

A pedagogia catequética tem como modelo sobretudo o proceder de Jesus Cristo, que, a partir da convivência com as pessoas, deu continuidade ao processo pedagógico do Pai. Levou à plenitude, por meio de sua vida, palavras, sinais e atitudes, a Revelação divina, iniciada no Antigo Testamento. Motivou os seus discípulos a viverem de acordo com os seus ensinamentos e plantou a semente da sua comunidade, a Igreja, para transmitir, de geração em geração, a mensagem da salvação e a pedagogia que Ele mesmo ensinou com sua vida (DNC 140).

Nesta direção, o DC 14, apresenta-nos o *anúncio cristão*, que está associado à pedagogia divina, aos ensinamentos de Jesus Cristo, que vão além de referências doutrinárias, moralistas ou eclesiais, e fecunda a identidade humana chamando o cristão a viver em tudo a vontade divina, que na cruz se entrega e nos dá a salvação.

O anúncio cristão comunica o desígnio divino que é:

- a) um mistério de amor: os homens, amados por Deus, são chamados a responder-lhe, tornando-se sinal de amor para os irmãos;
- b) a revelação da verdade íntima de Deus como Trindade e da vocação do homem a uma vida filial em Cristo, fonte da sua dignidade;
- c) a oferta da salvação a todos os homens, através do mistério pascal de Jesus Cristo, dom da graça e da misericórdia de Deus, que implica a libertação do mal, do pecado e da morte;
- d) o chamamento definitivo a reunir na Igreja a humanidade dispersa, realizando a comunhão com Deus e a união fraterna entre os homens já hoje, mas plenamente realizada no fim dos tempos (DC 14).

A pedagogia catequética com suas práticas cotidianas deve, portanto, conduzir-nos a um encontro com a pessoa de Jesus Cristo e, a partir Dele, impulsionar-nos a anunciar o Evangelho e a construir uma sociedade acessível a todos, sem distinção de classes e culturas. Assim, nesta opção por Cristo, também optamos por estar ao lado dos pobres e marginalizados, que buscam a libertação de suas misérias humanas e espirituais, uma vez que a missão de Jesus é a vida e vida em plenitude a todos.

O Senhor disse:

‘Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça’ (Mt 6,33). Esta palavra ‘primeira’ exprime, ante de mais nada, em que direção devem mover-se os nossos pensamentos e as nossas forças; não devemos esquecer, porém, as outras palavras desta exortação do Senhor, isto é: ‘e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo’ (Mt 6,33). Na realidade, sempre existiram e existem ainda, na Igreja, os que, embora procurem com todas as forças praticar a perfeição evangélica, não se esquecem de ser úteis à sociedade. De fato, do seu exemplo de vida, constantemente praticado, e das suas iniciativas de caridade toma vigor e incremento o que há de mais alto e mais nobre na sociedade humana (FERRARO, 2015, p. 45).

Para Von Balthasar (1998, p. 257), isto significa “em primeiro lugar, sair de si até os povos e ensinar-lhes a verdade cristã de maneira que possam entender e

aceitar (a questão da ‘inculturação’); em segundo lugar, não deixar que a verdade se fragmente por sua pluralidade, senão incluí-la em sua própria unidade ‘pleromática’”.

Por isso, segundo o DNC 141, a catequese deve inspirar-se nos traços da pedagogia de Jesus:

- a) o acolhimento às pessoas, preferencialmente aos pobres, pequenos, excluídos e pecadores (cf. Mt 18,12-14);
- b) o anúncio do Reino de Deus, como a Boa Notícia da verdade, da liberdade, do amor, da justiça, que dá sentido à vida (cf. Lc 4,17-22; 17,20-21);
- c) o convite amoroso para viver a fé, a esperança e a caridade por meio da conversão no seu seguimento (cf. Mc 1,15; Mt 11,28-30);
- d) o envio aos discípulos para semearem a Palavra em vista da transformação libertadora da sociedade (cf. Mc 6,6b-13);
- e) o convite para assumirem, com radicalidade evangélica, o crescimento contínuo da fé, através do mandamento novo do amor, o princípio pedagógico fundamental (cf. Mt 17,20; Lc 13,16; Jo 13,34; Lc 10,29-37);
- f) a atenção às necessidades, às situações bem concretas da vida e aos valores culturais próprios do povo, provocando reflexão para uma mudança de vida;
- g) a conversa simples, acessível, utilizando narrativas, comparações, parábolas e gestos, adaptando-os aos seus seguidores e demais interlocutores;
- h) a firmeza permanente diante das tentações, das crises, da cruz, buscando a força na oração.

É preciso levar em conta, ainda, que:

O Espírito Santo é o princípio inspirador de toda atividade catequética. Ele é o ‘Mestre interior’ que, no segredo da consciência e do coração, faz compreender as palavras e os gestos salvíficos de Jesus. Essa é a dimensão espiritual da catequese que, enquanto ação eclesial em favor do crescimento da fé, é obra do Espírito Santo, obra que somente Ele pode suscitar e alimentar na Igreja (CT 72). (DNC 142).

O documento valoriza a ação do Espírito Santo e “a finalidade a essa pedagogia interior do coração” para uma experiência do Ressuscitado e de Pentecostes. A catequese, portanto, deve contribuir para que o catequizando seja capaz de fazer uma

“síntese entre o conhecimento intelectual e a experiência amorosa da vida em Deus. Há uma mensagem a ser conhecida que se encontra privilegiadamente nas Escrituras Sagradas, na Tradição, na liturgia, no Magistério da Igreja, nos sinais dos tempos [...]”. A missão da catequese, consiste em esclarecer e estimular “a experiência e vivência no Espírito que o catequizando faz na liturgia, no ano litúrgico e na oração cotidiana, como o caminho de crescimento na fé” (DNC 142-143).

A experiência pascal conduz, por sua vez, a testemunhar as riquezas da Ressurreição e do Pentecostes de Jesus e a viver uma vida comprometida com o reino de Deus e na promoção da justiça, testemunhando que o Cristo que professamos cumpre no hoje e agora a missão de salvar, libertar e integrar todos na realidade evangélica e social.

Conforme atesta o DNC 144:

Há também uma experiência existencial, pessoal e comunitária de Deus, que é da vida, do coração, da contemplação, da relação consigo, com os outros, com a natureza e com Deus. Uma experiência que tem a marca do amor, amor que privilegia, a exemplo de Jesus, os mais necessitados. É esse o caminho da catequese, iluminado pela ação do Espírito Santo: anuncia a verdade revelada, cria meios para a comunhão filial com Deus, a construção da comunidade de irmãos, o estabelecimento da justiça, da solidariedade, da fraternidade.

E, por isso, a catequese com adultos tem como missão mostrar, por meio do conhecimento da fé e da experiência amorosa da vida em Deus, que os caminhos ensinados por Cristo possuem uma dimensão profética e libertadora. Estes são caminhos que conduzem à participação na vida eclesial, conferindo-lhe o sentido mais profundo do belo, do verdadeiro e do bom.

Tudo isso ocorre porque a Palavra de Deus, mediada pela catequese, ilumina a vida humana e dá unidade às múltiplas experiências da vida pessoal, familiar e social.

3.3.1 A pessoa adulta como interlocutora da catequese

O Diretório para a Catequese (2020, 257) compreende a condição do adulto como uma idade da vida num “processo contínuo de reestruturação que tem em conta

a evolução da sensibilidade pessoal, a teia de relações, as responsabilidades a que a pessoa é chamada”. É neste processo que se inserem fatores familiares, culturais, sociais em que o adulto reformula continuamente a sua identidade, reage criativamente aos diversos momentos de transição que está vivendo. “A dinâmica de tornar-se adulto tem a ver inevitavelmente também com a dimensão religiosa, uma vez que o ato de fé é um processo interior intimamente ligado à sua personalidade” (DC 257).

O documento para a Catequese segue afirmando que:

nas etapas da idade adulta, a própria fé é chamada a tomar diversas formas, a desenvolver-se e a amadurecer, para que possa ser uma resposta autêntica e contínua às provocações da vida. Por isso, qualquer possível caminho de fé com os adultos requer que as experiências da vida não só sejam tidas em consideração, mas que sejam relidas à luz da fé enquanto oportunidade e, portanto, integradas no próprio percurso formativo (DC 257).

A esse propósito, Nery (2008, p. 22-23) contribui afirmando que: “a compreensão de ser humano se expandiu com o advento de várias teorias psicológicas. Cada teoria tem seu fundamento filosófico”. Para exemplificar, o autor menciona Freud (1968) que concebe o homem como ser eminentemente determinado por motivações inconscientes, com o comportamento submetido a conteúdos psíquicos que, na maior parte, ele não domina. Assim compreende-se o ser humano a partir de suas prisões neuróticas e doências, geradas principalmente nos traumas ou relações perturbadoras da infância.

Vale ressaltar que todo psicólogo e estudioso do ser humano não descarta a importância dos estudos freudianos como fundamento dos conflitos psíquicos. As psicologias fenomenológico-existenciais, dentre elas o psicodrama (MORENO, 1983; WOLFF, GONÇALVES e ALMEIDA, 1988), a Gestalt-terapia (PERLS, 1972), a abordagem centrada na pessoa (ROGERS, 1978, 1975) e a análise transacional (BERNE, 1995) concebem o ser humano como um ser criativo e produtivo, em contínua evolução, constituindo-se e refazendo-se nas relações com o outro e com o mundo.

Para Moreno (1983; 1992), que criou a *socionomia* (ciência que estuda os grupos) e desenvolveu métodos de tratamento grupais, dentre eles o psicodrama e o sociodrama, o ser humano é espontâneo-criativo e continua a criação do universo. É

um ser cósmico, que vive em unidade com o cosmos, por isso é corresponsável por todos os acontecimentos construtivos ou destrutivos da humanidade e do universo. O homem e a mulher possuem centelhas divinas e as experimentam de diversas maneiras, dependendo de suas vivências.

Com efeito, o ser humano é divino (espontâneo-criativo) e humano ao mesmo tempo. Para o psicodrama, cada pessoa integrará o divino e o humano de acordo com suas especificidades cognitivas, emocionais, históricas e relacionais em confronto, contextualizado e dentro de momentos específicos, sem outro ser humano. Esta visão se coaduna em parte com o entendimento junguiano.

Jung (1998), ao estudar o inconsciente coletivo, concluiu que nossa personalidade é formada por arquétipos, elementos psíquicos herdados por nossos ancestrais. Alguns arquétipos são: a *persona*, ou os papéis sociais que vivemos; a *sombra*, que são os conteúdos que tememos reconhecer em nós mesmos; o *self*, ou o eu mais central, divino e criador dentro de nós. A tarefa da experiência humana é a revisão, a integração e a negociação desses arquétipos, para que consigamos atingir a individualização, ou a união *persona-self*.

Portanto, o humano e o divino são experimentados cada vez mais, de forma integrada, à medida que atingimos a maturidade sociopsíquica. O acento aqui é posto na *experiência* que:

é constitutiva da catequese, tanto na sua identidade e no seu processo, como também nos conteúdos e no método, porque não é apenas o lugar onde se deve fazer ecoar a Palavra de Deus, mas também o espaço em que Deus fala. A experiência de cada pessoa ou de toda a sociedade deve ser abordada com uma atitude de amor, acolhimento e respeito (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2020, p. 64).

Deus age na vida de cada pessoa e na história, e o catequista, inspirando-se no estilo de Jesus, deixa-se alcançar por esta presença. Isto impede de pensar a pessoa e a história apenas como destinatários da proposta e abre para uma relação de reciprocidade e de diálogo, à escuta de tudo aquilo que o Espírito Santo já está realizando silenciosamente.

No seu anúncio do Reino, Jesus buscava e acolhia as pessoas nas situações concretas das suas vidas. Também, quando ensinava, partia da observação dos acontecimentos da vida e da história, que relia numa ótica sapiencial. A assunção da

experiência por parte de Jesus tem algo de espontâneo que transparece sobretudo nas parábolas. Estas, partindo da constatação de fatos e experiências conhecidas por todos, incentivavam os interlocutores a questionarem-se e a iniciarem um processo interior de reflexão. De fato, as parábolas não são apenas exemplos para compreender uma mensagem, mas apelos a posicionar-se na vida com disponibilidade e em sintonia com a obra de Deus.

Jesus ajudou a viver as experiências humanas, reconhecendo nelas a presença e o chamamento de Deus. A exemplo de Jesus, a catequese ajuda a iluminar e interpretar as experiências de vida à luz do Evangelho. O homem contemporâneo vive situações fragmentárias cujo sentido unitário até ele tem dificuldade de perceber. Isto pode levar mesmo a viver de modo separado a fé que se professa e as experiências humanas que se vivem. A releitura da existência com os olhos da fé favorece uma visão sapiencial e integral.

Se a catequese negligenciar a correlação entre as experiências humanas e a mensagem revelada, cai-se no perigo de justaposições artificiais ou incompreensões da verdade. Jesus serve-se de experiências e situações humanas para apontar realidades transcendentais e, ao mesmo tempo, indicar a atitude a assumir. Na explicação dos mistérios do Reino, recorre efetivamente a situações comuns da natureza e da atividade do homem (por exemplo, a semente que cresce, o negociante à procura do tesouro, o pai que prepara o banquete nupcial para o filho...). Para tornar o mistério cristão inteligível, a catequese precisa valorizar a experiência humana, que permanece como uma mediação prioritária para aceder à verdade da Revelação” (DC 197-200).

Com efeito, os enfoques teológico e antropológico contribuem para aprofundar a identidade da catequese com a fé na sua *realidade global indistinta e com o dinamismo de crescimento e amadurecimento da própria fé*, que se realiza nas comunidades e nos crentes (ALBERICH, 1983, pp. 98-100). A perspectiva teológica parte do critério bíblico. Nesse sentido, o dinamismo da fé pode ser descrito como um processo que parte da *conversão* e evolui, mediante a um movimento de crescimento, para uma plenitude escatológica. Ela divide em duas partes a vida do crente e supõe uma ruptura com o passado e a decisão de assumir uma nova mentalidade e estilo de vida. É um processo de “desestruturação” que leva a uma “reestruturação” ou

recomposição da própria personalidade e da própria vida em torno de um novo centro vital, Cristo.

A vida de fé desenvolve-se num dinamismo de crescimento e de amadurecimento que se refere tanto às pessoas quanto às comunidades. No que tange ao *crente individualmente*, o Novo Testamento usa diversas expressões e figuras para exprimir a realidade de uma fé que deve ser cultivada, intensificada, levada ao amadurecimento. A palavra de Deus é como uma *semente* que deve crescer até produzir “cento por um” (Mt 13, 23); o dinamismo cristão é o desenvolvimento da *vida divina*, crescimento até a estatura de Cristo, edificação do templo espiritual, a palavra deve produzir fruto, deve ser conservada etc.

Tais expressões abrangem, num certo sentido, toda a densidade da vida cristã, mas sempre colocando a fé no seu centro. O verdadeiro crescimento do Reino de Deus é algo de interior que compreende também a ordem do conhecimento; o cristão deve, na verdade, crescer na fé (2Cor 10, 15; Fl 1, 25), no conhecimento de Deus (Cl 1, 10), no conhecimento do Senhor nosso e Salvador Jesus Cristo (2Pd 3, 18).

Em relação às *comunidades dos crentes*, a Escritura exprime também, por meio de figuras diversas, o dinamismo das Igrejas locais, que crescem, se edificam e progridem. Encontra-se, no entanto, a orientação dirigida a algumas comunidades, porque ainda se mostram imaturas na sua fé. Exemplo disso é Paulo, quando ele escreve aos cristãos de Corinto explicitando que precisa dar-lhes leite para beber, e não alimento sólido para comer, porque eles ainda são “carnais” (1Cor 3, 2-3). João, por sua vez, à Igreja de Laodiceia adverte-a de que perdeu o vigor de sua fé e não é “nem fria nem quente” (Ap 3, 16).

Na perspectiva antropológica, o dinamismo da fé equivale ao conceito de *atitude*, que da psicologia social, passa a ser usado na psicologia da religião para demonstrar e descrever o amadurecimento da religiosidade, opondo-se à natural religiosidade ou a simples crença. A definição de *atitude* traz em si a *realidade do modo de ser*, de uma conduta global, que diante de uma situação de vida, mobiliza a *esfera cognoscitivo-avaliativa*. A atitude tem uma função essencial na determinação do nosso comportamento, pois condiciona~~m~~ nossos juízos e nossas percepções, influenciam nossa presteza e eficácia de apreensão, ajudando-nos a escolher os grupos e o nosso modo de viver.

Da imensurável reflexão, especialmente a filosófica, tangente à realidade da experiência, Alberich (1983, p. 78-79) destaca cinco traços da sua estrutura de fundo que permitem compreender o seu conceito em sua *densidade antropológica e no seu significado hermenêutico*. Isso é o que ajuda a superar uma concepção superficial da experiência que a identifica com o tempo transcorrido ou com o conjunto das situações vividas ou das coisas vistas:

a) *Realidade ou situação vivida*. É o caráter de imediatez, de contato vital, existencial com a realidade. Não se tem verdadeira experiência apenas porque se ouviu dizer, ou como resultado de estudo, de leitura etc.; b) *Realidade vivida com intensidade e globalidade*. Para não permanecer no superficial, a realidade objeto da experiência deve ser vivida com uma certa intensidade e de forma global, isto é, envolvendo toda a pessoa (esfera intelectual, afetiva, ativa); c) *Realidade reflexa e interpretada*. É a dimensão da profundidade que faz com que, mediante a reflexão e o esforço interpretativo, a realidade experimentada adquira significado e seja convenientemente valorizada, inserida no contexto da vida, ligada a outros elementos e experiências. Somente através desse esforço interpretativo a *vivência* ou o *vivido* (*Erlebnis*) se torna *experiência* (*Erfahrung*), e, portanto, lição de vida, acesso à realidade, orientação existencial; d) *Realidade expressa e objetivada*. É o momento expressivo em que a vivência deve ser dita, *objetivada* sob formas diversas de linguagem (palavra, gesto, rito, conduta etc.). observemos o seguinte: a expressão só é necessária para uma eventual comunicação da experiência a outros, mas torna-se *mediação* necessária para a elaboração e o esclarecimento da própria experiência. Também aqui, como no processo geral da revelação, a 'palavra' interpreta a vida e revela o seu 'mistério'; e) *Realidade que opera uma transformação*. Na medida em que a experiência é profunda e autêntica, manifesta-se, outrossim, na mudança das pessoas, que dela saem transformadas, diferentes.

Isso evidencia que o ser humano não é um ente "isolado", mas "cósmico" pois os acontecimentos do seu contexto relacional influenciam em sua maneira de pensar e de agir. Também na esfera religiosa.

Para Léger (2008, p. 34):

[...] o que é especificamente 'moderno' não é o fato de os homens ora se aterem ora abandonarem a religião, mas é o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi-se tornando ilegítima, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis.

Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são 'assuntos de opção pessoal': são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política pode impor a quem quer que

seja”. A Igreja, inserida numa sociedade pós-moderna, vê que em muitas ocasiões o transcendental é deixado de lado, como algo secundário. Frente a esse desafio, como fica ou como poderá ser trabalhada a catequese de adultos? Por meio de uma adequada *adaptação*, que:

realiza-se segundo as diversas circunstâncias em que se transmite a Palavra de Deus. Essas circunstâncias são determinadas pelas diferenças de culturas, de idades, da vida espiritual, de situações sociais e eclesiais daqueles a quem a catequese é dirigida. Tais circunstâncias deverão ser atentamente consideradas. Recorde-se também que, no pluralismo das situações, a adaptação leva sempre em consideração a totalidade da pessoa e a sua unidade essencial, segundo a visão que dela tem a Igreja. Por isso, a catequese não se detém apenas na consideração dos elementos exteriores de uma determinada situação, mas considera também o mundo íntimo da pessoa, a verdade sobre o ser humano ‘primeira e fundamental via da Igreja’. Isso determina um processo de adaptação que é tanto mais condizente, quanto mais forem consideradas as interrogações, as aspirações e as necessidades da pessoa, no seu mundo interior (DGC 170).

E qual seria a adequada adaptação? Com efeito, seria aquela na qual

o catequista reconhece que o método está a serviço da revelação e da conversão e, portanto, é necessário valer-se dele. Por outro lado, o catequista sabe que o conteúdo da catequese não é indiferente a qualquer método, mas sim exige um processo de transmissão adequado à natureza da mensagem, às suas fontes e linguagens, às concretas circunstâncias da comunidade eclesial, à condição de cada um dos fiéis aos quais a catequese se dirige (DGC 149 a).

Portanto, a catequese por idades deve valer-se das ciências humanas e pedagógicas, relativas as idades para saber orientar os desafios os desafios inerentes à vocação humana:

a catequese, segundo as diferentes idades, é uma exigência essencial para a comunidade cristã. Por um lado, de fato, a fé participa do desenvolvimento da pessoa; por outro lado, cada fase da vida é exposta ao desafio da descristianização e deve, acima de tudo, aceitar como um desafio, as tarefas sempre novas da vocação cristã. Oferecem-se, pois, por direito, catequeses por idades, diversificadas e complementares, provocadas pelas necessidades e capacidades dos destinatários. Para tanto, é indispensável prestar atenção a todos os elementos do jogo, antropológico-evolutivos e teológico-pastorais, valendo-se também dos dados atualizados das ciências humanas e pedagógicas, relativas a cada idade [...]. Também por esta razão, é pedagogicamente eficaz fazer referência à catequese de adultos e, à sua luz, orientar a catequese dos outros momentos da vida (DGC 171).

Diante disso, enfatiza-se a necessidade de prestar atenção aos diferentes elementos envolvidos no processo de formação cristã: antropológico-evolutivos e teológico-pastorais, considerando do mesmo modo também as ciências humanas e o apoio das ciências humanas e pedagógicas, inerentes a cada idade.

3.3.2 Os adultos aos quais se dirige a catequese

A sociedade, de ontem e de hoje, gira em torno às decisões dos adultos. É verdade que ela também presta hoje uma grande atenção às crianças, mas não são elas que dirigem a família, a educação, a economia, a política, a comunicação etc., são os adultos os que têm em suas mentes e em seus programas essas grandes responsabilidades, como afirma o DNC no número 181:

Os adultos são, no sentido mais amplo, os interlocutores primeiros da mensagem cristã. Deles depende a formação de novas gerações cristãs, através do testemunho da família, no mundo social e político, no exercício da profissão e na prática de vida e da comunidade. É na direção dos adultos que a evangelização e a catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos meios de comunicação social e na própria comunidade eclesial.

Qualificar a catequese de adultos como educação da fé constitui um caminho privilegiado de acesso de compreensão da sua identidade e do seu significado na práxis eclesial. Olhando esses pressupostos, naturalmente surge o questionamento: *quem é o adulto a quem está destinada a catequese?* Ao que responde o DNC no número 180:

O adulto que precisa de catequese não é só aquele que não a recebeu em outras faixas etárias. Todos precisam continuar progredindo na fé e no conhecimento do Senhor: 'Sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o ser humano por toda a vida e se integre em seu crescimento global' (CR 129).

Em épocas passadas, quando as formas de vida e a cultura mantinham uma relação muito mais estreita, o desenvolvimento da pessoa para a idade adulta resultava bastante harmônico, de forma que quem crescia em idade, ia crescendo simultaneamente, sem excessivas dificuldades, nas restantes dimensões de sua personalidade.

Na atualidade, pelo contrário, há diversidade de elementos que confluem na pessoa e vão configurando desde a infância, fazendo com que os níveis de desenvolvimento que se alcançam possam ser muito variados, segundo o grau de eficácia com que cada agente educativo haja podido influir sobre a pessoa: família, bairro, escola, televisão, religião.

A maturidade alcançada, segundo a idade biológica, pode não corresponder com o desenvolvimento ou a maturidade de outros aspectos da personalidade. Esta realidade deve ser levada em consideração no planejamento da catequese de adultos. Por outra lado, as permanentes mudanças e novas influências que a pessoa experimenta vindas de seu entorno e sua cultura, levam-na à necessidade de uma contínua adaptação às novas situações, pois a idade adulta não é um “estado adquirido”, mas uma capacidade de afrontar novos desafios, de assumi-los e de superar as dificuldades que se apresentam. Assim, pois, ser adulto leva consigo um permanente exercício de aprendizagem. Este aspecto da condição adulta também tem implicações importantes para a catequese (BERGER, 2003, pp. 298-393).

Todas essas novas circunstâncias, o avanço das ciências psicopedagógicas e a investigação abriram espaço a uma concepção mais dinâmica que considera a complexidade da idade adulta e as numerosas transições e metamorfoses que são vividas durante o tempo que transcorre entre o jovem adulto e o ancião. Esta nova visão supera uma concepção estática de tempos passados que considerava que o adulto havia terminado seu crescimento psicológico e alcançado sua plenitude humana aos vinte anos. Os adultos vivem sua experiência de fé com tudo o que lhes caracteriza como adultos: com sua autonomia, suas frustrações, suas desilusões amorosas, sua realização profissional, seus “rolés” e sua relação com o tempo; e também com tudo o que é próprio e exclusivo de cada qual, ou seja, com sua unicidade e originalidade. A eles, pois, há que se dirigir, em primeiro lugar, a

catequese, entendida como a etapa básica da formação integral do cristão dentro do processo mais amplo e completo da evangelização.

Atualizando o número 171 do DGC, o DC no número 258 explicita os destinatários desta ação catequética com as “tipologias” de como o adulto vive a sua fé:

a) adultos *crentes*, que vivem a sua fé e desejam aprofundá-la; b) adultos que *apesar de serem batizados, não estão formados adequadamente* ou não foram ao fim da iniciação cristã e podem ser chamados *quase catecúmenos*; c) adultos *batizados* que apesar de *não viverem habitualmente a sua fé*, procuram, no entanto, um contato com a *comunidade eclesial* em alguns momentos particulares da vida; d) adultos que *provem de outras confissões cristãs* ou de outras *experiências religiosas*; e) adultos que *voltam à fé católica*, depois de terem tido alguma *experiência nos novos movimentos religiosos*; f) adultos *não batizados*, a quem se destina o verdadeiro catecumenato.

Um requisito essencial para o crescimento da maturidade da fé é a aceitação e valorização da própria originalidade, desde que não se retraia em si mesma, dando origem ao individualismo. Mas os adultos, que reconhecem sua unicidade de forma equilibrada, podem abrir-se mais facilmente às outras pessoas e entrar numa autêntica comunhão com elas. A seguir, veremos alguns pontos essenciais para um adequando caminho para a educação do adulto na fé.

a) A adequação metodológica à pessoa adulta

Quando falamos de catequese de adultos, estamos falando do *processo de educação do adulto na fé*, intencionando uma catequese permanente e universal que “o leve a superar seu infantilismo religioso, responder a questões fundamentais da sua fé, atualizar-se para justificar o seu ser cristão no mundo de hoje e conhecer seu papel transformador dentro e fora da comunidade eclesial” (MANTOVANI, 2008, p. 39).

Para isso, mesmo não possuindo um método único e próprio para transmitir a fé, a Igreja

assume os diversos métodos contemporâneos na sua variedade e riqueza, desde que respeitem integralmente os postulados de uma antropologia cristã e garantam a fidelidade do conteúdo. Utiliza-se das ciências pedagógicas e

da comunicação, levando em conta a especificidade da educação da fé (DNC 150).

Deste modo, podemos dizer que a catequese de adultos deve assumir uma feição de construtora de conhecimentos, que estão inseridas na vida eclesial, levando a pessoa adulta a compreender qual seu papel na vida da Igreja e como a Igreja colabora na formação da vida humana.

O Diretório para a Catequese no número 264 apresenta uma multiplicidade de formas de catequese com adultos. Tais formas são:

a) catequese como verdadeira iniciação à fé, ou seja, o acompanhamento dos candidatos ao Batismo e aos sacramentos da iniciação mediante a experiência catecumenal; b) a catequese como nova iniciação à fé, ou seja, o acompanhamento daqueles que, mesmo sendo batizados, não completaram a iniciação ou não estão efetivamente evangelizados; c) a catequese como redescoberta da fé através dos 'centros de escuta' ou de outras modalidades, ou seja, uma proposta em chave evangelizadora, destinada aos afastados, como se costuma dizer; d) a catequese de anúncio da fé nos ambientes de vida, de trabalho, de lazer ou por ocasião de manifestações de piedade popular ou de peregrinação aos santuários; e) a catequese com os casais por ocasião do Matrimônio ou na celebração dos sacramentos dos filhos, que muitas vezes se torna em ponto de partida para ulteriores experiências de catequese; f) a catequese para o aprofundamento da fé a partir da Sagrada Escritura ou de um documento do Magistério ou da vida de santos e de testemunhas da fé; g) a catequese litúrgica, em vista de uma participação consciente nas celebrações comunitárias; h) a catequese sobre temas morais, culturais ou sociopolíticos, em ordem a uma participação na vida da sociedade, que seja ativa e se inspire na fé; i) a catequese no âmbito da formação específica dos agentes pastorais, que constitui uma ocasião privilegiada para itinerários de fé.

A catequese de adultos, portanto, encontra seu lugar próprio, sobretudo, no contexto da iniciação cristã. Ela é “o ponto de partida, o enfoque metodológico e, especialmente, o horizonte onde se ressitua a catequese de adultos hoje” (DGC 68). Por conseguinte,

o conteúdo da catequese, sendo objeto de fé, não pode ser submetido indiscriminadamente a qualquer método, mas requer que este reflita a natureza da mensagem evangélica com as suas fontes e tenha em conta as circunstâncias concretas da comunidade eclesial e de cada um dos batizados. É importante ter presente que a finalidade educativa da catequese determina as escolhas metodológicas (DC 194).

Pensar a metodologia da catequese de adultos é ter em mente que a formação de seus destinatários deve ser na busca da totalidade da pessoa, não uma mera

retransmissão de conteúdos e sim um convite a uma vida concreta em Cristo, conforme nos ensina o DNC no número 152: “O método da catequese é fundamentalmente o caminho do seguimento de Jesus (cf. Marcos; Mt 16,24; Lc 9,23; Jo 14,6 etc.)”.

A Catequese Renovada coloca como base e referência para a pedagogia da fé o ‘princípio metodológico da interação entre fé e vida’. Assim o descreve:

‘Na catequese realiza-se uma interação (um relacionamento mútuo e eficaz) entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado da Tradição. De um lado, a experiência da vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é busca e explicitação das respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com Ele; de outro, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte mais amplo’ (CR 89; 92-98).

Essa confrontação entre a formulação da fé e as experiências de vida possibilita uma formação cristã mais consciente, coerente e generosa. Não se trata tanto de um método nem de um princípio metodológico que perpassa todo conteúdo da catequese. Textos e manuais dão orientações práticas sobre como operacionalizar o princípio de interação entre fé e vida, sugerindo um novo modo de organizar o processo catequético: não mais como os tradicionais planos de aulas, mas através de um roteiro de atividades evangélico-transformadoras.

É um itinerário educativo, que vai além da simples transmissão de conteúdos doutrinários desenvolvidos nos encontros catequéticos. Esses roteiros contemplam um processo participativo de acesso às Sagradas Escrituras, à liturgia, à doutrina da Igreja, à inserção na vida da comunidade eclesial e a experiências de intimidade com Deus (CR 135-136 e 157-158; TM 125-136 e 189-195).

Em vista disso, afirma o DGC 58, “o primeiro anúncio e uma catequese fundante constituem a opção prioritária”. Entramos assim na exigência de uma *catequese querigmática*, como nos apresenta o Pontifício Conselho para a Nova Evangelização: Esta exigência, à qual a Igreja deve responder no tempo presente, coloca em evidência a necessidade de uma catequese que, de modo coerente, pode ser definida como *querigmática*: uma catequese que seja um aprofundamento do querigma que, cada vez mais e melhor, vai fazendo-se carne.

A catequese, que nem sempre se pode distinguir do primeiro anúncio, é chamada a ser, antes de mais, um anúncio da fé e não deve remeter para outras ações eclesiais a tarefa de ajudar a descobrir a beleza do Evangelho. É importante que cada pessoa descubra, precisamente através da catequese, que vale a pena acreditar.

Deste modo, ela já não se limita a ser um mero momento de crescimento mais harmonioso da fé, mas contribui para gerar a própria fé e permite que se descubra a sua grandeza e a sua credibilidade. Portanto, o anúncio já não pode ser considerado simplesmente como a primeira etapa da fé, prévia à catequese, mas como a dimensão constitutiva de cada momento da catequese. O querigma, fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e faz-nos acreditar em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, revela-nos e comunica a misericórdia infinita do Pai, é simultaneamente um ato de anúncio e o próprio conteúdo do anúncio, que desvela e torna presente o Evangelho. No querigma, o sujeito da ação é o Senhor Jesus que se manifesta no testemunho de quem o anuncia.

A vida testemunha que experimentou a salvação torna-se, portanto, aquilo que toca e move o interlocutor. No Novo Testamento, estão presentes diversas formulações do querigma que correspondem às várias compreensões da salvação, que ressoa com acentos particulares nas várias culturas e para pessoas diversas.

De igual modo, a Igreja deve poder encarnar o querigma para as exigências dos seus contemporâneos, favorecendo e incentivando que, nos lábios dos catequistas (Rm 10,8a10), da abundância do seu coração (Mt 12,34), numa dinâmica recíproca de escuta e diálogo (Lc 24,13a35), floresçam anúncios creíveis, confissões de fé vitais, novos hinos cristológicos para narrar a cada um a boa nova: Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar (DC 57-58).

Percebe-se aqui que o termo *interlocutores* é mais apropriado que o de *destinatários*, uma vez que ele encerra com maior clareza a ideia de sujeito. E o modo de chegar a ser um próprio sujeito agente e não paciente é o que constitui o maior desafio e a maior tarefa da idade adulta, ou seja, o propósito de promover os adultos a uma fé adulta leva consigo indispensavelmente o conhecimento e a aplicação da psicologia do adulto e das teorias andragógicas.

A educação dos adultos pressupõe a utilização de concepções metodológicas e estratégias bastante diferentes da educação de crianças e adolescentes. Enquanto a criança aceita a autoridade dos pais e professores, considerando normal tudo o que a rodeia, os adolescentes passam a questionar tudo, rebelando-se; por isso, na escola, a autoridade do professor não é considerada infalível.

Já os adultos acumulam experiências de vida, aprendem com seus próprios erros, identificam a necessidade de determinados conhecimentos para sua vida, escolhem uma profissão, namoram, se casam e, criticamente, escolhem o que lhes é útil ou não. Infelizmente, tais fatores nem sempre são levados em conta pelo sistema de ensino. Ainda se insiste em ensinar os adultos com a mesma *Pedagogia* (do grego ‘paidós’= criança e ‘agogus’= líder de) utilizada para crianças. Assim, ensinar adultos não exige apenas conhecimento de conteúdo, mas também a descoberta de novas maneiras para a transmissão deles.

Partindo dessa premissa, propõe-se a substituição da *Pedagogia* pela *Andragogia*. Este termo foi adotado pelo seu criador, na década de 70, o norte-americano Malcolm Shepherd Knowles e, segundo ele, é a arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem (KNOWLES, 1980). Migrar do ensino clássico para os novos enfoques andragógicos exige um corpo docente preparado, pois a *Andragogia* estabelece uma postura diferente da exigida pela pedagogia tradicional.

Convém ressaltar que a *Andragogia* coloca o educador como ‘facilitador’ e os catequizandos como ‘participantes’, demandando, assim, uma postura de horizontalidade nos papéis nos encontros. O facilitador deve, além de demonstrar a importância prática do assunto a ser estudado e de entusiasmo pelo aprendizado, transmitir força e esperança, evidenciando que aquela atividade está mudando a vida de todos e não apenas preenchendo espaços no cérebro. A *Andragogia* aponta algumas características dos adultos que, se bem exploradas, poderão produzir uma maior eficiência nas atividades educativas” (MANTOVANI, 2008, pp.37-38).

b) O catecumenato como metodologia peculiar da catequese de adultos

A *Catechesi Tradendae*, 33a, explicita que:

a catequese não consiste só em ensinar a doutrina, mas também em *iniciar a toda a vida cristã, levando para tanto a participar plenamente nos Sacramentos da Igreja*. Daqui a necessidade, naquelas partes onde exista uma experiência de colaboração ecumênica no domínio da catequese, de velar porque a formação dos católicos fique bem assegurada na Igreja Católica em matéria de doutrina e de vida cristã.

O magistério pontifício deixa claramente estabelecido que a catequese “é sempre uma *iniciação ordenada e sistemática* à revelação que Deus fez ao homem em Jesus Cristo” (CT, 22 c). Junto a esta peculiaridade específica há outra que contribui para definir a catequese, seu *caráter processual*, em oposição ao caráter pontual ou ocasional, como costuma ser a preparação imediata para receber um determinado sacramento:

O processo evangelizador, conseqüentemente, é estruturado em etapas ou ‘momentos essenciais’ a ação missionária para os não crentes e para aqueles que vivem na indiferença religiosa; a ação catequética e de iniciação para aqueles que optam pelo Evangelho e para aqueles que necessitam completar ou reestruturar a sua iniciação; e a ação pastoral para os fiéis cristãos já maduros, no seio da comunidade cristã. Esses momentos, no entanto, não são etapas concluídas: reiteram-se, se necessário, uma vez que darão o alimento evangélico mais adequado ao crescimento espiritual de cada pessoa ou da própria comunidade (DGC 49).

Uma terceira característica que define a catequese é sua estreita vinculação com o *primeiro anúncio missionário (kerigma)*:

O primeiro anúncio se dirige aos não crentes e àqueles que, de fato, vivem na indiferença religiosa. Ele tem a função de anunciar o Evangelho e de chamar à conversão. A catequese, distinta do primeiro anúncio do Evangelho promove e faz amadurecer esta conversão inicial, educando à fé o convertido e incorporando-o na comunidade cristã. A relação entre estas duas formas do ministério da Palavra é, portanto, uma relação de distinção na complementariedade (DGC 61).

Da centralidade do querigma para o anúncio deriva o amor salvífico de Deus, não como uma obrigação moral e religiosa, mas como apelo à liberdade pautado na alegria, no estímulo, na vitalidade e numa integralidade harmoniosa. A catequese como querigma, é convidada a valorizar os seguintes elementos:

o carácter de proposta; a qualidade narrativa, afetiva e existencial; a dimensão de testemunho da fé; a atitude relacional; a tonalidade salvífica. Na verdade, tudo isto interroga a própria Igreja, chamada a ser a primeira a

redescobrir o Evangelho que anuncia: o novo anúncio do Evangelho pede à Igreja uma escuta renovada do Evangelho, juntamente com os seus interlocutores (DC 59).

Por isso, a Igreja fala de uma nova evangelização. O Concílio Vaticano II usou pouco o termo “evangelização”, que passou de um sentido restritivo de “anúncio do Evangelho aos não cristãos” a outros mais amplos os quais o identificam com o conjunto de atividades proféticas e missionárias da Igreja, desenvolvidos especialmente a partir do pós-concílio. Pode-se dizer que toda a ação missionária é evangelização, mas que a evangelização não é nem pode reduzir-se à ação missionária.

A aparição do termo *evangelização* surge entre a imprecisão e a insegurança. O Vaticano II emprega-o em 31 ocasiões (sendo 21 delas em AG). AG 6 – ao distinguir entre evangelização e implantação das Igrejas Particulares – reserva àquela a pregação ou o primeiro anúncio aos pagãos. Mas isto está longe de ser exclusividade. Ele aplica-lhe a todo o ministério da Palavra (LG 35; CD 6; GS 44) ou a toda a atividade missionária da Igreja (AG 23-27).

Tal polissemia do termo manifestou-se, em 1973, no envio às Conferências Episcopais do documento preparatório para o Sínodo sobre a evangelização que realizar-se-ia no ano seguinte, onde tampouco a preocupação por elaborar uma definição fez-se presente. Os bispos pareciam dar por suposto que a evangelização se referia à missão inteira da Igreja, a toda a atividade pela qual a Igreja está edificada e cresce em sua vida, consequentemente também desde o primeiro anúncio aos não cristãos até a celebração dos sacramentos (CALVO, 2003, pp. 378-384).

Diante do porquê de uma *nova evangelização*, à cultura contemporânea urge a proclamação do Evangelho. Mas não é simplesmente isso. A evangelização é, antes de tudo, exigência interna do próprio Evangelho que, por sua mesma natureza, está pedindo ser anunciado. A Igreja ao propor a nova evangelização, o faz primeiramente “pela exigência radical da sua catolicidade” (AG 1), obediente ao mandato de seu Senhor, que é quem toma a iniciativa.

A semeadura do Evangelho é só iniciativa do semeador: “Esta parábola é fonte inspiradora para a evangelização. ‘A semente é a palavra de Deus’ (Lc 8,11). O semeador é Jesus Cristo. Ele anunciou o Evangelho na Palestina há dois mil anos e

enviou os seus discípulos a semeá-lo pelo mundo. Jesus Cristo hoje, presente na Igreja por meio do Seu Espírito, continua a divulgar amplamente a palavra do Pai no campo do mundo. A qualidade do terreno é sempre muito variada. O Evangelho cai ‘à beira do caminho’ (Mc 4,4), quando não é realmente escutado; cai ‘em solo pedregoso’ (Mc 4,5), sem penetrar profundamente na terra; ou ‘entre os espinhos’ (Mc 4,7), e é imediatamente sufocado no coração dos homens, distraídos por muitas preocupações. mas parte cai ‘em terra boa’ (Mc 4,8), isto é, em homens e mulheres abertos à relação pessoal com Deus e solidários com o próximo, e produz frutos abundantes. Jesus, na parábola, comunica a boa notícia de que o Reino de Deus chega, não obstante as dificuldades do terreno, as tensões, os conflitos e os problemas do mundo. “A semente do Evangelho fecunda a história dos homens e preanuncia uma colheita abundante. Jesus faz também uma advertência: somente no coração bem-disposto a palavra de Deus germina” (DGC 15).

As circunstâncias que “vimos” dar-se na cultura contemporânea e que representam para o Evangelho um desafio radical, fazem que a Igreja “sinta-se chamada com maior urgência” (AG 1) à obra evangelizadora. É importantíssimo tê-las em conta, da mesma forma como o semeador deve conhecer os diferentes terrenos onde semeará, uma vez que:

Depois de ter analisado o terreno, o semeador envia os seus operários para anunciar o Evangelho por todo o mundo, comunicando-lhes a força do seu Espírito. Ao mesmo tempo, mostra-lhes como ler os sinais dos tempos e lhes pede uma preparação muito acurada para realizar a semeadura (DGC 31).

Mas não são essas circunstâncias as que fundamentam a evangelização. O fundamento encontra-se no próprio Evangelho, ou seja, no projeto mesmo de Deus e de seu Reino oferecido aos homens. Este princípio pastoral vale para qualquer uma das ações que constituem e vertebram a ação evangelizadora. Entre elas a catequese de adultos.

Desse modo, entende-se a catequese como *uma etapa da evangelização* (DC 48-54; DGC 60-76; DNC 29) que trata de conduzir até a maturidade na fé os que se encontram deficientemente iniciados na vida cristã. A ação catequética está tão unida à ação missionária, fundamentando basicamente o que ali se iniciou, como à ação pastoral, que continuará amadurecendo esta formação básica.

O fato de os que optarem pelo Evangelho ou que a catequese seja ponte entre a ação missionária e a ação pastoral tem grandes repercussões na práxis evangelizadora das comunidades cristãs. A catequese não deve ser considerada como uma atividade pastoral a mais, entre outras muitas, que uma comunidade pode dar-se. É uma etapa pela qual, no crescimento da fé, todo cristão deve passar. “Na Igreja de Jesus Cristo ninguém deveria sentir-se dispensado de receber a catequese” (CT 45). A catequese necessita da comunidade, mas, simultaneamente, não há comunidade cristã viva sem catequese de adultos.

No momento cultural que vivemos, em que a secularização afeta o cristianismo por dentro, precisa-se uma nova evangelização não só dos fiéis isoladamente considerados, mas das comunidades cristãs enquanto tais. Nesta tarefa de renovação comunitária das paróquias (AMPUERO, 2004, pp. 145-163; CNBB, 2014, doc. 100), a catequese de adultos desempenha um papel decisivo, já que garante os fundamentos da vida cristã dos fiéis.

Uma comunidade sem cristãos adultos na fé é uma comunidade desvitalizada: necessita do alimento da catequese não só para que sejam cada vez mais os membros que participem ativamente na vida da comunidade, mas para recuperar nela um tão evangélico e comunitário que, em grande parte, diluiu-se. “A catequese está intimamente unida a toda a vida da Igreja. Não só a extensão geográfica e o incremento numérico, porém, e mais ainda, o crescimento interior da Igreja, sua correspondência com o desígnio de Deus, dependem essencialmente dela” (CT 13).

A catequese de adultos vai aportar a nossas paróquias uma energia de vida cristã que necessitam. Graças a ela, o núcleo comunitário de adultos catequizados pode infundir na vida paroquial uma confissão de fé mais adulta e autêntica, umas celebrações litúrgicas mais sentidas e um compromisso apostólico e missionário mais vibrante. Por isso é absolutamente incompreensível que uma comunidade paroquial descuide a catequese de adultos, já que dela depende sua própria vitalidade.

Dentro da oferta catequizadora da Igreja, há um modelo referencial para inspiração da catequese: o *catecumenato batismal*, realizado com os adultos que se preparam para receber o Batismo. No modelo de catequização de adultos que, normalmente, se dá entre nós, esta costuma ser entendida de diversas maneiras. Experiências muito diferentes são qualificadas como “catequese de adultos”.

Às vezes, breves diálogos, rápidos encontros, exposições de temas isolados, entre outros, são qualificados assim. Isto faz que a catequese de adultos, como ação eclesial capital, fique desvirtuada. A Igreja, ao propor o catecumenato batismal como modelo de referência para a catequese, nos dá a entender que ela corresponderá, com as devidas ressalvas, à formação que se proporciona ao adulto em vistas ao Batismo. “As condições atuais fazem cada dia mais urgente o ensinamento catequético sob a modalidade dum catecumenato para um grande número de jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco a figura de Cristo e sentem a necessidade de entregar-se a Ele” (EN 44).

Vê-se, portanto, que a catequese de adultos tem sempre uma referência batismal. A formação a ser ministrada deve adequar-se, precisamente, para viver o Batismo de maneira consciente e responsável. A catequese da Igreja é uma exigência interna dos sacramentos de iniciação. É, junto a eles, componente necessário da iniciação cristã. No catecumenato batismal, a formação precede o Batismo. Na catequese de adultos que normalmente realiza-se entre nós, a formação catequética é posterior. Neste caso, o que pretende a catequese é fazer descobrir “as imensas riquezas do Batismo já recebido” (ChL 61).

O *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos* (RICA) é o livro oficial da Igreja que orienta toda a formação dos catecúmenos e ajuda a prepará-los para receber os sacramentos da iniciação. É um texto riquíssimo em observações pastorais, expressadas depois de uma ampla recolhida de experiências catecumenais em todo o mundo. Mesmo sendo o RICA, fundamentalmente, dedicado aos adultos não batizados, contém também indicações, recolhidas no capítulo IV, destinadas àqueles adultos já batizados, mas que não receberam catequese nenhuma, portanto, foram admitidos à Confirmação e à Eucaristia. As sugestões pastorais aqui apresentadas “podem equipara-se a casos similares” (RICA 295).

O Ritual de iniciação cristã de adultos apresenta, em suma, sugestões fundamentais para a catequese de adultos. Ao propor que a catequese de adultos se inspire no catecumenato batismal deve-se levar em consideração uma diferença fundamental: não se pode tratar o cristão batizado como se fosse um catecúmeno. Ambos podem necessitar “igualmente” da catequese, mas a condição de um de outro difere na Igreja.

Mesmo que tais adultos (batizados) nunca hajam ouvido falar do mistério de Cristo, no entanto, sua condição difere da condição dos catecúmenos, visto que aqueles já foram introduzidos na Igreja e feitos filhos de Deus pelo Batismo. Portanto, sua conversão fundamenta-se no Batismo já recebido, cuja virtude devem desenvolver depois (RICA 295).

A diferença primordial entre o adulto batizado e catecúmeno provém, como vimos, dos sacramentos recebidos. Feita esta salvaguarda, com as implicações que dela derivam, essencialmente de tipo ritual, o próprio RICA estabelece que a formação catequética do adulto batizado corresponde à do catecúmeno: “O desenvolvimento ordinário da catequese geralmente corresponde à ordem proposta aos catecúmenos” (RICA 297).

Em algumas experiências de catequese com adultos batizados, observou-se, no entanto, uma tendência a reproduzir milimetricamente o catecumenato batismal. Assim, utilizam-se expressões, símbolos e ritos que, a rigor, só deveriam referir-se aos não batizados. É preciso saber desenvolver uma catequese de inspiração catecumenal que respeite o caráter próprio do batizado adulto.

A exigência de ‘não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos, ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho’ é razão quer para afirmar a natureza querigmática da catequese, quer para considerar a sua inspiração catecumenal. O catecumenato é uma prática eclesial antiga, restaurada depois do Concílio Vaticano II (cf. SC 64a66; CD 14; AG 14), oferecida aos convertidos não batizados.

O catecumenato tem, portanto, uma explícita intenção missionária e estrutura-se como um complexo orgânico e gradual para iniciar à fé e à vida cristã. Precisamente pelo seu caráter missionário, o catecumenato pode também inspirar a catequese daqueles que, apesar de já terem recebido o dom da graça batismal, não saboreiam efetivamente a sua riqueza: neste sentido, fala-se de *inspiração catecumenal da catequese* ou de *catecumenato pós-batismal* ou de *catequese de iniciação à vida cristã*. Esta inspiração não esquece que os batizados ‘já foram introduzidos na Igreja e se tornaram filhos de Deus pelo Batismo. A sua conversão fundamenta-se, portanto, no Batismo que já receberam e cuja força de vida eles devem fazer desabrochar’ (DC 61).

Concluindo este capítulo, ressalta-se a importância do acompanhamento na vida concreta das pessoas decidiram fazer um itinerário catecumenal para a

educação da fé. A catequese deve reforçar a fidelidade à pedagogia divina e estimular a experiência e vivência no Espírito que o catequizando faz na liturgia, na oração cotidiana como caminho na fé, integração e pertença a comunidade.

4 A CATEQUESE DE ADULTOS COMO PRIORIDADE NO PROCESSO DE INICIAÇÃO CRISTÃ

Os capítulos anteriores demarcaram o contexto histórico da catequese de adultos desde a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II, passando pelo esplêndido período pós-concílio e a coesão dos Papas na proposta da catequese no processo evangelizador, seu permanente caráter iniciatório, o enriquecimento do seu potencial com os diversos recursos técnico-científicos para uma nova evangelização, sua dimensão antropológica que, valendo-se das ciências humanas, especialmente da psicologia e da pedagogia, permitiu entender melhor seu interlocutor e o capacitar adequadamente para a vivência de uma fé madura traduzida no amor a Deus, vivido e expressado na comunhão eclesial e ao próximo, manifestado em gestos concretos de fraternidade; por fim, o catecumenato como seu protótipo. Uma vez que a nova evangelização pedida pela Igreja é o horizonte apontado pela catequese de adultos, esta não pode apresentar-se sem uma clarificação prévia sobre a situação em que vive o homem contemporâneo, tanto individual como coletivamente, e sobre a resposta da Igreja à nova evangelização.

Sem menosprezar sua importância, deve-se reconhecer que não basta a análise sociológica, ou política, ou antropológica, ou ecológica, ou psicológica, ou histórica, ou econômica (DC 419; DGAEIB, 2008-2010, pp. 19-36), necessita-se fazer uma análise pastoral, visando ao anúncio da Palavra de Deus. Para a ação evangelizadora da Igreja, a realidade cultural concreta é seu destinatário específico e não um mero condicionante a se considerar (EXTREMEÑO, 1995, pp. 155-174; LARAIA, 2014, pp. 65-100; POUPARD, 2008, pp. 95-113; SUESS, 1994, pp. 41-68).

A relação entre o Evangelho e a cultura interpela desde sempre a vida da Igreja. A sua tarefa é conservar fielmente o depósito da fé, mas ao mesmo tempo 'é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências dos nossos tempos'. Na situação atual, marcada por uma grande distância entre a fé e a cultura, é urgente repensar a obra de evangelização com novas categorias e novas linguagens que sublinhem a sua dimensão missionária (DC n. 44).

Frente a esta *novidade cultural*, a Igreja deve impulsionar uma *nova evangelização*, com toda a riqueza de seu dinamismo e de seus elementos. E a

catequese de adultos, como ação eclesial fundamental, aportará a este renovado esforço evangelizador a contribuição decisiva que, desde seu caráter próprio, está chamada a exercer. Ela, portanto, é prioridade neste processo de nova evangelização.

Porém, definir a prioridade de uma ação eclesial sobre outras é algo delicado, complexo e divergente. Sobretudo se outorgamos à prioridade os dois sentidos que parece ter: *prioridade no tempo*, quando uma ação deve ser desenvolvida antes que as outras; e *prioridade nos meios*, quando uma ação deve ser dotada com mais pessoal e meios materiais que outras.

Não é evidente que, enfocado assim o problema, a catequese de adultos seja prioritária na evangelização: a) numa época como a nossa, marcada pelo processo de uma secularização crescente, na qual a incredulidade e a falta de solidariedade abundam, parece que o prioritário é a ação missionária; b) por outra parte, esse processo secularizador afeta a vida mesma da comunidade cristã e a sua interna exigência de ser sal e luz para o mundo de hoje. *Uma ação pastoral que potencie nossas comunidades* seria, desde este aspecto, o prioritário.

Portanto, à primeira vista, a ação missionária com miras à incredulidade e a ação pastoral orientada à comunidade parecem ser hoje o, irrefutavelmente, prioritário. Mas, pela urgência dessa dupla tarefa evangelizadora, a catequese deve ter, pelo menos, uma prioridade referida, e seu exercício com os adultos é hoje a prioridade justamente para intensificar a ação missionária e a ação pastoral.

Este enfoque já foi dado por João Paulo II em CT 15 ao perguntar-se pelo “lugar próprio que há de ocupar a catequese nos planos pastorais da Igreja”, porque:

quanto mais a Igreja, a nível local ou universal, se mostrar capaz de dar prioridade à catequese — em relação a outras obras e iniciativas cujos resultados possam ser mais espetaculares — tanto mais encontrará na catequese o meio para a consolidação da sua vida interna como comunidade de fiéis, bem como da sua atividade externa missionária.

A importância de estabelecer a prioridade da catequese em relação às outras duas grandes etapas evangelizadoras consiste em evitar assim dois perigos: a) fazer da catequese de adultos um movimento educativo fechado, que não forme os cristãos para a missão, o que suporia não haver verdadeira catequese; b) fazer da catequese de adultos um movimento comunitário paralelo, a margem de nossas paróquias, sem

contribuir à sua renovação, o que suporia que a catequese não exerce sua missão de incorporar os cristãos à comunidade (CALVO, 2003, pp. 378-384).

Por isso, as páginas seguintes desta dissertação têm um caráter prático com a intenção de mostrar como a catequese de adultos, amplamente refletida e exposta até aqui, desenvolve-se no projeto da Igreja local, precisamente na atividade evangelizadora da paróquia Santo Inácio de Loyola, com suas luzes e sombras, para educar na fé e alentar a vida cristã dos filhos de Deus.

Sendo o “laboratório pastoral” por excelência, nela, o encontro, o diálogo, a proposta, a convivência, a reflexão, a programação, a avaliação, a resposta e a fraternidade animam a comunidade a buscar a melhor solução para o serviço missionário. Analogamente, compreende-se a paróquia em relação à definição concernente a diocese para a Igreja universal: a paróquia não é a Igreja particular em sentido estrito, separada, mas é compreendida como estando em rede, em comunhão com as paróquias que formam uma diocese. A paróquia é uma célula, um núcleo da Igreja local, os documentos conciliares a expressam como “comunidade local dos fiéis” (LG 28), “Igreja visível estabelecida neste mundo” (SC 42).

Isso permite distinguir a Igreja particular como porção (*portio*) do Povo de Deus (CD 11) e a paróquia como parte (*pars*) integrante desse conjunto. Congregando num todo a diversidade das diferenças humanas encontradas e inserindo-as na universalidade da Igreja, a paróquia, como célula viva, é o lugar privilegiado onde a maioria dos fiéis faz uma experiência concreta de Cristo e da comunhão eclesial (MOESCH; MOREIRA; STUELP, 2020, pp. 76-77).

A realidade das paróquias no Brasil é difícil de ser classificada embora seja possível identificar desafios comuns. Em si, a paróquia está unida a outras paróquias da diocese. Da mesma forma, ela está inserida na sociedade da qual recebe e à qual oferece influências. É falsa, portanto, a concepção de paróquia como sendo um todo em si mesmo, formando quase uma comunidade autônoma. Encontram-se paróquias que não assumiram a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II e se limitam a realizar suas atividades principais no atendimento sacramental e nas devoções. Falta-lhes um plano pastoral sintonizado com um plano diocesano, e sua evangelização se reduz à catequese de crianças, restrita à instrução da fé, sem os processos de uma autêntica iniciação cristã. Nelas, a administração e a responsabilidade da comunidade concentram-se, exclusivamente, no pároco. Não há uma preocupação missionária, pois se espera que as pessoas procurem a Igreja. A evangelização é entendida apenas como fortalecimento da fé daqueles que buscam a paróquia. O grande desafio das paróquias é sair em missão, deixar de ocupar-se apenas com a rotina e com as mesmas

pessoas que já estão na comunidade e sair ao encontro das pessoas. O Papa Francisco exorta a vencer a mesmice: 'A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: *fez-se sempre assim*. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades'. O modelo paroquial brasileiro, em sua grande maioria, depende da atividade dos presbíteros, seja na missão evangelizadora, na celebração dos sacramentos, na formação, seja na administração dos bens. Há padres muito dedicados e com exemplar pastoreio, mas o laicato precisa assumir maior espaço de decisão na construção da comunidade. Somente assim se evitará que ao trocar o pároco, as diretrizes da comunidade sejam mudadas completamente. Há uma relação estreita entre presbítero e paróquia, especialmente porque ela tem sido o principal espaço do ministério presbiteral, e porque é nas comunidades cristãs que nascem as vocações. Por isso os limites da missão e evangelização se refletem sobre os candidatos ao presbiterado, que muitas vezes chegam ao seminário sem a formação de discípulos missionários. Essa situação fica agravada com a fragmentação das famílias e a superficialidade da cultura atual que impacta os jovens. Assiste-se, também, ao aparecimento de cristãos que formam grupos fechados em seus ideais, sem comunhão com a diocese e resistentes ao diálogo com o mundo. Multiplicam-se associações pequenas de interesses religiosos particulares. Geralmente são pessoas que promovem certo fundamentalismo católico. Essa redução da experiência comunitária cristã compromete o conceito de Igreja como Povo de Deus, que é a união de todas as pessoas, das mais diferentes formas de pensar e viver, no único ato de culto e formando o Corpo Místico de Cristo. Afinal, as comunidades cristãs não podem nutrir um sentimento de superioridade espiritual em relação aos outros e de fuga em relação ao mundo. Outra questão a ser enfrentada são as comunidades paroquiais ou capelas que funcionam mais como instituição do que como comunidade de discípulos de Jesus Cristo. Na fé cristã não há lugar para capelas fechadas, em forma de sociedade ou clube. Algumas têm diretorias e outras vivem em função de festas, almoços e bailes. Parecem mais um clube social que não tem como finalidade principal a evangelização. Nessas comunidades, às vezes, na celebração, aparecem poucas pessoas, mas lotam os salões para as suas promoções. Cabe se questionar sobre a identidade de tais comunidades que se esforçam tanto para eventos e quase não há iniciativas missionárias. Os pobres, nesses grupos, não têm vez ou, na maioria das vezes, são esquecidos. Não basta a união nos trabalhos das pessoas que atuam na paróquia; é preciso unidade de recíproca referência, pela qual todos se sintam pertencentes à mesma família de fé que mantém vínculos de amizade e fraternidade. Para haver comunidade eclesial é preciso que haja fé, esperança e caridade. A intersubjetividade das pessoas conta e os interesses precisam ser compartilhados, não apenas os serviços e as funções. Há paróquias que projetam a imagem de uma Igreja distante, burocrática e sancionadora. Igualmente os planos pastorais diocesanos e paroquiais precisam ser mais evangélicos, comunitários, participativos, realistas e místicos. Estruturas novas podem ser já caducas: reuniões longas, encontros prolixos, metodologias sem interação (CNBB, 2015, 28-37; SUESS, 2014, pp. 17-26).

Por ser prioridade no processo evangelizador da Igreja local, a catequese de adultos deve ter plena consciência da sua natureza interna, sua finalidade e tarefas, sua estrutura gradual, seu planejamento etc. Neste sentido, objetivam-se três aspectos da experiência cotidiana: a) a iniciação cristã de adultos como ação da Igreja

local; b); a catequese de adultos na Arquidiocese de Belém; c) a catequese de adultos na Paróquia Santo Inácio de Loyola.

4.1 A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS COMO AÇÃO DA IGREJA LOCAL

A recuperação da ideia e da experiência da *Igreja local ou particular* (CDC c. 368) constitui uma das características mais notáveis do novo rosto da Igreja apresentado pelo Concílio Vaticano II. Esta novidade alcança ainda mais relevo ao observarmos que a segunda metade do século XX permitiu que a Igreja Universal se autopercebe-se como uma *Igreja mundial*, por estar presente em todos os continentes nas respectivas Igrejas locais, o que, por razões teológicas e históricas, levou-a a falar de “comunhão de Igrejas” (AG 19) ou de “Corpo das Igrejas” (LG 23) como sua autodefinição.

A eclesiologia do Vaticano II destaca os princípios que constituem a Igreja particular, não só reconsiderando a figura e o papel do bispo e do presbitério, mas também dando relevo à força criadora da palavra viva e dos sacramentos, sobretudo da eucaristia. E apresenta-lhe uma definição essencial à compreensão da sua identidade teológica e seu caráter de relação com a Igreja universal:

Diocese é a porção do Povo de Deus, que se confia a um Bispo para que a apascente com a colaboração do presbitério, de tal modo que, unida ao seu pastor e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitui uma Igreja particular, na qual está e opera a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica (CD 11).

O Documento de Aparecida, cujo enfoque eclesiológico é a comunhão missionária, sublinha, no capítulo 5, números 154-169, os “lugares eclesiais” para esta comunhão, em cuja dimensão institucional-social, também são chamados de “estruturas eclesiais”. A realidade da Igreja local (em sua identidade teológica e sua práxis pastoral) encontra-se profundamente vinculada à missão universal, à *missão ad gentes*. Isso ocorre porque, por um lado, a Igreja local vem à existência graças à ação missionária; por outro lado, a Igreja local (cada uma delas) deve assumir sua própria responsabilidade em ordem à missão universal. Daí porque a Igreja local existe no dinamismo que vai da evangelização à evangelização. Sua existência e seu serviço estão profundamente vinculados. Observa-se, porém, que a missão universal

e sem fronteiras não pode reduzir-se à comunhão intereclesial, pelo fato de que essa comunhão (com o protagonismo de todas as Igrejas) deve servir à evangelização do mundo (ALMEIDA, 2023, pp. 21-29; FUENTE, 2000, pp. 59-88; OLIVEROS, 2008, pp. 184-185; VILLAR, 2006, pp. 123-167).

A Constituição dogmática sobre a Igreja destaca sua imagem de *Mãe* (LG 6e), tão estimada pelos Santos Padres e relacionada com a catequese. Por este princípio, o Catecumenato é uma das expressões onde a Igreja é “mãe”, já que abraça os catecúmenos com amor e solicitude como seus filhos, por estarem unidos e pertencerem à família de Cristo (RICA, 18). Neste sentido, a iniciação cristã é a expressão mais significativa da missão da Igreja e, como já se indicou, constitui a realização de sua função maternal, ao gerar à vida os filhos de Deus.

A Igreja particular, manifestação concreta da única Igreja num lugar do mundo, sob a guia do seu Bispo, é o sujeito da evangelização. Enquanto tal, ‘é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica, já que é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus [...] que sempre transcende toda a necessária expressão institucional’. Ao serviço deste povo evangelizador está a Cúria diocesana nas suas diversas articulações (secretariados, conselhos, comissões...), que ajuda a discernir e a ordenar as prioridades pastorais, a partilhar os objetivos, a elaborar estratégias de ação, evitando a fragmentação das propostas (DC 416).

4.1.1 A Igreja Particular, Sujeito da Iniciação Cristã

A missão maternal da Igreja, mesmo pertencendo a todo o corpo eclesial, leva-se a cabo nas Igrejas particulares, nas que “está verdadeiramente presente e atua a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica” (CD 11).

A catequese de adultos, como etapa do processo da evangelização, participa do esforço evangelizador da Igreja particular fazendo presente o Evangelho no espaço sociocultural onde está inserida. Isto significa que toda Igreja particular oferecerá a seus membros e a quantos aproximarem-se a ela um processo catequético que permita-lhes conhecer, viver, disfrutar e difundir o Evangelho dentro de seu próprio horizonte cultural. Assim, a confissão de fé, na qual desemboca a catequese, pode ser proclamada numa linguagem compreensível e significativa, para que os cristãos possam contar “em sua própria língua” (At 2, 11) as maravilhas que Deus realiza neles (DC 295).

No conjunto dos ministérios e dos serviços, com os quais a Igreja particular atua a sua missão evangelizadora, ocupa um posto de relevo o ministério da catequese. Deste, destacamos o seguinte:

a) na Diocese a catequese é um serviço único, realizado conjuntamente pelos presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, em comunhão com o Bispo. Toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável por este serviço. Ainda que os sacerdotes, religiosos e leigos realizem em comum a catequese, fazem-no em modo diferenciado, cada qual segundo a sua particular condição na Igreja (ministros sagrados, pessoas consagradas, fiéis cristãos). Através deles, na diferença das funções de cada um, o ministério catequético oferece, de modo completo, a Palavra e o testemunho da realidade eclesial. Faltando qualquer uma dessas formas de presença, a catequese perderia parte da própria riqueza e do próprio significado; b) trata-se, por outro lado, de um serviço eclesial fundamental, indispensável para o crescimento da Igreja. Não é uma ação que se possa realizar na comunidade a título privado ou por iniciativa puramente pessoal. Atua-se em nome da Igreja, em virtude da missão por ela conferida; c) o ministério catequético, no conjunto dos ministérios e serviços eclesiais, tem um caráter próprio, que deriva da especificidade da ação catequética, no âmbito do processo de evangelização. A tarefa do catequista, como educador da fé, difere daquela que cabe a outros agentes da pastoral (litúrgica, da caridade, social...), ainda que, obviamente, deva agir em coordenação com estes; d) a fim de que o ministério catequético na diocese seja frutuoso, ele precisa apoiar-se sobre os demais agentes, não necessariamente catequistas diretos, os quais apoiam e sustentam a atividade catequética, realizando tarefas que são imprescindíveis, tais como: a formação dos catequistas, a elaboração do material, a reflexão, a organização e o planejamento. Estes agentes, juntamente com os catequistas, estão a serviço de um único ministério catequético diocesano, ainda que não todos desempenhem os mesmos papéis, e nem o façam sob o mesmo título (DGC 219; DC 293-297).

4.1.2 Responsabilidade do Bispo

Sendo a catequese de adultos uma ação tão importante na Igreja particular, já que é a via básica de transmissão do Evangelho, deve estar estreitamente unida ao bispo diocesano que a preside, provê seus ministérios e modera suas funções. A preocupação episcopal pela catequese de adultos exige-lhe estar muito próximo dos párocos, responsáveis da catequese e dos catequistas nas comunidades, buscando com eles a melhor maneira de convocar à catequese o homem de hoje e de ajudá-lo a crescer no processo da fé. O bispo deve estar profundamente entranhado na catequese de adultos que se desenvolve em sua diocese, velando cuidadosamente pela autenticidade da confissão da fé à qual prepara e projetando os pontos e o perfil do homem cristãos que quer ver em sua diocese.

O Concílio Vaticano II releva a eminente importância que, no ministério episcopal, têm o anúncio e a transmissão do Evangelho. 'Entre os principais deveres dos Bispos, destaca-se o de pregar o Evangelho'. Na realização desta tarefa, os Bispos são, primordialmente, arautos da fé' que buscam arrebanhar novos discípulos para Cristo e são, ao mesmo tempo, 'mestres autênticos e transmitem ao povo a eles confiado, a fé a ser professada e vivida. No ministério profético dos Bispos, o anúncio missionário e a catequese constituem dois aspectos, intimamente unidos. Para realizar esta função, os Bispos recebem 'um carisma de verdade. Os Bispos são 'os primeiros responsáveis pela catequese, os catequistas por excelência'. Na história da Igreja, é evidente o papel preponderante dos grandes e santos Bispos que, com suas iniciativas e seus escritos, marcam o período mais esplendido da instituição catecumenal. Eles concebiam a catequese como uma das tarefas fundamentais do seu ministério (DGC 221).

A partir daqui surgem algumas situações pontuais que merecem atenção:

- a) deve-se tomar plena consciência de que a missão oficial de catequizar recebe-se do bispo diocesano (CDC c. 386; DGC 222-223; DC 114);
- b) às vezes determinadas experiências de catequese de adultos realizam-se sem uma vinculação real com o bispo que preside a Igreja particular.

Na prática, sucede que a vinculação de muitos grupos catequéticos com o bispo ou os presbíteros de suas comunidades dá-se em nível puramente formal, sem que estes vejam-se solicitados a intervir na configuração, conteúdos ou método da catequese que será ministrada. Efetivamente, há catequistas que se sentem enviados por sua própria organização que pelo bispo diocesano. O problema não é de nível afetivo, mas eclesiológico, já que só ao bispo confere a missão oficial de catequizar (CT 63). Um dos objetivos que busca a catequese é estabelecer a comunhão com a Igreja e seus pastores. Até porque o vínculo que une o catequista com o bispo que lhe envia é objetivamente mais forte que o que o une aos responsáveis duma determinada "família" catecumenal.

4.1.3 A catequese de adultos no projeto evangelizador da diocese

Todo processo catequético com adultos que trate de implantar-se numa Igreja particular deve responder, ao menos, a estas três exigências: 1) cumprir com as características próprias do que é realmente catequese de adultos, e que ao longo destas orientações se está tratando de mostrar. Não convém chamar catequese a qualquer ação educativa desenvolvida com adultos; 2) atender às exigências

socioculturais do lugar em que mencionada catequese será levada a termo, na hora de realizar a programação catequética concreta. Encarnar-se no projeto evangelizador da Igreja particular, ou seja, os grandes objetivos evangelizadores que a diocese se propõe configurarão à catequese de adultos nos seus próprios questionamentos; 3) necessidade de um departamento diocesano de catequese de adultos.

Para que uma diocese passe do nível da tomada de consciência à posta, em prática da catequese de adultos, é preciso contar com uma estrutura organizativa a que dedique “seus melhores recursos de pessoal e de energias” (CT 15).

4.1.4 Necessidade de um departamento diocesano de catequese de adultos

No Diretório Nacional da Catequese, do ano 2006, na nota de rodapé 2, do número 181, pode-se ler: “O tema da catequese com adultos foi amplamente tratado nos anos 2000-2002 particularmente com a realização da Segunda Semana Brasileira de Catequese (de 8 a 12 de outubro de 2001), cujo tema foi justamente esse: “Com adultos catequese adulta”.

Foram publicados pela Dimensão Bíblico-Catequética, na série Estudos da CNBB, três subsídios com muitas reflexões, experiências e propostas: Com adultos catequese adulta (São Paulo, Paulus, 2001); = Estudos da CNBB 80; O itinerário da fé na “iniciação cristã dos adultos” (São Paulo, Paulus, 2001) = Estudos da CNBB 82; Segunda Semana Brasileira de Catequese (São Paulo, Paulus, 2002) = Estudos da CNBB 84”.

Um ano depois (2007), celebrou-se a V Conferência do CELAM, na cidade de Aparecida, São Paulo. Dois anos depois (2008), a CNBB incorporou em suas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 2008-2010, as determinações do Documento de Aparecida. Porém, não há nenhuma menção explícita sobre a catequese de adultos. Tampouco o fez no documento para o período de 2011-2015, deixando tácitos seus principais destinatários, que se tornaram explícitos em 2015, quando a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética, da CNBB, lançou o *Itinerário Catequético. Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*.

Hoje, a CNBB e muitas dioceses no Brasil começam a contar com um *responsável para a catequese de adultos*. Pela experiência pastoral vivenciada em nosso atual contexto, este deverá: a) conhecer a realidade catequética de adultos existente na diocese e entrar em contato com ela; b) elaborar um projeto diocesano de catequese de adultos no qual estabeleçam-se os critérios comuns a toda experiência catequética que se realize; c) estudar o modo de promover e capacitar a sacerdotes, religiosos/as e leigos para a função catequizadora com os adultos; d) estudar os distintos materiais catequéticos existentes no âmbito da própria Igreja local, visando a recomendar ou, se for o caso, a elaborar os instrumentos mais adequados para a própria realidade; e) fomentar a colaboração interdiocesana de uma mesma região; e) aprofundar-se numa catequese de adultos mais enraizada na própria cultura.

A oferta catequética global da Diocese encontra-se em seu *projeto diocesano de catequese*, que sintetiza de modo articulado, coerente e coordenado, os diversos processos catequéticos propostos. Em vista à iniciação cristã, ele permite à Igreja particular oferecer um duplo ou triplo serviço: a) um processo de iniciação cristã unitário e coerente, para crianças, adolescentes e jovens, em íntima conexão com os sacramentos da iniciação já recebidos ou a receber, e correlacionado com a pastoral da educação; b) *um processo de catequese para adultos, oferecido aos cristãos que têm necessidade de dar um fundamento à sua fé, realizando ou completando a iniciação cristã inaugurada no batismo*; c) um processo de catequese para anciãos, oferecido àqueles cristãos que, tendo alcançado a terceira e definitiva fase da vida humana, desejam, talvez pela primeira vez, lançar sólidas estruturas para a sua fé.

A catequese dos adultos, portanto, é o princípio organizador que dá coerência aos diversos processos de catequese oferecidos por uma Igreja local. É necessário que essa oferta seja bem coordenada e favoreça sua perfeita complementariedade, sem a necessidade de percorrê-la em todas as modalidades (Cf, DGC 274-275).

A Igreja tem o dever de anunciar o Evangelho a todos os homens e a responsabilidade de educar na fé aqueles que aceitaram a Jesus Cristo. Por isso necessita desenvolver todas as funções eclesiais, e oferecer, dentro dum projeto diocesano de Catequese de caráter global, “um duplo serviço:

- a) Um *processo de iniciação cristã*, unitário e coerente, para crianças, adolescentes e jovens, em íntima conexão com os sacramentos da iniciação já recebidos ou por receber e em relação com a pastoral educativa;
- b) Um *processo de catequese para adultos*, oferecida àqueles cristãos que necessitem fundamentar sua fé, realizando ou completando a iniciação cristã inaugurada ou a inaugurar com o batismo” (RICA 9-20).

Como ilustração de um projeto *diocesano de iniciação cristã, que contempla a catequese de adultos*, a seguir, apresentar-se-á o da Diocese de Oeiras, no Estado do Piauí. Num primeiro momento, inserimos a carta de apresentação assinada pelo bispo Dom Edilson Soares Nobre, datada em 1º de fevereiro de 2019. Em seguida, o projeto com todos os seus elementos mostrando o itinerário formativo de Iniciação à vida cristã, de inspiração mistagógica e catecumenal, um processo gradual e contínuo de educação da fé, que requer uma opção pessoal para o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo. Este projeto tem como referência o Documento 107 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários.

4.2 PROJETO DIOCESANO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Diocese de Oeiras, no Estado do Piauí.

Processo de Inspiração Catecumenal

APRESENTAÇÃO

Caríssimos Sacerdotes, diáconos, religiosas, leigos e leigas engajados nas pastorais, serviços e movimentos da Diocese de Oeiras: Colocamos em vossas mãos o nosso PROJETO DIOCESANO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ. Trata-se de um direcionamento de itinerário, resultado de um trabalho construído em mutirão, onde contamos com a cooperação de catequistas, leigos de outros grupos pastorais, religiosas, padres e bispo, todos empenhados em buscar uma resposta às exigências que o mundo pós-moderno nos impõe nos tempos hodiernos. Tomamos como referência para construir este Projeto o Documento 107 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários.

O itinerário proposto acreditamos que poderá ajudar às crianças, jovens e adultos a encontrar-se de modo mais intenso com a Pessoa de Jesus e despertar nestes o sentimento de pertença à Igreja e o espírito da missionariedade tão necessário para a construção de uma sociedade fundada nos valores éticos e cristãos. O Papa Francisco nos estimula dizendo que a “formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano” (EG 165).

Faço minhas as palavras do parágrafo número 9 do Documento 107 da CNBB: “Sabemos que o processo de Iniciação à Vida Cristã requer novas disposições pastorais. São necessárias perseverança, docilidade à voz do Espírito, sensibilidade aos sinais dos tempos, escolhas corajosas e paciência, pois se trata de um novo paradigma. Foi este o caminho percorrido por evangelizadores como Paulo, os primeiros cristãos e muitos missionários. Foi este o modo pelo qual lançaram os fundamentos de uma fé que atravessou séculos” (Iniciação à Vida Cristã, CNBB, nº 9).

Colocamos este nosso Projeto nas mãos de Nossa Senhora da Vitória, nossa Mãe e padroeira. Urge avançar em águas mais profundas.

Não tenhamos medo, pois, se por um lado a proposta é a quebra de paradigmas, por outro, estamos falando de experiências que já estão sendo executadas em algumas paróquias nossas e que os resultados estão sendo exitosos. Deus nos ajude! O Divino Espírito Santo nos ilumine!

Oeiras, 01 de fevereiro de 2019.

Dom Edilson Soares Nobre

Bispo Diocesano de Oeiras

INTRODUÇÃO

A Iniciação à Vida Cristã é o caminho gradual e contínuo que envolve a pessoa batizada, grupos e comunidades-Igreja no processo mistagógico da alegre revelação dos mistérios da fé, isto é, dos segredos e dos planos de amor e salvação de Deus, revelado na Escritura Sagrada. Esta iniciação requer uma opção pessoal pelo encontro com a Pessoa de Jesus Cristo. Nesse processo, é indispensável a conversão para prosseguir no conhecimento da proposta e dos conteúdos da fé cristã, de vida plena e de amor fraterno e solidário, ou seja, o discípulo missionário em formação, é despertado pelo primeiro anúncio (Querigma), segue por prolongado período de catequese que prepara também para a celebração sacramental (Batismo, Eucaristia e Crisma), prolongando-se pela inserção sempre maior no mistério (Mistagogia) e estendendo-se por toda sua vida cristã (Catequese permanente), com definição vocacional e inserção gradativa na vida e missão da comunidade.

Este caminho formativo de Iniciação à Vida Cristã, que vem se implantando, envolve catecúmeno/catequizando que pode ser criança, jovem ou adulto, o qual busca a vida cristã ou foi nela insuficientemente iniciado ou busca formação permanente, em vista da maturidade em Cristo através de participação mais plena na comunidade cristã e sua missão permanente. Nesse processo de inspiração catecumenal estão envolvidos catecúmenos/catequizandos, pais ou responsáveis (referência familiar), introdutores, catequistas, padrinhos, liturgistas, ministros, enfim, toda comunidade cristã, visando prioritariamente e de forma gradativa o encontro com o Senhor (maturidade em Cristo), a inserção na comunidade em vista de ação missionária e transformadora em todos os ambientes (sociedade): estado permanente de missão (DAp nn.213 e 551).

PROBLEMATIZAÇÃO

As mudanças socioculturais e religiosas, na atual mudança de época, estão exigindo, para a formação cristã, a Iniciação à vida cristã. Esta é a interpelação e o grande desafio do Documento de Aparecida: A Iniciação à vida cristã é “desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade... Ou educamos na fé,

colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer modalidade de iniciação cristã” (DAP. 287).

O modelo de Iniciação à Vida Cristã apresentado pela Igreja é o de Inspiração Catecumenal. Diante disto pergunta-se:

- a) como desenvolver em nossa Diocese um processo de iniciação à vida cristã que conduza ao encontro pessoal, cada vez maior com Jesus Cristo, a partir do qual o sujeito envolvido no processo catequético opte por segui-Lo?
- b) quais os desafios que nossa Diocese precisa considerar para promover eficazmente a real iniciação cristã hoje?
- c) que itinerário oferecer aos catequistas e agentes de pastorais a fim de que possam, com coragem e criatividade, educar na fé?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Proporcionar às comunidades paroquiais um novo jeito de realizar o processo de Iniciação à Vida Cristã, que leve a uma maior conversão a Jesus Cristo, forme discípulos, renove a comunidade eclesial e suscite missionários que testemunhem sua fé na sociedade.

Objetivos específicos:

- a) proporcionar um itinerário que avance por etapas e tempos sucessivos, conforme o RICA, garantindo que a Iniciação de adultos, jovens e crianças se processe gradativamente no seio da comunidade;
- b) favorecer o acesso dos catecúmenos/catequizandos à Palavra de Deus, em suas múltiplas manifestações, através da Leitura Orante;
- c) facilitar o contato e a vivência com os Sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, como fator de inserção na Comunidade Cristã.
- d) formar os envolvidos na Iniciação à Vida Cristã, em vista dos sacramentos da Iniciação (Batismo, Crisma e Eucaristia), promovendo a

unidade e a integração dos três sacramentos que geralmente são considerados de modo desconexo e independentes.

- e) oferecer um itinerário catequético que promova a experiência sacramental como uma progressiva conformação da vida do catequizando a Cristo;
- f) incluir em todo processo, celebrações que conduzem os participantes ao mistério de Cristo e revelem a integração entre catequese e liturgia.
- g) favorecer o envolvimento de toda a comunidade no processo de Iniciação à Vida Cristã.

JUSTIFICATIVA

“Como vamos saber o caminho?” (Jo 14, 5). Esta pergunta de Tomé feita a Jesus revela uma situação dramática de incerteza vivida pelos discípulos. Na ocasião, Jesus os conforta, colocando-se como a única “Saída”, “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

Os bispos, reunidos na Conferência de Aparecida em 2007, constataram e assim confessaram que o mundo atual enfrenta uma “mudança de época”. Essa mudança se torna visível nas transformações profundas, tais como: crise de sentidos, ausência de sentido único e dificuldade para a transmissão da fé e das tradições às gerações futuras.

Diante dessa mudança, o Documento conclusivo desta Conferência convida a uma conversão pastoral. Segundo os bispos, essa conversão passa necessariamente por uma responsabilidade missionária, compromisso com a transmissão da fé e sua incidência sobre pessoas, grupos e sociedade. Ela exige que a Igreja vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária (Dap 370). Nesse processo, toda Igreja está envolvida, bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas. Todos são chamados a escutar com atenção e discernir **“o que o Espírito está dizendo às Igrejas”** (Ap 2,29).

Em sintonia com a proposta de Aparecida, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o Biênio 2015-2019, Documento 102 da CNBB

clamam toda a Igreja a se tornar uma **“Casa de Iniciação à Vida Cristã”**, onde as pessoas possam conhecer Jesus, fascinar-se por Ele e optar por segui-Lo (DG 42). Enquanto Igreja diocesana, convém também se fazer da pergunta de Tomé: “Como vamos saber o caminho?”. O número 371 do Documento de Aparecida assegura que um *“projeto pastoral da Diocese deve ser uma resposta consciente e eficaz para atender as exigências do mundo de hoje com indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho, de formação e valorização dos agentes e da procura dos meios necessários que permitam que o anúncio de Cristo chegue às pessoas, modele as comunidades e incida profundamente na sociedade e na cultura mediante o testemunho dos valores evangélicos”*.

Assim provocada, a Diocese de Oeiras, por meio da Comissão Diocesana de Iniciação à Vida Cristã, faz chegar a todos o Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã. Trata-se de uma “seta” que aponta para Jesus-Caminho, Jesus-Verdade e Jesus-Vida.

FUNDAMENTAÇÃO

“Deixemo-nos iluminar por uma página do Evangelho: o encontro de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4,5-42). Não há homem nem mulher que, na sua vida, não se encontre, como a mulher da Samaria, ao lado de um poço com uma ânfora vazia, na esperança de encontrar que seja satisfeito o desejo mais profundo do coração, o único que pode dar significado pleno à existência”.

Animados pela narrativa do encontro de Jesus com a Samaritana, a Igreja, que somos todos nós que o seguimos, é chamada, hoje, a promover um novo encontro luminoso, um novo diálogo, com novos interlocutores, reconhecendo que nos encontramos em um momento histórico de transformações profundas e de interlocuções novas. O Documento de Aparecida caracteriza este momento como de “mudança de época”. Em nosso país, essas transformações assumem características comuns que “afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos”, da vida, da família, da sociedade. Não estamos partindo do zero. Há um passado que pode impulsionar-nos a buscar constantemente novos caminhos, para que cheguemos a

viver, com autenticidade e zelo ardente, o seguimento de Jesus, a partilhar com Ele a missão de fazer acontecer o Reino no mundo de hoje.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) nos convidou a procurar novos caminhos para a transmissão da fé, em nosso tempo. Ele deu um impulso significativo e novo à pastoral, estimulando-a a ler os sinais dos tempos e escutar o Espírito que está em ação no mundo. O Vaticano II recomendou oficialmente a restauração adaptada do Catecumenato e apresentou os seus traços característicos. Além disso, prescreve a elaboração de um diretório de formação catequética. Este desafio deu origem a uma série de iniciativas renovadoras em muitas dioceses, paróquias e comunidade, por parte de leigos e leigas, consagrados e ministros ordenados, compromissados com a renovação pastoral da iniciação cristã. Foram muitos os que se empenharam em novas experiências evangelizadores, catequéticas, litúrgicas, bíblicas, missionárias e formativas. Isso tudo nos permitiu, desde 2011, assumir a urgência da Iniciação à Vida Cristã em nossas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015* e renovada até 2019, como tarefa de toda a comunidade eclesial e não desta ou daquela pastoral. É a comunidade inteira que precisa se responsabilizar, transformando-se em “casa da Iniciação à Vida Cristã”. O Evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. Mudaram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje.⁵

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, elenca alguns dos desafios da realidade: a economia da exclusão, a idolatria do dinheiro, a desigualdade social que gera violência, a cultura do provisório, a proliferação de novos movimentos religiosos fundamentalistas, a promoção de uma espiritualidade sem-Deus, a perda do compromisso com o comunitário, o relativismo moral, a fragilidade dos vínculos familiares. Os sinais dos tempos, lidos à luz da fé, exigem de nós humildade, atitude de acolhida, criatividade e capacidade dialogal que, a exemplo do que aconteceu no encontro entre Jesus e a Samaritana, possibilitem um itinerário que facilite a caminhada rumo à conversão. E isto sinaliza a necessidade da conversão pastoral. É preciso estar em constante movimento de saída, de gestação permanente, sem nos apegarmos a um modelo único e uniforme.

A inspiração catecumenal necessita da consciência da verdade expressa por Tertuliano: “os cristãos não nascem, se fazem”. Ou ainda, como diz o *Documento de*

Aparecida, citando o Papa Bento XVI: “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.

O processo de conversão pastoral que temos diante de nós exige uma ação pastoral centrada em um primeiro anúncio do essencial da fé, que chamamos de querigma. O querigma é trinitário. É anúncio de que: Jesus Cristo, enviado pelo Pai, ama e dá sua vida para salvar, e agora vive conosco todos os dias, pelo Espírito Santo, para iluminar, fortalecer, libertar. Ele ocupa o centro da atividade evangelizadora e de toda iniciativa de renovação eclesial. Papa Francisco insiste na importância do querigma: a “formação cristã é, primeiramente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano”.

Assumimos o compromisso de evangelizar adultos que não passaram pelo processo de Iniciação à Vida Cristã. O RICA tornou-se não apenas o Ritual para o Batismo de adultos, mas descreve, em seu primeiro e principal capítulo, o longo caminho mistagógico e catequético que um adulto deve percorrer para sua plena iniciação cristã, culminando no Batismo, na Crisma e na Eucaristia. São propostos, também, pela Igreja, processos de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal para os jovens, adolescentes e crianças. Para isso, já existem alguns itinerários catequéticos adaptados às várias idades, inspirados no RICA, com tempos, objetivos, passos, eixos temáticos, celebrações e outras indicações práticas. Tal inspiração no RICA levará o processo catequético a: integrar a comunidade; relacionar-se ao mistério pascal e ao ano litúrgico; unir fé, liturgia, vida e oração; incluir etapas definidas, ritos, símbolos e sinais, especialmente bíblicos e litúrgicos; relacionar melhor os sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia; e dialogar com a cultura local. De tal maneira que seja uma verdadeira “escola de fé”.

METODOLOGIA

A Iniciação à Vida Cristã está fundamentada na Palavra de Deus, a Bíblia. Ela é e sempre será o livro fundamental do caminho da Iniciação que forma discípulos para toda a vida e ação pastoral da Igreja.

A Leitura Orante da Bíblia será a forma privilegiada para encontrar e conhecer o Senhor, individual e comunitariamente. Utilizando-se desse método a comunidade desenvolverá um elenco de conteúdos de forma sistematizada (História da Salvação, Igreja-Comunidade, Evangelização, Sacramentos...), oferecendo ao catecúmeno/catequizando uma visão global da fé cristã. O próprio jeito catecumenal explicita o Método utilizado que se dá de forma processual e dinâmico através dos tempos e etapas celebrativa, envolvendo conhecimento, liturgia e experiência de fé na comunidade.

RECURSOS

É preciso investir as melhores forças da Igreja para a catequese (CT 15), tempo fundamental para uma qualificada Iniciação à Vida Cristã, seja em sentido humano como material:

- a) envolvimento criativo de catecúmenos/catequizandos, de suas famílias ou responsáveis, de padrinhos, de catequistas, de liturgistas, de ministros e outros;
- b) utilização de espaços físicos adequados, bem como de instrumentos técnicos que favoreçam as experiências e os contatos com os conteúdos da fé cristã;
- c) inserção gradativa dos catecúmenos/catequizandos nas diversas pastorais, serviços, grupos e ações da comunidade;
- d) leitura Orante da Bíblia;
- e) manual de encontros para qualquer uma das etapas da iniciação à Vida Cristã;
- f) RICA - Ritual de Iniciação Cristã de Adultos;

- g) encontros de formação e capacitação de todos os envolvidos no processo de Iniciação à Vida Cristã, tanto em nível diocesano como paroquial, a título de atualização.

TEMPOS E CELEBRAÇÕES

Segundo o RICA

“O RICA não é um livro catequético, centrado no conteúdo doutrinal a ser transmitido, mas sim, um livro litúrgico com ritos, orações, celebrações. Entretanto, esse livro dá uma visão inspiradora de uma catequese que realmente envolve a pessoa no seguimento de JESUS CRISTO, a serviço do Reino, expresso na vivência dos sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia (Doc. 107, nº 119).

A Igreja resgatou esse ritual para compreender a iniciação cristã de maneira mais ampla e completa, capaz de formar a identidade de fé do cristão. O RICA dirige-se aos adultos que não foram batizados. Além de ser um ritual, contém uma pedagogia que dá unidade ao processo e põe à luz os elementos fundamentais para a formação da identidade cristã.

A iniciação cristã de adultos está dividida em quatro tempos, e cada tempo é finalizado com um rito que indica passagem para o tempo seguinte, também chamado de etapa. São considerados tempos de informação e amadurecimento, que indicam o desenrolar lento de um processo que vai sendo, aos poucos, assumido pelo catequizando. Cada tempo e celebração de passagem supõe uma resposta de adesão sempre mais consciente do candidato.

Estes tempos e celebrações (etapas), nos quais os sacramentos constituem o 'eixo de sentido', estruturam a maneira unitária e progressiva de compreender a iniciação cristã: “Cada etapa desse caminho progressivo não está fechada à outra, mas está aberta à seguinte em um crescimento dinâmico em busca de perfeição mais profunda” (Doc. 107, nº 79). O pré-catecumenato: é o momento do primeiro anúncio, em vista da conversão, quando se explica o querigma (primeira evangelização) e se estabelecem os primeiros contatos com a comunidade cristã (cf. RICA, nn. 9- 13); o catecumenato propriamente dito:

- a) é destinado à catequese integral, à entrega dos Evangelhos, à prática da vida cristã, às celebrações e ao testemunho da fé (cf. RICA, nn. 14-20);
- b) o tempo da purificação e iluminação: é dedicado a preparar mais intensamente o espírito e o coração do catecúmeno, intensificando a conversão e a vida interior (cf. RICA, nn. 21-26);
- c) nesta fase ele recebe o Pai-Nosso e o Credo; no final, recebe os sacramentos da iniciação: Batismo, Confirmação e Eucaristia (cf. RICA 27-36);
- d) o tempo da mistagogia: visa ao progresso no conhecimento do mistério pascal através de novas explicações, sobretudo, da experiência dos sacramentos recebidos, e ao começo da participação integral na comunidade (cf. RICA, nn. 37-40).

Na Diocese de Oeiras, o RICA, como próprio nome diz, é dirigido à catequese de adulto. Mas na Igreja do Brasil, desde a publicação do DNC e o Estudo 97 da CNBB, estamos buscando um caminho de Inspiração catecumenal para toda a catequese. “Sob a inspiração do RICA, é possível propor um itinerário que avance por etapas (celebrações de passagens) e tempos sucessivos, garantindo que a iniciação de adultos, jovens e crianças se processe gradativamente no seio da comunidade (Doc. 107. N. 139). Pois, “é preciso garantir o resgate adaptado do catecumenato” (DNC, n 84.

A Diocese, para responder aos desafios da Evangelização, especialmente na transmissão da fé cristã, propõe itinerários de Iniciação a vida cristã para proporcionar às crianças, adolescentes/ jovens e adultos a experiência do Encontro com Jesus Cristo, capaz de transformá-los em discípulos missionários, colaboradores na construção do Reino de Deus, levando em conta e atenta às situações pastorais mais diversificadas e desafiantes no sentido de superar práticas pastorais que visem apenas à celebração dos ritos e a recepção dos sacramentos.

Figura 1 — Plano diocesano IVC

Quadro geral da Iniciação à Vida Cristã Conforme o RICA					
1º Tempo Pré-Catecumenato ou Primeiro Anúncio (Querigma)		2º Tempo Catecumenato (Tempo mais longo de todos)		3º Tempo Purificação e iluminação (Quaresma)	
Tempo do acolhimento na comunidade cristã: - Primeira Evangelização - Inscrição e colóquio com o catequista. - Ritos -> Catequistas + Equipes litúrgicas	¹ ETAPA – Rito de Admissão dos Candidatos ao Catecumenato (entrada)	Tempo suficientemente longo para: - Catequese, reflexão, Aprofundamento. - Vivência cristã, conversão, - Entrosamento com a Igreja. - Ritos -> Catequistas + equipes litúrgicas	² ETAPA – Preparação para os Sacramentos (Eleição) Pároco	Preparação próxima para Sacramentos - Escrutínios - Entrega do Símbolo e da Oração do Senhor Catequese, práticas, quaresmas (CF, etc.) - Ritos -> Catequistas + Equipes litúrgicas	³ ETAPA – Celebração dos sacramentos de Iniciação (Vigília Pascal) - Pároco
					4º Tempo Mistagogia (Tempo pascal)
					- Aprofundamento e maior mergulho no mistério cristão, no ministério pascal, na vida nova. - Vivência na comunidade cristã.

CNBB. *Directorio Nacional de Catequese*. São Paulo, Paulinas, 2006, n. 46. (Documentos CNBB n. 84.)

Fonte: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (2006).

I. ITINERÁRIO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DE ADULTOS CATECÚMENOS E CATEQUIZANDOS

“O adulto busca a Iniciação à Vida Cristã, procurando o sentido da vida, do mundo, da morte, que não encontra em si e nas propostas do mundo. A Iniciação à Vida Cristã, requer o envolvimento e a responsabilidade de toda comunidade de fé. Sobre eles exerce grande influência positiva o testemunho da participação da comunidade nos ritos e nas celebrações que realizam a experiência de Deus, iniciada na escuta da Palavra” (CNBB, doc. 107, 205).

No Itinerário de Iniciação à Vida Cristã com adultos, entendemos que a catequese é um momento oportuno para compartilhar a vida, pois a experiência de fé não se faz fora da vida, mas dentro da vida. Desta forma, propomos um caminho marcado pela experiência do Encontro com Jesus Cristo que se dá na meditação da Palavra, na vivência litúrgica, na vida em comunidade e nas dimensões humano afetivas.

Nesse sentido a Iniciação à Vida Cristã requer o envolvimento e a responsabilidade de toda a comunidade de fé. O positivo testemunho de participação da comunidade nos ritos e nas celebrações influenciam os catecúmenos na experiência de Deus iniciada na escuta da Palavra. O processo de Iniciação à Vida Cristã de adultos também deve ser aplicado à situação de “adultos batizados e não suficientemente evangelizados”, mas que desejam retomar seu caminho de fé. A Diocese de Oeiras assume o Itinerário da Iniciação à Vida Cristã com adultos proposto pelo Itinerário Catequético da CNBB – 2015.

ITINERÁRIO DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ COM CATECÚMENOS E CATEQUIZANDOS ADULTOS (acima de 14 anos)

I - PREPARAÇÃO (duração mínima – 1 mês)

OBJETIVOS	INDICAÇÕES METODOLÓGICAS
Convidar os adultos para o Itinerário de IVC	- Envolvimento da comunidade eclesial; - Divulgação do processo da IVC; - Primeiro contato com os adultos; - Interessados. Festa das inscrições

II - PRIMEIRO TEMPO

PRÉ- CATECUMENATO – TEMPO QUERIGMÁTICO - (duração de 3 meses)

Celebrar o desejo de aprofundamento da fé junto com a comunidade.

EIXOS TEMÁTICOS:

- Fé na vida (Jo 1, 35-40)
- Crer em Deus (Jo 4, 7-16)
- Desvios do caminho (Dt 30, 15-19)
- Jesus Cristo é o caminho (Mc 8, 27- 29)
- A decisão é sua (Jo 6, 60-69)

III. SEGUNDO TEMPO:

CATECUMENATO – CRESCER NA FÉ

(preferencialmente iniciar o caminho após Pentecostes e ir até o início do Advento)

CELEBRAÇÃO DE ENTRADA NO CATECUMENATO

OBJETIVO	PASSOS
Celebrar o desejo de aprofundamento da fé junto com a comunidade	- Reunião fora da Igreja-templo. - Diálogo com a comunidade e o catecúmeno. - Ingresso na Igreja-templo. - Assinalação com o sinal da Cruz. - Entrega da Cruz. - Proclamação da Palavra.

Obs: Este rito pode ser realizado de acordo com a realidade de cada comunidade:

- na Celebração Eucarística;
- na Celebração da Palavra;
- na comunidade reunida, especialmente para esta celebração.

EIXOS TEMÁTICOS:

OBJETIVO	PASSOS
Compreender o ser humano na sua dignidade de imagem e semelhança de Deus como ser de relações.	- A pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-31) - A pessoa humana e sua história de vida/vocação. - A pessoa humana como ser de relações /alteridade (consigo mesmo, família, sociedade, ambiente). - Sexualidade e afetividade.

RITO DE ENTREGA DO PAI-NOSSO

OBJETIVO	PASSOS
Celebrar, acolher e viver a relação filial com Deus Pai e a fraternidade com todo gênero humano.	- Proclamação da Palavra. - Entrega da Oração do Senhor. - Oração sobre os catecúmenos.

EIXOS TEMÁTICOS:

- O Reino de Deus (Mt 6,25-33)
- Paixão e morte na cruz (Lc 23,33-47)
- A Ressurreição de Jesus (Lc 24,13-35)
- O Espírito Santo (At 2,1-9)
- Igreja: comunidade de Jesus (At 2,42-47)

RITO DE ENTREGA DO CREIO

OBJETIVO	PASSOS
Celebrar o acolhimento da fé professada pela Igreja.	- Proclamação da Palavra. - Celebração da luz da fé. - Profissão do símbolo da fé com a comunidade. - Oração sobre os catequizandos.

PREPARAR:

- Lugares reservados para os que receberão o Creio.
- A oração do Creio para cada um dos participantes.

EIXOS TEMÁTICOS:

- Sacramentos: sinais que salvam (1Cor 11,23-26)
- Batismo e Crisma (Mt 28,16-20)

ENCONTRO COM PADRINHOS E MADRINHAS (Mc 2, 1-12)**EIXOS TEMÁTICOS:**

- Eucaristia (Lc 22,14-27)
- O perdão dos pecados (Jo 8,3-11)

III - TERCEIRO TEMPO – ILUMINAÇÃO E PURIFICAÇÃO

(durante o tempo da Quaresma- Processo de Conversão)

OBJETIVO: Viver este tempo de recolhimento espiritual e revisão de vida à luz da centralidade do Mistério Pascal e em preparação imediata para o(s) sacramento(s) de IVC.

RITO DE ELEIÇÃO E INSCRIÇÃO DO NOME

(Primeiro Domingo da Quaresma)

OBJETIVO	PASSOS
Agradecer pelo caminho percorrido e manifestar publicamente o desejo de serem iniciados nos sagrados mistérios.	- Proclamação da Palavra. - Apresentação dos candidatos. - Diálogo do presidente da celebração.

EIXO TEMÁTICO:

- Água para quem tem sede (Jo 4, 5-30)

PRIMEIRO ESCRUTÍNIO - (3º Domingo da Quaresma)

EIXO TEMÁTICO:

- Luz para ver (Jo 9, 1-39)

SEGUNDO ESCRUTÍNIO - (4º Domingo da Quaresma)

EIXO TEMÁTICO:

- Vida para crer (Jo 11, 1-45)

TERCEIRO ESCRUTÍNIO (5º Domingo da Quaresma)

CELEBRAÇÃO PENITENCIAL

Atenção: Os catecúmenos participam desta celebração sem, obviamente, se confessarem.

CELEBRAÇÃO DOS SACRAMENTOS DE INICIAÇÃO DOS CATECÚMENOS

(Batismo – Crisma – Eucaristia)

CELEBRAÇÃO DA CRISMA E/OU EUCARISTIA DE ADULTOS

(Para ser realizada numa celebração eucarística do Tempo Pascal com adultos que já receberam o Batismo na infância, mas desejam completar sua iniciação com os sacramentos da Crisma e/ou Eucaristia)

IV- QUARTO TEMPO:

MISTAGOGIA– CAMINHAR NA FÉ

(Tempo Pascal até Pentecostes)

OBJETIVO: Viver a vida em comunidade a partir dos mistérios celebrados.

EIXOS TEMÁTICOS:

Chamados pelo Senhor (Mt 4, 18-22)

A Vida Eterna (Jo 14, 1-6)

- Sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-16)

CELEBRAÇÃO DE ENVIO MISSIONÁRIO E ENTREGA DA CRUZ

(Preferencialmente em Pentecostes)

ITINERÁRIO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ - CRIANÇAS

ITINERÁRIO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DE CRIANÇAS

(a partir de 8 anos de idade)

PRÉ-CATECUMENATO / TEMPO QUERIGMATICO

Nele o iniciante é convidado a despertar o Encontro com Jesus Cristo que nos ama como sua família. É tempo de acolhimento que procede ao processo catequético propriamente dito.

Tempo duração mínima de 3 meses

Consistirá na realização de encontros semanais ou quinzenais com as crianças e suas famílias. Os encontros são preparados e conduzidos pelos introdutores (integrantes de movimentos, pastorais ou outros serviços da Igreja que tenham vivência de comunidade). Esses são realizados nas casas das famílias envolvendo os introdutores, crianças e familiares. Também podem ser realizados retiros envolvendo todas as famílias das crianças.

A idade mínima para o ingresso no pré-catecumenato é de 08 anos completos.

CATECUMENATO

É o tempo mais longo dedicado ao ensino bíblico doutrinal e ao aprofundamento. Nele o catecúmeno/catequizando é convidado a conhecer e a experimentar os principais aspectos da experiência cristã.

Está estruturado em 6 fases: Palavra de Deus; Pessoa Humana; Jesus, o Cristo; A vida de Oração; A Família Igreja e Vida Sacramental. As fases são divididas em eixos temáticos que permitem o aprofundamento e vivência da Fé. Tem duração mínima de 24 meses. Além dos encontros semanais, serão realizados retiros, jornadas e encontros com as famílias com base na Leitura Orante da Bíblia.

PURIFICAÇÃO E ILUMINAÇÃO

Tempo de preparação para o sacramento. Acontece durante toda a quaresma. Nele, o catecúmeno/catequizando, já introduzido na experiência cristã e desejando tornar-se discípulo, é eleito pela comunidade eclesial para a iniciação sacramental.

O eleito fará uma experiência de amadurecimento espiritual cuja finalidade é iluminar e purificar a mente e o coração para uma experiência do Mistério Pascal através dos sacramentos.

Esse tempo é próprio, também, para realização de ações evangélico-transformadoras, visitas as comunidades da paróquia, especialmente as mais pobres, com a presença dos necessitados, excluídos e sofredores. Contribuirá, sobremaneira, nesse processo a reflexão dos Evangelhos dominicais.

CELEBRAÇÃO DO SACRAMENTO DA EUCARISTIA: PÁSCOA E PENTECOSTES

MISTAGOGIA

Tempo litúrgico por excelência. Deve ser vivenciado ao longo do Tempo Pascal. Iluminado pelo Sacramento recebido (Eucaristia e Batismo, se houver), os novos discípulos aprofundam os mistérios celebrados. Mistagogia significa conduzir para dentro do mistério.

Tendo recebido o sacramento da Eucaristia e após a vivência do tempo pascal, o catequizando é enviado para a Catequese de Confirmação que se dá em duas fases:

1ª FASE

Tempo de aprofundamento bíblico–doutrinal, especialmente o CREIO e de reflexões dos diversos artigos fundamentais da nossa fé, como também dos mandamentos na perspectiva do seguimento de Jesus.

Nesta fase, também, o catequizando é motivado a participar mais da comunidade paroquial, através de experiências missionárias, no serviço de acólito, liturgia, coral etc.

Tem duração de 24 meses

2ª FASE

Já mais amadurecidos, caminhando no sentido de suas convicções da fé professada e do seguimento a Jesus, esta fase tem o objetivo de levar o adolescente a ter um maior envolvimento com a Igreja para ajudá-lo na decisão firme de assumir-se discípulo missionário. Essa fase constitui-se de 07 etapas de catequese com seus diversos elementos para os catequizados, os padrinhos, a família e a comunidade.

Na sexta etapa acontece a Celebração do sacramento da Crisma.

Na sétima etapa é o momento de inserir os adolescentes de forma mais consciente e convicta, pelo próprio esforço e pela graça de Deus no serviço da comunidade.

Tem duração de 18 meses.

CELEBRAÇÕES

A liturgia é fundamental para o processo de Iniciação à Vida Cristã. Sem sua vivência, não existe iniciação.

As celebrações apresentadas, ao longo dos diversos tempos e fases, são momentos fortes para assimilar o mistério cristão e marcar de modo solene e

festivo a passagem de um tempo (ou fase) para outro (Itinerário Catequético CNBB).

A comunidade é o lugar por excelência, o lugar das celebrações.

As diversas celebrações serão realizadas oportunamente ao longo do processo. Algumas são inspiradas no RICA e outras são propostas para promover a identidade litúrgica dos itinerários. Nesse particular, é preciso considerar o ritmo, a realidade e criatividade da comunidade local.

As celebrações devem ser preparadas pelos catequistas, juntamente com as equipes de liturgia das comunidades, seguindo as indicações dos manuais que fazem parte do Itinerário de Iniciação da Diocese conforme as idades.

I- PREPARAÇÃO

Motivar a comunidade a acolher as crianças para o processo de IVC.

Festa das Inscrições

II-PRIMEIRO TEMPO: PRÉ-CATECUMENATO –TEMPO QUERIGMÁTICO

(duração de 3 meses)

Despertar o Encanto por Jesus Cristo que nos ama como sua família.

Acolhida das Famílias e envio dos introdutores

EIXOS TEMÁTICOS:

- Vamos caminhar juntos (Jo 15,7-11)
- Jesus está no meio de nós (At 10,36-42)
- O nascimento de Jesus (Lc 2,1-7)
- João batiza Jesus (Lc 3,3.10-16.21-22)
- Jesus, as crianças e o Reino de Deus (Mc 10,13-16)
- Jesus convida discípulos (Mc 1, 16-20)
- Jesus é pregado na cruz com a pergunta: Por que Jesus é pregado na cruz? (Jo 19, 17-19.25—30)
- O caminho de Emaús e a Ressurreição (Lc 24, 13-21.25-33) **Encontro com as Famílias: Quem é Jesus para nós?**

Celebração de **ENTRADA** para o tempo da Catequese

CATECUMENATO

*Acolher a criança e o desejo de fazer parte da família de Jesus Cristo

III- SEGUNDO TEMPO:

CATECUMENATO – TEMPO DE APROFUNDAMENTO

(duração mínima de 24 meses)

PRIMEIRA FASE - PALAVRA DE DEUS

Proporcionar uma visão de conjunto da Comunicação de Deus com a humanidade.

EIXO TEMÁTICO:

- A BÍBLIA: A Palavra de Deus (Pela Bíblia Deus fala conosco 2Tm 3, 15-17)
- Celebração da Palavra de Deus

Acolher o dom da comunicação de Deus presente na Bíblia como Luz e Caminho

- Entrada solene da Bíblia
- Proclamação da Palavra
- Entrega da Bíblia às crianças

SEGUNDA FASE: PESSOA HUMANA

Conduzir a criança à descoberta da sua relação com o Criador e os demais seres criados.

EIXOS TEMÁTICOS:

- Deus criou o Céu e a Terra (Gn 1, 1-5.9-13.26; 2,1-4)
- Somos criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26-28)
- A quebra da Aliança; (Gn 3, 1-7)
- Deus não abandona a Criação (Gn 6, 5-8)
- Celebração da Vida
- Agradecer e valorizar a vida, dom do Criador, nas suas variadas manifestações.
- Fatos da vida
- Proclamação da Palavra

- Oração de agradecimento ao dom da vida.
- Uso de símbolos que remetem à vida (planta, água, terra etc.)

TERCEIRA FASE: JESUS, O CRISTO

Conhecer a vida, a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo, encantando-se com sua pessoa.

EIXOS TEMÁTICOS:

- Os Evangelhos nos falam das Obras e Ensinamentos de Jesus.
- A Infância de Jesus (Lc 2,41-50)
- Jesus na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-21)
- O Chamado dos Apóstolos (Mc 3,13-19)
- Os Ensinamentos de Jesus (As Parábolas)
 - As Sementes do Reino (Mc 4,3-8.14-20)
 - As Bem-Aventuranças (Mt 5,1-12)
- O Pai bondoso e o Filho Reencontrado (Lc 15,11-32)
- Julgados pelo Amor (Mt 25,34-40)
- O Bom Samaritano (Lc 10,29-37)
- Refeições com as pessoas (Mc 2,13-17)
- O Casamento em Caná (Jo 2, 1-10)
- O Perdão Cura (Mt 9,1-8)
- Jesus cura os doentes (Mc 1,29-34)
- O Povo de Jesus (Jo 9,1-7)
- Jesus nos chama a fazer coisas boas (Lc 10,1-9)
- A Partilha dos Pães (Mt 14,14-21)
- Jesus entra em Jerusalém (Lc 19,28-38)
- O Grande Banquete (Lc 22,14-20)
- Cruz e Morte de Jesus (Mc 15,33-39)
- A Ressurreição de Jesus (Lc 24,1-6)

JORNADA DOS AMIGOS DE JESUS CRISTO

- Vivência do encontro com a pessoa de Jesus Cristo, a partir de experiências concretas de solidariedade.
- Encontro festivo em um dia de retiro ou de missão.
- Celebração de ajuda aos outros (visitas, doações de alimentos, brinquedos, roupas etc. (Jo 13,34-35)

QUARTA FASE: A VIDA DE ORAÇÃO

Apresentar Jesus Cristo que reza ao Pai como exemplo de nossa vida em oração

EIXOS TEMÁTICOS:

- Os discípulos veem Jesus rezar (Lc 11,1)
- Jesus ensina a rezar: o Pai Nosso (Mt 6,9-15)
- A oração do Senhor: “Pai Nosso” Eu Creio. (Pequeno catecismo católico)
- Práticas de orações: Ofício divino para crianças, Ave Maria, Glória ao Pai, Oração ao Anjo da Guarda etc.

Celebração de entrega da Oração do Senhor

- Rezar em comunidade a oração do pai Nosso como gesto de comunhão e partilha.
- Oração do Pai Nosso de mãos dadas
- Partilha do pão entre as crianças e a comunidade –Oração sobre as crianças.

Obs: Ou combinar com o Padre para fazer o Rito de Entrega na Missa.

QUINTA FASE: A FAMÍLIA-IGREJA: FILHOS DO PAI DEUS E IRMÃOS DE JESUS

Despertar para a importância de ser família de Deus, na fraternidade de fé em Jesus Cristo.

EIXOS TEMÁTICOS:

- Origem da família de Jesus (Mt 1, 1-17; Lc 3, 23-38)
- A família de Israel: Patriarcas; Moisés; Juízes; Reis e profetas (Gn 12, 1-9; Gn 21; Ex 2, 23-25; 3, 1-22; Ex 6, 2-8; Ex 19, 1-9)
- Abraão: a fé no único Deus (Gn 12,1-3)
- Jacó, o pai de doze filhos (Gn 25,29-34)
- José: o filho preferido é vendido (Gn 37,18-28)
- A Escravidão no Egito (Ex 1, 6-14)
- Moisés e a Páscoa (Ex 14,21-25)
- A Terra, os Juízes e os Reis (1Sm 8,1-9)
- Os Profetas anunciam a Esperança (Is 9,1-2.5-6)
- O Retrato da primeira família cristã (At 2, 42-47)
- A família-igreja é iluminada pela luz da fé. (Creio) – “EU CREIO” - pequeno Catecismo da Igreja- primeira parte: A profissão de fé cristã. A fé dos cristãos: o símbolo dos Apóstolos.
- Maria, mãe de Jesus e nossa mãe (Lc 1, 26-38)
- Nossa ajuda na família-igreja. Encontro com as famílias

Celebração de Entrega do Símbolo da Fé

- Acolher a fé da família-igreja.
- Proclamação da Palavra
- Entrega da luz da Fé (vela)
- Profissão do Símbolo da Fé (Creio) com a comunidade.

SEXTA-FASE: VIDA SACRAMENTAL

Compreender os sacramentos como presença concreta e atual do pai na família-igreja.

EIXOS TEMÁTICOS:

- Jesus Cristo a presença do Pai (Jo 14, 8-11)
- A família-igreja continua a presença de Cristo (At 3, 1-10) Os sete sacramentos da família-igreja:

- O Batismo: a porta de entrada na família-igreja (Mt, 28, 16-20)
- A Eucaristia: o alimento da família-igreja (Mc 14, 22-25)
- A Reconciliação: vivendo a fraternidade na família-igreja (Mt 18, 21-22; Jo 15, 9-14).

Celebração da Eleição (Primeiro Domingo da Quaresma)

Agradecer o caminho feito em vista da preparação imediata para iniciação à vida eucarística (e batismal quando houver)

- Celebração de admissão ao(s) sacramento (s) (cf. RICA, n. 133-150) adaptada às crianças.
- Proclamação da Palavra
- Testemunho pessoal da criança (cartas para Deus, formulações de orações etc.)

IV- TERCEIRO TEMPO

ILUMINAÇÃO E PURIFICAÇÃO

(Durante o tempo da Quaresma- Processo de Conversão)

Possibilitar de maneira progressiva a mudança de vida das crianças, iluminadas pelas ações de Jesus.

EIXOS TEMÁTICOS

- Jesus é água que sacia a sede (Jo 4, 5-26. 39-42)
- Jesus é a luz que ilumina nosso caminho (Jo 9, 1-12. 26-3)
- Jesus é vida que vence a morte (Jo 11, 17-27. 43-45)
- Quaresma e Campanha da fraternidade:

Celebração do Perdão

Reconhecer o dom do perdão de Deus oferecido a todos os que erram.

- Revisão de vida
- Celebração do Sacramento da Reconciliação
- Gesto concreto de reconciliação

Celebração do Tríduo Pascal

- Celebrar a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus como ponto central da vida da família-igreja
- Celebração da Ceia do Senhor
- Celebração da Paixão do Senhor
- Celebração dos ritos de preparação imediata (cf. RICA, n. 193-207) se oportuno
- Celebração da Vigília Pascal (Renovação das Promessas do Batismo e Sacramento do Batismo – quando houver)

CELEBRAÇÃO DO SACRAMENTO DA EUCARISTIA PÁSCOA

IV - QUARTO TEMPO

MISTAGOGIA

(Durante o tempo Pascal)

Aprofundar as celebrações pascais como família-igreja na partilha dos dons do pão e do vinho.

EIXOS TEMÁTICOS:

- Sentido das festas pascais celebradas
- A iniciação à vida eucarística.

CELEBRAÇÃO DE ENVIO MISSIONÁRIO PARA A CATEQUESE DE CONFIRMAÇÃO E VIVÊNCIAS MISSIONÁRIAS

CATEQUESE DE CONFIRMAÇÃO

1ª FASE:

CELEBRAÇÃO DE ACOLHIDA DO GRUPO

EIXOS TEMÁTICOS:

- Nossa fé nos reuniu (Hebreus 11,6-12)
- Quem é Deus? (1João 4,12-16)
- Deus criou tudo o que existe? (Gênesis 1,1-13)
- Quem é o Filho de Deus? (João 14,8-11)

CELEBRAÇÃO DA VIA-SACRA DA CRUZ

EIXOS TEMÁTICOS:

- Como Maria pode ser Mãe de Deus? (João 19,25-27)
- Por que Jesus foi crucificado? (Lucas 23,33-47)
- Cristo ressuscitou dos mortos? (João 20,1-10)
- O que significa dizer que Jesus está à direita do Pai? (Atos 1,8-11)
- Jesus voltará? Quando? (Mateus 24,35-39)

CELEBRAÇÃO DA VIA-SACRA DA RESSURREIÇÃO

EIXOS TEMÁTICOS:

- Quem é o Espírito Santo? (João 14,15-21)
- O que é a Igreja Católica? (Atos 2,42-47)
- Os santos rezam por nós? (Atos 7,52-60)
- O poder de perdoar os pecados (Marcos 2,3-12)
-

1º ENCONTRO COMAS FAMÍLIAS E OS CATEQUISTAS

EIXO TEMÁTICO: Construir a casa sobre a rocha (Mt 7,24-27).

EIXOS TEMÁTICOS:

- A ressurreição dos mortos (1Coríntios 15,35-40)
- O que é a vida eterna? (Sabedoria 3,1-4)
- Os sete sacramentos (1Coríntios 11,23-26)

ENTREGA DO ESCAPULÁRIO

EIXOS TEMÁTICOS:

- Festas e celebrações da Igreja (Atos 20,7-12)
- Qual o sentido dos símbolos do Natal? (Mateus 2,1-12) –O tríduo pascal (Lucas 22,14-19).
- Amar a Deus (Mateus 22,34-40).
- Como amar o próximo? (João 13,34-35).

2º ENCONTRO COM AS FAMÍLIAS E OS CATEQUISTAS

EIXO TEMÁTICO: Sal da terra e luz do mundo (Mt 7,1-5).

EIXOS TEMÁTICOS:

- Repartam o pão (Mt 6, 34-44).
- Servir a Deus ou ao dinheiro? (Mt 6, 24-33).
- Vida sim, drogas não! (1Cor 6, 12-14)

CELEBRAÇÃO PENITENCIAL

EIXOS TEMÁTICOS:

- Por que não julgar? (Mateus 7,1-5)
- Para que Deus nos chama? (Marcos 2,13-17)
- O valor do matrimônio (Marcos 10,2-9)
- Continuar o caminho (2 Timóteo 3,14-17)

CELEBRAÇÃO DE ENTREGA DA CRUZ

2ª FASE – CRISMA 2 – O SEGUIMENTO DE JESUS.

CELEBRAÇÃO DE ACOLHIDA DO GRUPO

Acolhida do grupo (somente os catequizandos da comunidade e catequistas.

Não precisa ser na missa ou celebração da Palavra)

EIXOS TEMÁTICOS:

- Venham e veja! (Jo 1,35-40)
- Deus nos ama (1Jo 4,7-16)
- Livres para amar (Gl 5, 13-17)
- A decisão é sua (Mc 8,27-29)
- Encontro com os familiares (Mt 6,26-34)

RITO DO SINAL DA CRUZ

EIXOS TEMÁTICOS:

- Jesus sacia a sede (Jo 4,5-30)
- Sede de vida em família (Mc 10,2-9)

- Sede de amizade (Jo 15,12-15)
- Encontro com padrinhos e madrinhas (Eccl 6,5-17)

RITO DE PURIFICAÇÃO

EIXOS TEMÁTICOS:

- Jesus faz enxergar (Jo 9,1-39)
- Enxergar o sofrimento dos outros (Mc 5,25-34)
- Enxergar o direito de nascer (Dt 30,15-20a)
- Enxergar a terra: nossa casa comum (Gn 1,29-31)
- Vida sempre mais (Sl 139,13-18)

RITO DE ILUMINAÇÃO

EIXOS TEMÁTICOS:

- Jesus faz viver (Jo 11,1-45)
- Crer para ver (Jo 20,24-29)
- Cristo vence a morte (1Ts 4,13-14)
- Viver em Deus (Jo 14,1-6)
- Livrai-nos do mal! (Mt 8,28-34)

RITO DE LIBERTAÇÃO

EIXOS TEMÁTICOS:

- O Espírito Santo: dom de Deus (At 2,1-11)
- O dom da verdade (Jo 16,12-15)
- O dom de perdoar (Jo 8,3-11)

CELEBRAÇÃO DA PENITÊNCIA

EIXOS TEMÁTICOS:

- Somos Igreja (Mt 16,13-19)
- Encontro com a comunidade (1Cor 12,4-11)
- Maria, a mãe da Igreja (Lc 1,39-56)
- Heróis da fé (At 7,51-60)

- Crisma: unção no Espírito (Jo 14,15-17)
- Uma vida nova em Cristo (Ef 4,25-32; 5,1-4)

CELEBRAÇÃO DA CRISMA

CELEBRAÇÃO DO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO/CRISMA

CELEBRAÇÃO DE ENVIO MISSIONÁRIO

(Conclusão do itinerário)

(Domingo de Pentecostes)

Proclamação da Palavra

Entrega de um símbolo (sal, semente etc.)

Oração de envio

Inserção pastoral e nos serviços comunitários

Integração em um grupo de reflexão, pastoral, comunitário etc.

Leitura Orante da palavra como prática permanente de amadurecimento da fé.

ITINERÁRIO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ - *ADOLESCENTES JOVENS*

Para Adolescentes e Jovens não batizados (chamados de catecúmenos) e Adolescentes e Jovens batizados que não percorreram o caminho catecumenal e/ou não receberam os sacramentos da Confirmação e /ou da Eucaristia.

PRÉ-CATECUMENATO / TEMPO QUERIGMATICO

Nele o iniciante é convidado a despertar o encontro com a pessoa de Jesus Cristo que nos ama como sua família. É tempo de conversão.

Tem duração mínima de 3 meses.

Consistirá na realização de encontros semanais ou quinzenais com os Adolescentes e Jovens. Os encontros são preparados e conduzidos pelos introdutores (integrantes de movimentos, pastorais ou outros serviços da Igreja que tenham vivência de comunidade). Esses são realizados nas dependências da comunidade ou nas casas das famílias envolvendo os introdutores, Adolescentes e Jovens. Também devem ser realizados Encontros envolvendo todas as famílias das crianças.

A idade mínima para o ingresso no pré-catecumenato é de 12 anos completos.

CATECUMENATO

É o tempo de aprofundamento dedicado ao ensino bíblico doutrinal. Nele o catecúmeno/catequizando é convidado a conhecer e a experimentar os principais aspectos da experiência cristã. Está estruturado em 6 fases: Palavra de Deus, Pessoa Humana, Jesus, o Cristo, Avida de Oração / Comunidade de Fé, Esperança e Caridade e Vida Sacramental. As fases divididas em eixos temáticos que permitem o aprofundamento e vivência da Fé.

Tem duração mínima de 24 de meses. Além dos encontros semanais, serão realizados retiros, jornadas e encontros com as famílias com base na leitura orante da bíblia.

PURIFICAÇÃO E ILUMINAÇÃO

Tempo de preparação para o sacramento. Acontece durante toda a quaresma. Nele o catecúmeno / catequizando, já introduzido na experiência cristã e desejando tornar-se discípulo, é eleito pela comunidade eclesial para a iniciação sacramental. O eleito fará uma experiência de amadurecimento espiritual cuja finalidade é iluminar e purificar a mente e o coração para uma experiência do Mistério Pascal através dos sacramentos.

Esse tempo é próprio, também para realização de ações evangélico-transformadoras, visitas as comunidades da paróquia, especialmente as mais pobres, com a presença dos necessitados, excluídos e sofredores. Contribuirá, sobremaneira, nesse processo a reflexão dos Evangelhos dominicais.

VIVÊNCIA DO TRÍDUO PASCAL

Os Adolescentes e Jovens são convidados a viver intensamente a liturgia desses dias com a comunidade Paroquial, pois, como eleitos, renovarão na Vigília

Pascal o Batismo com a solene Profissão de Fé. Os catecúmenos receberão nesta celebração o sacramento do Batismo.

VIVÊNCIA DO TEMPO PASCAL

Tempo litúrgico por excelência. Deve ser vivenciado ao longo do Tempo Pascal. Iluminado pelo Sacramento recebido (Eucaristia e Batismo, se houver), aprofundam os mistérios celebrados.

Próximo à solenidade de Pentecostes (preferencialmente) realiza-se a Celebração do Sacramento da Confirmação.

MISTAGOGIA

Depois da recepção do sacramento, os novos discípulos missionários aprofundam os mistérios celebrados. Mistagogia significa: conduzir para dentro do mistério. Tem também o sentido de catequese permanente, pois o cristão nunca está totalmente formado. Continua a vivência na comunidade de fé como discípulo missionário (Vida Cristã Permanente).

CELEBRAÇÕES

As diversas celebrações serão realizadas oportunamente ao longo do processo. Algumas são inspiradas no RICA e outras são propostas para promover a identidade litúrgica dos itinerários. Nesse particular, é preciso considerar o ritmo, a realidade e criatividade da comunidade local.

As celebrações devem ser preparadas pelos catequistas, juntamente com as equipes de liturgia das comunidades, seguindo as indicações dos manuais que fazem parte do Itinerário de Iniciação da Diocese.

ITINERÁRIO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DE ADOLESCENTES E JOVENS

PREPARAÇÃO - (Duração mínima - 1 mês).

Convidar os adolescentes /jovens para o itinerário de IVC. Envolvimento da comunidade eclesial.

Divulgação do processo da IVC (Comunidade eclesial, escolas, centros culturais, esportivos, redes sociais etc.).

Conscientizar as famílias para o apoio e o acompanhamento dos adolescentes / jovens.

FESTA DAS INSCRIÇÕES

PRIMEIRO TEMPO- PRÉ-CATECUMENATO-TEMPO QUERIGMÁTICO

(Duração mínima de 3 meses)

Fazer a experiência do encontro com a pessoa e missão de Jesus Cristo

EIXOS TEMÁTICOS:

Encontro 1 - Jesus, jovem de Nazaré, comprometido com seu tempo, anuncia o Reino de Deus (Mt 1, 35-39)

Encontro 2 - Jesus, amigo (Jo 15,12-17).

Encontro 3 - Jesus, "herói" libertador (Mc 6,53-56).

Encontro 4 - Jesus, "caminho, verdade e vida" (Jo 14,1-7).

Encontro 5 - Jesus salva com sua morte e ressurreição (At. 3, 12-19)

Encontro 6 - Jesus convida ao seguimento - projeto de vida pessoal e comunitário (Mc. 1,16-20; 2,13-14; 3,13-19).

CELEBRAÇÃO DE ENTRADA PARA O TEMPO DE CATEQUESE

Acolher, na comunidade, os adolescentes/jovens para o aprofundamento da fé.

Reunião fora da Igreja-templo.

Diálogo com a comunidade e adolescentes /jovens. Ingresso na Igreja-templo.

Proclamação da Palavra.

Recepção da cruz.

SEGUNDO TEMPO-CATECUMENATO TEMPO DE APROFUNDAMENTO

(Duração mínima - 12 meses)

PRIMEIRA FASE- A Palavra de Deus

Proporcionar uma compreensão da Palavra de Deus em vista do amadurecimento da fé.

EIXOS TEMÁTICOS:

Encontro 1 – Visão geral da Sagrada Escritura

Encontro 2 – A Leitura Orante da Bíblia adaptada a adolescentes /jovens.

CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Acolher o dom da revelação de deus presente na sagrada Escritura como luz e caminho.

Entrada solene da sagrada escritura.

Proclamação da palavra Entrega da Bíblia aos adolescentes/jovens.

SEGUNDA FASE - Pessoa Humana

Conduzir ao autoconhecimento e busca de identificação como pessoa, a partir da fé cristã, numa sociedade desafiadora.

EIXOS TEMÁTICOS:

Encontro 1. Quem sou eu?

Encontro 2. Eu e minha história (vocação para vida)

Encontro 3. Eu e minha relação com Deus.

Encontro 4. Eu e minha relação com os outros.

Encontro 5. Eu e minha relação com o ambiente (físico, cultural, geográfico etc.)

Encontro 6. A sexualidade.

CELEBRAÇÃO DA VIDA

Valorizar o dom da vida que se manifesta nas variadas relações humanizantes (uso de símbolos que remetem à vida - dramatização). Fatos da vida, personagens históricos atuais. Proclamação da Palavra. Oração de agradecimento.

TERCEIRA FASE - Jesus, o Cristo.

Aprofundar sobre a encarnação, vida, Paixão, Morte, Ressureição e permanência de Jesus Cristo, mediante a ação do Espírito.

EIXOS TEMÁTICOS:

Encontro 1. Jesus, a Palavra encarnada do Pai (Jo 1, 1-14)

Encontro 2. Jesus Cristo e o reinado de Deus - estilo de vida e ensinamentos (Mt 5-7)

Encontro 3. Jesus, o Crucificado (Mc 14-15)

Encontro 4. Jesus, o Ressuscitado-Glorificado (Lc 24, 36-53)

Encontro 5. Jesus Cristo permanece no meio de nós através do espírito Santo (Jo. 16,5-15)

Encontro 6. O Espírito nos impulsiona a seguir o Filho para a construção de uma vida melhor (1Cor 2,10-16).

JORNADA DO DISCIPULADO

Comprometer-se com a Boa-Nova de Jesus Cristo.

Dia de Espiritualidade/Retiro.

Festa do discipulado.

Celebração de entrega do mandamento do Amor (Jo13,34-35).

Oração sobre os adolescentes/jovens.

QUARTA FASE-Avida de oração.

Apresentar a comunhão orante de Jesus Cristo com o Pai, no Espírito, como fonte de nossa vida cristã.

EIXOS TEMÁTICOS:

Encontro 1. Jesus, movido pelo Espírito Santo, ora e ensina a orar (Lc 10,21-22).

Encontro 2. Aprofundamento da oração do Pai-Nosso (Lc 11, 1-4).

Encontro 3. Vida de oração pessoal e comunitária.

Encontro 4. Experiências de oração a partir da Bíblia (leitura orante da palavra de Deus, ofício divino, adoração eucarística, vigília de oração, caminhadas /romarias etc).

Encontro 5. Eu e minha relação com o ambiente (físico, cultural, geográfico etc.).

JORNADA DE ORAÇÃO A PARTIR DO PAI-NOSSO

Acolher e viver a relação filial com Deus e a fraternidade com todos os irmãos e irmãs, como modelo da vida cristã.

Revisão de vida sobre a importância da Oração do Senhor. Meditação parte por parte da Oração do senhor.

Celebração a partir da oração do Senhor.

QUINTA FASE - Comunidade de fé, Esperança e Caridade.

Aprofundar a pertença à igreja como povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo, mediante a profissão madura da fé e sua vivência na comunidade.

EIXOS TEMÁTICOS:

Encontro 1. A experiência de Pentecostes (At 2, 1-12).

Encontro 2. A formação das primeiras comunidades (Mt. 1, 1-17; Lc. 3,23-38).

Encontro 3. As raízes do Novo Povo de Deus: Patriarcas, Moisés, Juízes, Reis e profetas (Gn 12, 1-9; Gn 21; Ex 2, 23-25; 3, 1-22; Ex 6, 2-8; Ex. 19, 1-9

Encontro 4. O Povo em Jesus Cristo (Rm. 11 ,25-32).

Encontro 5. Creio: nossa fé professada: as três Pessoas divinas.

Encontro 6. Creio- nossa fé professada: a Igreja.

Encontro 7. Creio - nossa fé professada: as realidades futuras.

Encontro 8. Igreja: escola de comunhão e casa da iniciação.

Encontro 9. Maria, jovem comprometida com o projeto de Deus (Lc 1-2; Jo 2, 12.19,25-27).

Encontro 10. Dons e serviços na Igreja e no mundo (apresentação das pastorais e serviços eclesiais) (1 Cor 12, 1-11).

CELEBRAÇÃO DE ENTREGA DO SÍMBOLO DA FÉ

Acolher a fé da Igreja como sua.

Proclamação da Palavra.

Profissão do Símbolo da Fé (Creio) diante da comunidade.

Oração sobre os adolescentes/jovens.

SEXTA FASE - Vida Sacramental.

Aprofundar a importância da experiência salvífico-sacramental na vida cristã.

EIXOS TEMÁTICOS:

Encontro 1. Jesus, Sacramento do encontro com o Pai (Jo. 14,8-11).

Encontro 2. A Igreja, sacramento de encontro com Cristo (At. 3, 1-10).

Encontro 3. O Batismo.

Encontro 4. A Crisma/Confirmação.

Encontro 5. A Eucaristia (Mc 14,22-25).

Encontro 6. Os Sacramentos de serviço: Matrimônio e Ordem.

Encontro 7. Os Sacramentos de cura: Reconciliação e Unção.

Encontro 8. Vivência e compromisso cristão que deriva da experiência sacramental.

TERCEIRO TEMPO - ILUMINAÇÃO E PURIFICAÇÃO – JORNADA DA ELEIÇÃO

(Primeiro Domingo da Quaresma)

Aprofundar o dom da missão pelo Espírito de Deus. Retiro sobre a missão da Samaritana e do Cego de nascença. Proclamação da Palavra. Testemunho pessoal do adolescente/jovem. Oração de admissão ao(s) sacramento(s).

CELEBRAÇÃO DO TRIDUO PASCAL

Celebrar o Mistério Pascal, acolhendo-o e assumindo-o na própria vida.

Celebração da Ceia do Senhor. Celebração da Paixão do Senhor.

Celebração da Vigília Pascal (celebração do Batismo e eucaristia quando houver).

QUARTO TEMPO - MISTAGOGIA

(Durante o Tempo Pascal)

Experenciar os mistérios celebrados e vivê-los como comunidade cristã que partilha os dons do pão e vinho.

EIXOS TEMÁTICOS:

Sentido das festas pascais celebradas. Participação nas celebrações comunitárias. Leitura Orante da Palavra de Deus.

Partilha da vida.

CELEBRAÇÃO DO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO/CRISMA

CELEBRAÇÃO DE ENVIO MISSIONÁRIO

(Conclusão do itinerário)

(Domingo de Pentecoste)

Proclamação da Palavra

Entrega de um símbolo (sal, semente etc.)

Oração de envio

Inserção pastoral e nos serviços comunitários

Integração em um grupo de reflexão, pastoral, comunitário etc.

Leitura Orante da palavra como prática permanente de amadurecimento da fé.

ITINERÁRIO CATEQUÉTICO BATISMAL COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL

BATISMO INFANTIL

O Batismo das crianças é uma excelente oportunidade para uma experiência inspiração catecumenal. Mais do que um “curso para pais e padrinhos”, de efeitos muito limitados, é ocasião para um acompanhamento personalizado da família.

Devido a importância do Sacramento do Batismo como porta para os outros

Sacramentos, sua preparação requer atenção especial. Em se tratando de batismo de criança, devem se preparar, aqueles que pedem o batismo (pais, responsável legal e padrinhos).

Essa Preparação e acompanhamento visa renovar a fé da família e integrá-la a comunidade. Outro elemento importante é a apresentação da criança à comunidade, antes da celebração do sacramento. Trata-se no despertar na comunidade a alegria de acolher novos filhos. Recomenda-se, ademais, o Batismo de Crianças, em etapas.

FESTA DAS INSCRIÇÕES PARA O PROCESSO CATEQUÉTICO BATISMAL

A inscrição para preparação do batismo da criança seja feita na comunidade onde seus

pais participam. dar importância à inscrição para que não se reduza a um ato meramente burocrático. combinar o dia e a hora da visita à família ou responsável que pedem o batismo.

1º TEMPO: VISITA ÀS FAMÍLIAS

A equipe do Batismo fará visita à família do batizando para conhecer sua realidade e, ao mesmo tempo, acolhê-la mais afetuosamente.

Esta visita vai acontecer a partir do momento em que a família fizer a inscrição para o batismo. Pontuar quais as motivações que a família tem para pedir o batismo, para, oportunamente, refletir sobre elas.

Buscar eventual ajuda com as demais dimensões da catequese e de outras pastorais (pastoral familiar, equipe de caridade, dízimo etc.) para desenvolvimento do processo catequético. A caridade na compreensão de cada caso específico, acolhendo sempre a todos como fez Jesus é o objetivo primordial desse tempo.

É importante que nesta visita estejam presentes os pais, padrinhos e outros familiares. Por isso, o dia e horário da visita devem ser combinados de acordo com a realidade de cada família e a disponibilidade da equipe.

Concluída esta etapa iniciam-se os encontros propriamente ditos de preparação para o batismo. Os casos especiais serão acompanhados e encaminhados para outros momentos.

2º TEMPO – ENCONTRO FORMATIVO

O Encontro de preparação para o batismo será realizado nas dependências da comunidade ou na casa da família com todos os que procuram o batismo para seus filhos e afilhados. O Encontro tem como objetivo principal o aprofundamento da fé, integração e engajamento das famílias na vida da comunidade eclesial. No encontro deve-se levar em conta as seguintes dimensões do Sacramento do Batismo: dimensão da realidade nova na pessoa do batizado, dimensão do relacionamento pessoal com Deus e dimensão comunitária e missionária. Entre os temas a serem trabalhados, devem constar também: Encontro pessoal com o Senhor, padrinhos chamados a serem luz, as Orientações Pastorais da Diocese de Oeiras, a reflexão sobre o dízimo como sinal de corresponsabilidade para com a vida da Igreja (Subsídio da Diocese).

A equipe realizará pelo menos 06 (seis) encontros feitos na comunidade ou família. Sendo dois encontros a cada mês. Essa preparação terá como base o Subsídio da Diocese e tem como objetivo o amadurecimento dos pais e padrinhos quanto ao compromisso que assumem em desenvolver, a criança, a fé recebida como dom do Espírito Santo.

3º TEMPO – APRESENTAÇÃO DAS CRIANÇAS A SEREM BATIZADAS

A alegria do batismo não se restringe apenas ao âmbito familiar. Também é alegria de toda a Igreja. Por isso, numa celebração dominical, seja feita a apresentação solene, à comunidade, das crianças que serão batizadas.

4º TEMPO – CELEBRAÇÃO DO BATISMO

A equipe junto à comunidade preparará com esmero e com a devida antecedência a celebração Batismo que será realizada preferencialmente aos domingos e, se possível, durante a celebração da comunidade, para sublinhar o seu caráter pascal e eclesial.

O lugar próprio para o Batismo é a Igreja (Cf. Cân. 857, &1).

Reencontro com a família dos novos filhos da Igreja.

Após a celebração do batismo, promova, a equipe, um reencontro das famílias dos batizados, se possível, com uma confraternização. Nesta ocasião, aproveite-se para incentivar os pais e padrinhos a assumirem algum serviço na vida comunitária.

COMISSÃO DIOCESANA DE IVC

A Comissão Diocesana de IVC tem uma missão imprescindível no âmbito de Igreja particular. “Ela não é um fato meramente estratégico, voltado para uma mais incisiva eficácia da ação evangelizadora, mas possui uma dimensão teológica de fundo. A ação evangelizadora deve ser bem coordenada por que ela visa à unidade da fé, a qual, por sua vez, sustenta todas as ações da Igreja” (DGC n. 272).

A Comissão é composta pelo Bispo, Coordenador de Pastoral, Coordenação de Catequese, Coordenador da Pastoral Familiar, Casal membro da Pastoral Familiar, Coordenador diocesano de liturgia, Coordenador da Pastoral Presbiteral, Coordenação da Pastoral do Batismo. “Todos, porém, precisam estar bem conscientes da nova abordagem bíblico – teológica, litúrgica, pastoral, metodológica que se pretende desenvolver” (Doc. 107, n.152).

A comissão terá como responsabilidades:

- a) a formação integral e continuada para catequistas, sobretudo através da EMIDE (Escola Missionária Discípulos de Emaús);
- b) acompanhar as coordenações e o desenvolvimento do processo de IVC nas Paróquias e Áreas Pastorais;
- c) proporcionar assessoria às Paróquias e Áreas Pastorais;
- d) ajudar a comunidade diocesana (pastorais, comunidades eclesiais, serviços, movimentos) a se entender como parte do processo de IVC;

- e) acompanhar e avaliar o Projeto de IVC na sua dinamização, favorecendo o seu fortalecimento.

COMISSÃO PAROQUIAL DE IVC

“Cada Paróquia, fiel à organização diocesana e de acordo com a proposta transformadora da Iniciação à Vida Cristã, há de constituir uma Coordenação Paroquial de Iniciação à Vida Cristã, com os encarregados da Preparação do Batismo, Crisma e Eucaristia. A Comissão não poderá ficar restrita ao âmbito da catequese, mas efetivamente abranger o conjunto da comunidade paroquial” (Doc. 107 n. 153)

A Comissão deverá ser formada pelo Pároco ou Administrador paroquial, catequistas, coordenadores de grupos de jovens, pastoral familiar, pastoral litúrgica, pastoral do batismo, pessoas que participem de outras pastorais ou movimentos, seminaristas que ajudam nas comunidades, religiosas, diáconos (se houver).

A comissão terá como missão orientar, animar elaborar planeamento paroquial em comunhão com o pároco (conferir a missão do coordenador no Diretório Nacional de Catequese). A missão da comissão também é garantir uma catequese querigmática, mistagógica e missionária.

A equipe estará atenta ao processo formativo integral dos catequistas, levando em consideração seus diversos níveis: coordenadores de comunidade, catequistas iniciantes e formação continuada para os catequistas.

Trabalhar em profunda comunhão com as orientações da Igreja sobre a Iniciação à Vida Cristã aprofundando suas temáticas a partir do Diretório Geral para Catequese, do Diretório Nacional de Catequese. Doc. 107 Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários e Itinerário Catequético (CNBB).

Estar em sintonia com as coordenações diocesanas, regional e nacional. Participar de atividades promovidas pela diocese e paróquia. Despertar a comunidade para que se motive a realizar o processo de Iniciação à Vida Cristã. Produzir ou indicar os instrumentos necessários ao trabalho pastoral: programas, materiais, meios audiovisuais, dando especial atenção à formação permanente.

Assessorar a organização, articulação, animação, formação e acompanhamento da Iniciação à Vida Cristã em todos os níveis. Convidar pessoas

para assumirem os diversos ministérios da Iniciação à Vida Cristã e proporcionar formação adequada aos mesmos.

Junto ao grupo de catequistas proporcionar que as exigências catequéticas do caminho sejam assumidas e vivenciadas.

CONCLUSÃO

Esse projeto foi elaborado a fim de facilitar a prática de Iniciação à Vida Cristã na Diocese de Oeiras, atendendo ao apelo da Igreja diante de um mundo marcado pela mentalidade urbana. Os itinerários seguem uma lógica processual e gradativa e são luzes para a iniciação cristã dos adultos, jovens, adolescentes e das crianças. Tudo o que foi projetado tem um só objetivo: evangelizar, utilizando a metodologia da Leitura Orante da Palavra de Deus. Portanto, faz-se necessário o esforço não só dos catequistas, mas também de todas as pessoas envolvidas na evangelização: pastorais, grupos e movimentos.

Que o Projeto Diocesano de Iniciação à vida Cristã ajude-nos a repetir sempre: “Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que aconteceu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAP, n.29).

2.1.8. REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUSTOLIN, Leomar A. (Coord.). **Batismo de crianças: formação, orientações e celebrações**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Casa da Iniciação Cristã).

Eucaristia 1: a História da Salvação. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção Casa da Iniciação Cristã).

Eucaristia 2: Jesus Cristo. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção Casa da Iniciação Cristã).

Crisma 1: A fé da Igreja. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Casa da Iniciação Cristã).

Crisma 2: O seguimento de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção Casa da Iniciação Cristã).

Catequese com adultos: Batismo, Crisma, Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Casa da Iniciação Cristã).

CELAM. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2008.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015.** Brasília: Edições CNBB, 2011.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019.** Brasília: Edições CNBB, 2015.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã:** itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese.** Brasília: Edições CNBB, 2006.

CÓDIGO de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. **Itinerário Catequético:** iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2014.

COMPÊNDIO do Vaticano II. **Constituições, Decretos e Declarações.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese.** São Paulo: Paulinas, 2009.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*:** a catequese hoje. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II e promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. Trad. Portuguesa para o Brasil da edição típica. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CATEQUESE DE ADULTOS NA ARQUIDIOCESE DE BELÉM

A Catequese de Adultos, na Diocese de Belém, está contemplada no Projeto diocesano de Iniciação à Vida Cristã. A arquidiocese assume o Itinerário da Iniciação à Vida Cristã com adultos proposto pelo Itinerário Catequético da CNBB – 2015. Nesse sentido, ela oferece um processo de catequese para adultos que têm necessidade de dar um fundamento à sua fé, realizando ou completando a iniciação cristã inaugurada no batismo. Os itinerários seguem uma lógica processual e gradativa e são luzes para a iniciação cristã dos adultos, jovens, adolescentes e das crianças. O projeto visa evangelizar, utilizando a metodologia da Leitura Orante da Palavra de Deus. Portanto, faz-se necessário o esforço não só dos catequistas, mas também de todas as pessoas envolvidas na evangelização: pastorais, grupos e movimentos.

Para melhor compreender a organização desse projeto, faz-se necessária uma breve apresentação da Arquidiocese de Belém.

Breve apresentação da Igreja Local

A **Arquidiocese de Belém do Pará** (*Archidioecesis Belemensis de Pará*) é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. É a sé arqui episcopal metropolitana da Província Eclesiástica sediada na Catedral Metropolitana do município de Belém do Pará, constituída em 1906 por São Pio X, integrada ao Conselho Episcopal Regional Norte II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil³.

Em 1719, a Diocese do Maranhão é desmembrada a pedido de Dom João V, quando Belém passa a sediar a recém-criada Diocese do Pará na então cidade de Santa Maria de Belém do Pará ou Nossa Senhora de Belém do Grão Pará (atual Belém do Pará) - *Dioecesis Belemensis de Para* - ereta canonicamente pelo Papa Clemente XI, por meio da bula *Copiosus in Misericordia*, de 4 de março de 1720, ganhando direito a honras de Sé Episcopal a sua igreja matriz.

A diocese foi elevada à dignidade de arquidiocese e sé metropolitana a 1 de maio de 1906 por São Pio X, com a bula *Sempiternum Humani Generis*, juntamente

³ Cf. Arquidiocese de Belém do Pará – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acessado em 18 de maio de 2023; Arquidiocese de Belém (cnbbn2.com.br). Acessado em 6 de maio de 2023.

com a Diocese de Mariana, precedidas somente pelas de São Salvador da Bahia (1551), e de São Sebastião do Rio de Janeiro (1575).

Hoje, a arquidiocese conta com uma população aproximada de 2301.115 milhões de habitantes, com 82% de católicos. O território da arquidiocese é de 3 566,079 km², organizada em 103 paróquias (e não 80 como está no site). A arquidiocese abrange os seguintes municípios: Ananindeua, Belém, Benevides, Marituba e Santa Bárbara do Pará.

ARQUIDIOCESE DE BELÉM

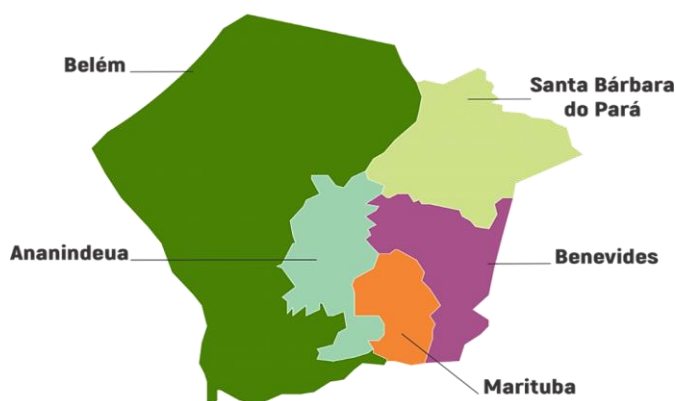


Figura 2 — Mapa Arquidiocese de Belém.

Fonte: Site da Arquidiocese de Belém

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (s.d.).

Na tabela a seguir, referendamos os Bispos e Arcebispos desde a Diocese.

Tabela 1: Bispos e Arcebispos

#	Nome	Período	Notas
Arcebispos			
10º	<u>Alberto Taveira Corrêa</u>	<u>2009-atual</u>	Nomeado no dia <u>30 de dezembro</u> de <u>2009</u> ^[1] .
9º	<u>Orani João Tempesta, O.Cist.</u>	<u>2004-2009</u>	Nomeado arcebispo do <u>Rio de Janeiro</u> .
8º	<u>Vicente Joaquim Zico, C.M.</u>	<u>1990-2004</u>	Renunciou por limite de idade.
7º	<u>Alberto Gaudêncio Ramos</u>	<u>1957-1990</u>	Renunciou por limite de idade.
6º	<u>Mário de Miranda Vilas-Boas</u>	<u>1944-1956</u>	Nomeado <u>Arcebispo-coadjutor</u> de <u>Salvador</u> .

#	Nome	Período	Notas
5º	<u>Jaime de Barros Câmara</u>	<u>1941-1943</u>	Nomeado arcebispo do <u>Rio de Janeiro</u> .
4º	<u>Antônio de Almeida Lustosa, S.D.B.</u>	<u>1931-1941</u>	Nomeado arcebispo de <u>Fortaleza</u> .
3º	<u>João Irineu Joffily</u>	<u>1924-1931</u>	Renunciou.
2º	<u>Santino Maria da Silva Coutinho</u>	<u>1906-1923</u>	Nomeado arcebispo de <u>Maceió</u> .
1º	<u>José Marcondes Homem de Melo</u>	<u>1906</u>	Renunciou
Bispos diocesanos			
13º	<u>Francisco do Rego Maia</u>	<u>1901-1906</u>	Renunciou
12º	<u>Antônio Manoel de Castilho Brandão</u>	<u>1894-1901</u>	Nomeado bispo de <u>Alagoas</u> .
11º	<u>Jerônimo Tomé da Silva</u>	<u>1890-1893</u>	Nomeado arcebispo de <u>Salvador</u> .
10º	<u>Antônio de Macedo Costa</u>	<u>1860-1890</u>	Nomeado arcebispo de <u>Salvador</u> .
9º	<u>José Afonso de Moraes Torres, C.M.</u>	<u>1844-1857</u>	Renunciou.
8º	<u>Romualdo de Sousa Coelho</u>	<u>1820-1841</u>	Faleceu.
7º	<u>Manuel de Almeida de Carvalho</u>	<u>1790-1818</u>	Faleceu.
6º	<u>Caetano Brandão, T.O.R.</u>	<u>1782-1790</u>	Nomeado arcebispo de <u>Braga</u> .
5º	<u>João Evangelista Pereira da Silva, T.O.R.</u>	<u>1771-1782</u>	Faleceu.
4º	<u>João de São José de Queirós da Silveira, O.S.B.</u>	<u>1760-1763</u>	Renunciou por ordem régia.
3º	<u>Miguel de Bulhões e Sousa, O.P.</u>	<u>1748-1760</u>	Foi nomeado bispo de <u>Leiria</u> .
2º	<u>Guilherme de São José Antônio de Aranha</u>	<u>1738-1748</u>	Renunciou.
1º	<u>Bartolomeu do Pilar, O.Carm.</u>	<u>1720-1733</u>	Faleceu.
Bispos auxiliares			
	<u>Paolo Andreolli, S.X.</u>	<u>2023-atual</u>	
	<u>Antônio de Assis Ribeiro, S.D.B.</u>	<u>2017-atual</u>	Bispo auxiliar
	<u>Irineu Roman, CSJ</u>	<u>2013-2019</u>	Nomeado arcebispo de <u>Santarém</u>
	<u>Teodoro Mendes Tavares, C.S.Sp.</u>	<u>2011-2015</u>	Nomeado <u>Bispo-coadjutor</u> de <u>Ponta de Pedras</u>
	<u>Carlos Verzeletti</u>	<u>1996-2004</u>	Nomeado bispo de <u>Castanhal</u> .
	<u>Tadeu Henrique Prost, O.F.M.</u>	<u>1962-1992</u>	Bispo auxiliar. Renunciou por limite de idade.

#	Nome	Período	Notas
	<u>Alano Maria Pena, O.P.</u>	<u>1975-1976</u>	Nomeado Bispo-coadjutor de <u>Marabá</u> .
	<u>Milton Corrêa Pereira</u>	<u>1962-1967</u>	Nomeado bispo de <u>Garanhuns</u> .

A catequese na Arquidiocese de Belém

Dom Alberto Gaudêncio Ramos foi o 7º arcebispo de Belém e único paraense nascido na capital. Participou de todas as sessões do Concílio Vaticano II e o implantou na Arquidiocese. Porém o contexto dos anos 60 e 70 foi extremamente desafiador para a evangelização: o número do clero era menor, os recursos financeiros mais escassos e a mentalidade piramidal da Igreja não favorecia os leigos, deixando-os apenas em serviços mais simples como o das piedosas senhoras que ensinavam catecismo às crianças.

Na Arquidiocese de Belém, como na maioria das dioceses do Brasil e especialmente nas terras de missão, a aplicação das determinações do Concílio foram lentas e graduais, tendo em vista primeiramente a formação do clero que também fazia a experiência da novidade chegada naquele momento.

A catequese era destinada quase que exclusivamente a preparação de crianças e jovens para a primeira comunhão e a crisma o que perdurou até o início deste milênio. Não havia uma atenção específica à formação doutrinal dos adultos.

A recuperação da catequese de adultos

O primeiro escrito objetivo sobre catequese de adultos foi a obra “Catequese com adultos - Iniciação cristã rumo ao batismo, crisma e eucaristia”, do Padre Antônio Mattiuz, em 2010. Com essa obra, dava-se os primeiros passos para um trabalho cada vez mais exigente de evangelização em vista ao processo globalizador que envolve a sociedade e que exige uma resposta congruente da Igreja⁴.

⁴ As informações aqui transcritas foram da gentil colaboração do Cabido Metropolitano de Belém

Este importante gesto teve como objetivo de resgatar a catequese arquidiocesana que durante anos ficou atada nas mãos de quatro senhoras, das quais conservam-se os nomes das mais antigas, Maria de Belém e Regina Célia. Hoje a Arquidiocese utiliza o IVC, buscando a melhora do seu processo catequizador de adultos. E oferece a Escola da Fé em todas as suas paróquias, para ajudar na importantíssima formação dos catequistas. Nesse sentido, enfatiza-se a importância da formação continuada como uma realidade necessária para toda a comunidade. Unindo o dado da fé, urge oferecer itinerários de formação que configurem os membros das comunidades ao fato fundante de sua fé, que no caso da fé cristã, é o Mistério Pascal de Jesus Cristo.

O outro grande desafio da Arquidiocese foi de instituir os conselhos locais (comunidade, paróquia, regiões pastorais e diocese) pela falta de capacitação de membros, bem como, os conselhos pastorais. Tudo isso mostra que a Igreja de Belém, em suas paróquias, está realizando lentamente o estabelecido no Plano de Pastoral aprovado, o qual ao se referir à Igreja da ministerialidade, exorta para que a Igreja Particular, responda qual Igreja Deus espera que ela seja, e se comprometa em buscar um viver segundo o modelo das primeiras comunidades.

A catequese de adultos na paróquia Santo Inácio De Loyola

A problemática evangelizadora dos adultos, no bairro do Icuí, é antiga. A área começou a ser evangelizada no início dos anos 1990, quando ainda pertencia à Paróquia Santa Paula Frassinetti. Depois, foi incorporada à recém-criada paróquia de São Vicente de Paulo, no bairro do Paar. A primeira capela a ser construída na região tem por padroeiro São Marcos evangelista e hoje pertence à Paróquia Santo Inácio de Loyola.

No ano 1990, a missão do Paar foi encomendada pelo 9º arcebispo de Belém, Dom Vicente Zico, aos Padres Redentoristas, liderados pelo padre Benjamim Menegola, único daquela equipe que ainda está vivo e em 2021 voltou maravilhado à paróquia para dilatar as comemorações dos 50 anos de sua ordenação sacerdotal. No ano 1996, a área foi confiada aos Padres Jesuítas, chefiados pelo padre Luciano Ciman. Nesta época um trabalho gigantesco de Evangelização e promoção humana

foi desenvolvido e deu-se início à construção da futura matriz do Icuí, que ainda hoje é uma das arquiteturas sacras mais belas da Arquidiocese. Em 2005, os jesuítas passaram o bastão aos Missionários da Diocese de Turim, na Itália, que chegavam como *fidei donum*. Em 2006 foi elevada a condição de paróquia e em 2013 começou a saga dos padres diocesanos na sua ação pastoral.

O trabalho catequético na paróquia foi intenso, mais custoso. Naturalmente, era um trabalho de preparação sacramental de crianças e jovens. É lógico que diversas iniciativas pastorais foram e são realizadas até hoje, mas nada específico em relação aos adultos. A partir de 2019, o segundo pároco brasileiro trabalha com a catequese de adultos visto que a consequência das Santas Missões Populares deixou em seus corações um “gostinho de quero mais” e isso colaborou bastante para a motivação de uma catequese criativa. Os primeiros esboços de projetos seguem a mentalidade da época que visava preparar os adultos para receberem os sacramentos. Agora iluminados por esta pesquisa a metodologia ganha uma nova direção.

O trabalho evangelizador é árduo, exigente e cansativo. A extensão geográfica da paróquia é grande e o acesso dificultoso. A população tem variedade de formação escolar, tendendo mais para os poucos escolarizados. O que facilita à “doutrinação” pelos manipuladores da religião.

Vejam-se agora os planos catequéticos com os quais se vem trabalhando a catequese dos adultos. Trata-se de uma catequese que tem centralidade o mistério de Cristo evidenciado que Bíblia e Catequese estão conexas. Pelos Planos catequéticos observa-se a necessidade de desenvolver critérios metodológicos, a fim de favorecer o uso da Bíblia na Catequese. Compreende-se que a leitura da Bíblia na catequese precisa ser capaz de aprofundar o sentido da própria vida. E, além disso, nos itinerários de iniciação à vida cristã é primordial que catequistas e catequizandos tenham consciência de que formam comunidade de fé ao redor da Palavra de Deus. Desse modo, compreende-se que o encontro de catequese é também liturgia. E uma vez estabelecida a relação entre Palavra e Liturgia, faz-se necessário refletir sobre o dom da partilha e a capacidade de memória da fé que a comunidade provoca em seus novos membros. Partilha - porque a comunidade cristã aprendeu com seu Mestre e Senhor a dividir o pão. Memória - porque é em nome do Cristo Ressuscitado que a

comunidade se sustenta e encontra razões para manter-se atuante na sociedade em que se vê chamada a testemunhar a Boa-Nova da fé na ressurreição.

Dessa maneira, a paróquia Santo Inácio De Loyola mostrou-se atenta em acolher às Diretrizes da Arquidiocese, na sua dinâmica evangelizadora. Para tanto, após um período de reflexão e escuta, a Comissão aprovou em Assembleia ~~aprove~~ o Plano de Pastoral, que contempla os conteúdos da catequese sistemática.



ARQUIDIOCESE DE BELÉM
PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA
CNPJ 04.814.851/0047-01⁵

I. A Revelação de Deus e a Resposta do Homem

1. Como se conhece a Deus
2. Etapas da revelação divina (Noé, Abraão, Israel. Jesus Cristo)
3. A resposta do homem a Deus (profissão de fé)
4. A fé celebrada na Liturgia

II. A Vida de fé e de Oração na Celebração do Mistério Pascal de Cristo.

1. Conceito de oração
2. A oração no Antigo Testamento
3. Os Mandamentos da Igreja
4. Os Sacramentos
5. Os sacramentos da iniciação cristã
6. Os sacramentos de cura
7. A missão do cristão.

⁵ O pároco da Paróquia atualmente é Edvaldo Amaral que juntamente com sua equipe elaborou o Plano de Pastoral para a Catequese de Adultos.



ARQUIDIOCESE DE BELÉM
PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA

CNPJ 04.814.851/0071-01

**A Revelação de Deus, a Resposta do Homem e a vida de Fé e de Oração
na Celebração do Mistério Pascal de Cristo**

Justificativa: o presente projeto justifica-se pela urgente necessidade de um conhecimento sólido e eficaz a respeito da fé que professamos, celebramos e testemunhamos, para assim vivermos com autenticidade o plano de vida e de salvação que Deus tem para cada um de nós.

Objetivo geral

Conhecer a fé que professamos para celebrar e testemunhar, como discípulos missionários, o amor de Deus pela humanidade.

Objetivos específicos

1. Reconhecer e admirar o mundo criado por Deus
2. Adotar atitudes de respeito e de preservação ao meio ambiente
3. Celebrar o Mistério Pascal de Cristo com maior consciência
4. Envolver a família do catequizando no processo catequético
5. Identificar nas famílias dos catequizandos pessoas que queiram receber os sacramentos
6. Exercitar a Lectio Divina
7. Inserir-se na comunidade

Metodologia

- Exposição teórica
- Cinefórum
- Pesquisas, enquetes

- Seminário
- Visitar ambientes que permitam aos catequizandos um maior contato com a natureza
- Socialização dos conteúdos e trabalhos realizados
- Trabalho em grupo
- Jogos
- Palestras

Material: Caderno, caneta, lápis, bíblia, TV, DVD, papel A4, cartolina etc.

Conteúdos

I. Como se conhece a Deus

1. Vias de acesso ao conhecimento de Deus
2. A aliança de Deus com a humanidade - conceito de aliança
3. Aliança com Noé
4. Aliança com Abraão
5. Constituição de Israel como Povo de Deus
6. Os Mandamentos da Lei de Deus
7. Jesus Cristo, o Salvador da Humanidade
8. A importância de Maria na história da salvação

II. Resposta do Homem a Deus

1. O que é fé?
2. Eu creio em quê?
3. 1º artigo do credo: Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra ...
4. 2º artigo do credo: ...Creio em Jesus Cristo seu único Filho, Nosso Senhor...
5. 3º artigo do credo: ... Foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria...
6. 4º artigo do credo: ... Padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado...

7. 5º artigo do credo: ... Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia...
8. 6º artigo do credo: ... Subiu aos céus e está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso...
9. 7º artigo do credo: ... De onde há de vir a julgar os vivos e os mortos...

III. A Vida de Fé e de Oração na Celebração do Mistério Pascal de Cristo

1. O que é liturgia
2. O que se celebra na liturgia
3. Ritos e gestos litúrgicos
4. O Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo (Eucaristia)
5. Introdução aos sacramentos
6. Os sacramentos da iniciação cristã
7. Os sacramentos de cura
8. Conceito de oração
9. As orações do cristão
10. Os Mandamentos da Igreja
11. A missão do cristão.

Fonte:

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015**. Brasília: Edições CNBB, 2011.



ARQUIDIOCESE DE BELÉM
PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA

CNPJ 04.814.851/0047-01

PLANEJAMENTO DE CATEQUESE CRISMAL

TEMAS	OBJETIVO	METODOLOGIA	RECURSOS
1. Apresentação dos catequistas e crismandos • Apresentação do projeto	• Tornar conhecido o projeto • Conhecer o grupo de crismandos • Apresentar os documentos que serão utilizados durante os encontros	• Dinâmicas de entrosamento • Cantos	• Cópia do Projeto • Documentos da Igreja
2. Art. 1º: Creio em Deus pai Todo-poderoso, criado do céu e da terra.	• Aprofundar a certeza de que Deus é um Pai poderoso que cria e recria constantemente a pessoa humana	• Canto • Leitura, reflexão e discussão do texto bíblico • Diálogo	• Bíblia • Compêndio
3. Art. 2º: Creio em Jesus Cristo seu único Filho, Nosso Senhor	• Entender que, ao rezarmos este artigo, estamos proclamando o senhorio de Jesus Cristo sobre nós.	• Canto • Leitura, reflexão e discussão do texto bíblico • Diálogo	• Bíblia • Compêndio
4. Art. 3º: Foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nas céu da Virgem Maria	• Agradecer a grandiosidade do amor de Deus no mistério da encarnação e reconhecer a importância do Sim de Maria neste Mistério	• Canto • Leitura, reflexão e discussão do texto bíblico • Diálogo	• Bíblia • Compêndio • CIC
5. Art. 4º: Padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado	• Contemplar e experienciar a iniciativa do amor salvador de Deus para conosco por meio do seu Filho	• Canto • Lectio divina	• Ambiente com Bíblia, cruz, velas, imagem de Nossa Senhora
6. Art. 5º: Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia.	• Aprofundar a certeza de que Jesus morreu realmente, mas ressuscitou ao terceiro dia.	• Canto • Leitura, reflexão e discussão do texto bíblico Jo 20, 1-18. • Pesquisa bíblica sobre a ressurreição.	• CIC • Bíblia • Compêndio do CIC
7. Art. 6º: Subiu aos céus e está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso.	• Compreender que a Ascensão de Cristo é a entrada definitiva de Jesus na glória, honra e domínio de Deus.	• Canto • Leitura e discussão do texto bíblico Mc 16,19-20.	• CIC • Bíblia • Compêndio do CIC

TEMAS	OBJETIVO	METODOLOGIA	RECURSOS
8. Art. 7º: De onde há de vir a julgar os vivos e os mortos	• Conhecer o significado da segunda vinda de Jesus Cristo e o julgamento final	• Palestra	• A combinar com o palestrante.
9. Art. 8º: Creio no Espírito Santo	• Reconhecer a ação permanente e salvífica do Espírito Santo na Igreja, na vida pessoal e social.	• Canto • Pesquisa bíblica sobre a ação do Espírito Santo desde a criação até o Atos dos Apóstolos	• CIC • Compêndio • Bíblia
10. Art. 9º: Creio na Santa Igreja Católica	• Tomar consciência de que acreditar na Igreja Católica é assumir a realidade de ser povo de Deus e Corpo místico de Cristo no mundo.	• Canto • Leitura e reflexão do texto bíblico 1Cor. 12, 12-29. • Trabalho em grupo • Sugestão: Ler Lumen Gentium (sobre a Igreja)	• CIC • Compêndio do CIC • Bíblia • Compêndio do Concílio Vaticano II
11. Art. 10º: Creio na remissão dos pecados	• Tomar consciência da importância e da necessidade do sacramento da penitência	• Celebração penitencial ou • <i>Lectio divina</i> sobre o perdão.	• Ambiente com bíblia, flores, imagem ou quadro do Coração de Jesus.
12. Art. 11º: Creio na ressurreição da carne	• Acreditar na verdadeira ressurreição desta carne (corpo) que possuímos agora. <i>O católico acredita na ressurreição e não na reencarnação.</i>	• Canto • Leitura e discussão do texto bíblico: 1 Cor. 15, 51-58.	• Bíblia • CIC • Compêndio
13. Art. 12º: Creio na vida eterna. Amém!	• Acreditar que a vida humana não termina com a morte, mas tem sua continuação em Deus. Porém já é neste mundo que a iniciamos.	• Canto • Leitura e discussão do texto bíblico: Mt 25, 31-46. • Trabalho em grupo	• Bíblia • CIC • Compêndio

Pároco: _____

Catequista: _____

Os temas propostos para o Plano de Pastoral e os novos itinerários para a educação da fé explicitados nos planos catequéticos acima contribuem de maneira incisiva para a conversão da mente e das atitudes em vista de uma catequese de inspiração catecumenal. Destacam-se temas inerente à Revelação de Deus, à Resposta do Homem e à vida de fé e de oração na celebração do mistério Pascal de Cristo, ou seja, no centro da proposta catequética está o anúncio de Jesus Cristo, o querigma e os temas presentes no Catecismo da Igreja Católica, especificamente o Credo.

Assim, a inspiração catecumenal caracteriza-se pela íntima conexão entre o conteúdo e o culto da fé. Para a Paróquia Santo Inácio de Loyola, da Arquidiocese de Belém, educar e celebrar a fé são referências inseparáveis da iniciação cristã. Essa convicção é reforçada também pelo Diretório Nacional de Catequese a qual afirma que:

A catequese como educação da fé e a liturgia como celebração da fé são duas funções da única missão evangelizadora e pastoral da Igreja. A liturgia, com seu conjunto de sinais, palavras e ritos, em seus diversos significados, requer da catequese uma iniciação gradativa e perseverante para ser compreendida e vivenciada. [...] Os sinais litúrgicos são ao mesmo tempo anúncio, lembrança, promessa, pedido e realização, mas só por meio da palavra evangelizadora e catequética esses seus significados tornam-se claros (DNC, 2006, 120).

Dessa forma, o espaço litúrgico-catequético preza pela centralidade da Palavra de Deus, para fazer referência à escuta, contemplação e prontidão em relação a Deus que se comunica e dialoga conosco. A Bíblia, “livro de catequese por excelência” (CR, 1983, 154), é a fonte de onde todo catequista recolhe a história da salvação e transmite aos interlocutores por meio da exposição, da meditação e da celebração.

A inspiração catecumenal da catequese implica na revisão dos espaços onde acontece a catequese sistemática. O itinerário, assim, não é compreendido apenas como o livro didático, mas o processo em si, que contempla as experiências com os símbolos, sinais e elementos da natureza. O Diretório Nacional de Catequese exorta que “é tarefa fundamental da catequese iniciar eficazmente os catecúmenos e catequizandos nos sinais litúrgicos e através deles introduzi-los no mistério pascal” (DNC, 2006, 120). A centralidade da Palavra de Deus na catequese é motivo para

evidenciar o conteúdo primeiro e que dá sentido a todos os outros conteúdos da fé cristã: o querigma, núcleo da fé cristã.

O Documento de Aparecida registrou a urgência de recuperar o querigma na formação dos fiéis e ensina que “o querigma não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo” (DAP, 2007, 278a). Na liturgia, essa mesma história é contada e celebrada, para manter a memória de Deus que busca e encontra a humanidade e quer conduzi-la de volta a si.

Do mesmo modo, o Documento de Aparecida explica a função e necessidade do querigma na educação da fé quando afirma que sem a referência dele “os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade, sem corações convertidos ao Senhor” (DAP. n 278a). Assim, o aprofundamento dos conteúdos da fé cristã, conhecidos como o depósito da fé da doutrina, só ganham sentido quando lidos e explicitados em referência ao mistério pascal de Jesus Cristo. Por conseguinte, a catequese querigmática é a postura renovada de dar significado novo e sempre vivo ao depósito da fé que encontramos sistematizados no Catecismo da Igreja Católica. A restauração da inspiração catecumenal solicitada pelo Concílio Vaticano II ainda está sendo efetivada aos poucos.

Mas já é possível admitir que a catequese é uma etapa no período de iniciação cristã, bem como de toda a evangelização, estando sempre a serviço de uma postura maior que marca a experiência de fé e a vida de cada pessoa. Enfatiza-se a importância da formação continuada para toda a comunidade, a fim de que esta esteja preparada para o acolhimento dos novos batizados. Essa formação se dá por meio de uma experiência mistagógica e de uma vivência da fé na comunidade.

Urge, portanto, na Paróquia Santo Inácio de Loyola, oferecer itinerários de formação que configurem os membros das comunidades ao fato fundante de sua fé, que no caso da fé cristã, é o Mistério Pascal de Jesus Cristo. As três edições de Diretórios de Catequese da Igreja universal insistem na oferta de uma formação que saiba integrar a experiência dos agentes envolvidos com o dado da Revelação divina, pois é dessa que surge a possibilidade de adesão ao mistério da fé. Isto posto, o processo de Iniciação à Vida Cristã, realizado por tempos e etapas, implica o envolvimento constante da comunidade em favor dos iniciados. Destaca-se a

importância da comunidade no acompanhamento e na inserção aos mistérios de Cristo e da Igreja, mediante ritos e cultos, de modo especial as celebrações eucarísticas.

É nesse contexto que se insere a exigência de propor um querigma de forma continuada e permanente. “Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor e sem existir a primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho da evangelização” (EG 110). E, assim, não há catequese se no centro dela não estiver “a Pessoa de Jesus de Nazaré, Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade, que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive conosco para sempre” (CT 5). O Objetivo primordial da catequese é o Mistério de Cristo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tinha-se por objetivo analisar o processo de educação na fé como formação humana-cristã e social, tendo como base os documentos do Concílio Vaticano II, do Magistério pós-conciliar e da CNBB e a experiência de formação de Catequese de Adultos na Paróquia Santo Inácio de Loyola.

Concluiu-se que a Igreja, em sua função de Mãe e Mestra, está sempre atenta às situações existenciais dos homens e enriquece-os continuamente pelo empenho de conservar-lhes a dignidade humana. Como observadora atenta da vida, dos dramas, da esperança, das lutas, dos sofrimentos, frustrações e desejo de ser feliz, é consciente de que Cristo crucificado e ressuscitado é a única resposta para o ser humano ter uma existência autêntica. Atenta a esta condição substancial, a Igreja mostra seu serviço buscando em todo momento vivenciar a Palavra e reconduzir os homens a Deus. Os movimentos pré-conciliares já expressavam esse anseio a partir da realidade vivenciada nas missões *ad gentes*, no desafio da inculturação e na necessidade de uma aproximação mais efetiva ao mistério do ser humano.

Os documentos do Concílio Vaticano II confirmam essa percepção e apontam sugestões para uma atividade concreta da ação evangelizadora que passa da consideração dos não cristãos a todo os destinatários da Palavra de Deus. Objetivamente o Concílio, com uma visão retroativa à própria origem do cristianismo, concentrou seu foco na *pessoa adulta*. Surge deste modo uma preocupação para reiniciar este adulto num processo psicopedagógico que permita-lhe conhecer, experimentar e professar a fé no Deus que ao fazer-se homem uniu definitivamente a situação humana à sua realidade divina num profundo mistério de solidariedade.

O conhecimento do Deus verdadeiro traz ao homem, conseqüentemente, o conhecimento sobre si mesmo e sobre os seus semelhantes. E a proposta apresentada outra coisa não é que a felicidade almejada que ressignifica a vida e renova suas motivações existenciais. O Concílio percebeu já naquele contexto a necessidade de voltar-se para o homem como sendo o caminho da Igreja, da mesma forma como Cristo é o caminho do homem.

O catecumenato, que inicialmente era destinado aos não convertidos, foi visto como um processo válido para o recomeço de uma experiência frutuosa para o

homem pós-moderno. Ademais do seu dinamismo interno, ele foi enriquecido pela parceria das ciências humanas, destacando a psicologia e a pedagogia, bem como pelos variados recursos técnico-científicos para a comunicação social que permitem não só conhecer mais profundamente o ser humano, como encontrar a maneira adequada de relacionar-se e comunicar-se com ele.

Desde modo, mesmo não havendo gerado nenhum documento explícito sobre a catequese, o Concílio enriqueceu-a com seu espírito renovado e tornou-a mais consistente para o processo de educação da fé eclesial. Isso trouxe o conteúdo que faltava para que as reflexões catequéticas pudessem soltar a criatividade para elaborar as melhores propostas para a formação na fé e da vida dos filhos de Deus.

Chama a atenção que o olhar do Vaticano II voltou-se para os adultos que, na prática, são os que detêm a capacidade de decisão e de influência nas responsabilidades gerais do cotidiano. Uma sólida formação na fé os faz efetivamente solidários e comprometidos com o bem comum, da mesma forma que com o anúncio do Evangelho. A ausência dessa formação não só os afasta do conhecimento daquela verdade que lhes garante a plena realização, como pode ser causa de uma maior desventura social.

O Concílio, portanto, mostra que é urgente uma incisiva evangelização do mundo adulto. Assim passa-se das missões à Missão, ou seja, a missão de Deus é a missão da Igreja: salvar a todos os homens. Já o pós-concílio plenifica essa riqueza catequética desenvolvendo criativas metodologias que permitem à catequese um alcance mais extenso: passa da simples preparação para a recepção dos sacramentos da eucaristia e da confirmação, geralmente para crianças e jovens, para um movimento de maior conscientização da identidade cristã e sua consequência ativa na maneira de existir e ser dos cristãos.

A catequese começa a ser assumida não como uma tarefa simplesmente informativa, mas performativa. É fundamental que o discípulo de Cristo tenha consciência da doutrina que professa e como esta tem uma repercussão imediata em todas as dimensões da sua vida. A catequese não é simplesmente uma informação religiosa, mas o conhecimento de uma maneira de ser e agir no mundo.

É maravilhoso notar que a importância da catequese liga-se ao próprio princípio evangelizador, uma vez que esta prolonga a transmissão e facilita o entendimento dos

mistérios que esclarece. O Magistério, portanto, deixa claro sua lucidez em relação aos desafios atuais para a evangelização e testemunha que está atento “ao que o Espírito diz à Igreja”. Por isso, propõem-se diretrizes que, com as devidas adaptações, oferecem sugestões metodológicas que ajudam nesta performance do adulto, especialmente, para converter-se em um cristão de fato: conhecendo, participando e servindo à obra de Deus em sua comunidade.

O testemunho de tudo isso vem por tantos documentos, estudo e literatura voltada à catequese de adultos, que, desde 2001, vem ganhando o destaque que merece na CNBB. Porém, é na vida da Paróquia que toda essa riqueza teórica toma corpo e acontece ou não acontece. A Paróquia é o espaço oportuno para que as reflexões, as propostas e as respostas sejam devidamente apresentadas e trabalhadas para o crescimento do corpo místico. Ela é o lugar do encontro e da realidade existencial de tantos filhos de Deus que chegaram à idade adulta, em muitos casos sem conhecer o Pai.

Essa experiência longe de fazer-nos desistir por mostrar a fragilidade de um ser humano que na agonia de sua busca pela felicidade, a procura no álcool, na droga, no sexo desenfreado, no acúmulo de coisas materiais, na vaidade ou em propostas de uma realização espiritual fundamentada nas coisas temporais; muito mais anima-nos a querer trabalhar por sua formação humana e cristã.

A Paróquia Santo Inácio de Loyola é testemunha ocular dessa grandeza e dessa pequenez. Diversas são as situações que incidem sobre o adulto de hoje e nos impõem como Igreja a uma atitude de misericórdia e compreensão. Não podemos simplesmente taxar alguém de irresponsável, descomprometido ou algo semelhante sem antes conhecer sua vida e contexto, sua história pessoal e familiar, suas esperanças e frustrações. Milhares de pessoas passam diariamente por nossas paróquias como aqueles que no areópago de Atenas buscavam ao deus desconhecido (At 17, 22-23).

Esta Paróquia dá o testemunho de pessoas que querem fazer uma verdadeira experiência espiritual, querem ouvir a Palavra de Deus, querem rezar, experimentar a fraternidade cristã, em suma querem conhecer Jesus. O povo do bairro do Icuí, como de toda a realidade amazônica, é marcado por uma crônica deficiência evangelizadora que, pouco a pouco, mesmo que sutilmente, está sendo superada.

O desafio pastoral é gigantesco, visto que as distâncias, os recursos humanos e materiais, a comunicação é precária. Quem vive na comodidade de lugares mais abastecidos e só conhece de passo os rincões da Amazônia, não faz ideia do heroísmo dos evangelizadores que se sacrificam nestas plagas pela Palavra de Deus. Isso também permite ver que gestos concretos de fraternidade intereclesial, como o oferecimento da capacitação acadêmica do clero ou intercâmbios pastorais, enriquece profundamente a Igreja na Amazônia, mesmo diante dos árduos sacrifícios que se tenham que fazer para honrar tais compromissos. Tudo isso é manifestação do amor a Deus e à sua Igreja na Amazônia, que na prática, não atrai missionários do próprio Brasil por sua pobreza e desafios estruturais. Como declaram os próprios Bispos do regional Norte 2 da CNBB (Pará e Amapá).

A evangelização na Paróquia Santo Inácio é um desafio cristão, social e humano. Mas a convicção de que na Palavra de Deus está a solução para superar os obstáculos que nos afligem, anima-nos a seguir adianta sabendo que tudo podemos naquele que nos fortalece (Fl 4, 13).

Os projetos pastorais na Amazônia levam um tempo maior para concretizarem-se porque a, já mencionada, carência de recursos humanos e materiais, impossibilitam as adequadas capacitações. Porém, com alegria, reconhece-se o advento de uma esperançosa primavera evangelizadora que protagonizada pelos leigos traz a esperança de dias melhores. A lucidez das reflexões colocadas neste trabalho já produziu frutos de colaboração pastoral, uma vez que ao comentar e intercambiar opiniões com os Senhores Bispos e os Padres da região episcopal sobre seu objeto, trouxe alento para um olhar mais detido a esse indispensável desafio evangelizador já manifestado pelo Vaticano II.

Por outro lado, não podemos deixar-nos tomar por uma certa frustração ao ter diante dos olhos aqui na Amazônia “que a missão do Redentor, confiada à Igreja ainda está longe do seu pleno cumprimento” (RM 1). Devemos continuamente limpar os olhos com o colírio da esperança, e alimentados pela Eucaristia, deixar-nos iluminar pelo Espírito Santo para encontrar caminhos alternativos para formação catequética de nossos adultos.

A Região Episcopal São Vicente de Paulo, a qual pertence a Paróquia Santo Inácio de Loyola, empenha-se para a consumação deste objetivo com as *escolas da*

fé, que são formações fundamentadas no Catecismo da Igreja Católica, para um processo de ensino-aprendizado mais robusto e que dê aos adultos uma resposta coesa e definitiva sobre aquilo que a Igreja crê, vive e ensina.

A vida de Igreja e uma Igreja da Vida são essenciais para despertar no Povo de Deus o desejo das coisas do alto. Por isso, deve-se trabalhar ainda mais a liturgia fazendo celebrações belas e utilizando a riqueza do simbolismo para expressar o mistério celebrado. Da mesma forma que ser acolhedor, atencioso, humilde e orante para acolher os irmãos como autênticos dons de Deus para a vida da comunidade eclesial. Deve-se viver profundamente a caridade com gestos de perdão, partilha e solidariedade, procurando compreender o próximo em suas situações. Deve-se rezar muito para que a consciência de se estar na presença de Deus continuamente anime a todos a buscar Jesus Cristo em todo momento.

Quanto ao perfil dos catequistas de adultos, deve-se prosseguir o aperfeiçoamento de sua capacitação para que sejam cada vez mais compreensíveis, acolhedores e testemunhem a fé que ensinam aos seus interlocutores para que cresçam cada vez mais na espiritualidade sacramental e na prática da caridade com todas as pessoas para assim entenderem melhor os homens e seus problemas.

No campo da metodologia, como esta tem um dinamismo próprio, a Paróquia deve continuamente atentar-se para os métodos atualizados de ensino como as metodologias ativas que fazem uso de problematizações e estimulam os indivíduos a buscarem soluções concretas em seus contextos.

Sobre o percurso catequético para os adultos podemos dizer que é fundamental que a catequese tenha um caráter permanente de mistagogia superando o nível da simples ou mera preparação para a recepção dos sacramentos. A paróquia não quer simplesmente “sacramentalizar” os adultos, mas fazê-los entender que são igreja viva que atuam no mundo para transformar sua estrutura por meio da palavra de Deus trabalhando pela justiça e paz; e defendendo a vida e a dignidade humana por amor a Deus e aos irmãos, como Jesus nos ensinou.

Após 4 anos de caminhada paroquial, já podemos ver os avanços do serviço realizado especialmente pelo interesse dos adultos que querem conhecer melhor a Igreja Católica, sua doutrina e participar de sua liturgia, além de desejar colaborar no serviço fraterno manifestando desse modo a dimensão social com a qual a fé

compromete o ser humano. Como porção da Arquidiocese, seguimos na aplicação do ICV, insinuando alguma sugestão para colaborar com esta alentadora missão.

Simultaneamente, a pesquisa trouxe um melhor conhecimento sobre a catequese, especialmente a de adultos, que agora mais que nunca proporcionará uma maior interação entre o ensinamento do Magistério e a leitura da realidade paroquial para desenvolver-lhe uma fé madura e comprometida com aquilo que Deus espera deles como seus filhos. Ademais do imperativo categórico que buscará o equilíbrio metodológico apropriado para se alcançar tão nobre meta.

Em suma, a melhor catequese de adultos é uma vida cristã alegre e agradecida, que busca a santificação na caridade para com o próximo e na oração fervorosa. Assim, os homens verão as nossas boas obras e glorificarão ao Pai que está nos céus (Mt 5, 16). Porque a misericórdia apaga uma multidão de pecados (1Pd 4,8). E nós, sabendo disso, seremos felizes se o praticarmos (Jo 13,17).

REFERÊNCIAS

ALBERICH, E. **A catequese na Igreja de hoje**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1983.

ALMEIDA, A. J. Igrejas particulares na Lumen Gentium. **Revista Vida Pastoral**, 2023. número 236 (pp. 21-29). Disponível em: Igrejas particulares na Lumen Gentium | Vida Pastoral. Acesso em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilio/igrejas-particulares-na-lumen-gentium/>. Acesso em: 6 maio 2023.

AMOROSO, Marta Rosa. Mudança de hábito: Catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos. **Rev. Bas. Ci. Soc.** 13 (37) • Jun 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000200006>. Acesso em: 6 maio 2023.

AMPUERO, J. A., **Una parroquia en misión**. ¡Es la hora de la misión! Los organismos de animación misionera, espacios de comunión. 57 semana española de misionología. Burgos, 12-16 de julio de 2004.

ARIZA, A. El Concilio Vaticano II y el Catecismo de la Iglesia Católica (El Catecismo del Concilio). Disponível em Artículos de Adolfo Ariza sobre el Catecismo | Diócesis de Córdoba (diocesisdecordoba.es). Acesso em: 22 maio 2022.

ARQUIDIOCESE DE BELÉM. **Plano arquidiocesano de pastoral 2023-2025**. Belém: Gráfica Sagrada Família, 2023.

BALTHASAR, H. U. **Teológica: El Espíritu de la Verdad**. Vol.: III. Trad. de José Pedro Tosa. Madrid: Encuentro, 1998.

BENTO XVI. Carta apostólica sob a forma de motu próprio **Porta Fidei**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa**. Da infância à terceira idade. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2003.

BRIANCESCO, E. **En torno a la “Evangelii nuntiandi”**. Apuntes para una teología de la evangelización. Teología [en línea], 30 (1977). Universidad Católica Argentina. Facultad de Teología. Disponible en: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/7519>. Acesso em: 16 abr. 2022.

BRIONES GÓMEZ, R. **El Sínodo de Obispos sobre la Catequesis**. Disponível em Proyección: Teología y Mundo Actual, ISSN 0478-6378, Nº 110, 1978, Págs. 219-227. Acesso em: 16 abr. 2022.

CALANDRO, E.; SILES LEDO, J. **Psicopedagogia catequética**. Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades. 3º volume – Adultos. São Paulo: Paulus, 2011.

CALVO, R. Evangelización. In: BUENO, E. & CALVO, R. (Directores). **Diccionario de Misionología y Animación Misionera**. Burgos: Monte Carmelo, 2003.

CARMO, S. M. Evangelização: a Igreja à procura de caminhos. **Revista de catequese**, n. 130, abr./jun. 2010.

CASTRO, R. G. (2021). Amazonizar a Igreja a partir da eclesiologia do Sínodo para a Amazônia. **Revista Teopraxis**, 37 (128), 157-178. <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i128.32>. Acesso em: 6 maio 2023.

CODINA, V., A eclesiologia de Aparecida, In: AMERINDIA (Org.), V Conferência de Aparecida. **Renascer de uma esperança**. Montevideo-São Paulo: Amerindia/Paulinas, 2008.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA. Concilio Ecumênico Vaticano II. Constituciones, Decretos, Declaraciones. 3. ed. Madrid: BAC, 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Discípulos missionários na Amazônia**. Documento do IX encontro de Bispos da Amazônia. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015**. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2022.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Missal romano. 12. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.

DIOCESE DE OEIRAS. **Projeto diocesano de iniciação à vida cristã**. Processo de inspiração catecumenal. Disponível em Projeto de Iniciação à Vida Cristã | Diocese de Oeiras. Acesso em: 6 maio 2023.

EXTREMEÑO, C. G., **Una nueva época misionera**. Madrid: San Pablo, 1995 (Teología siglo XXI).

FERRARO, B. Reino de Deus. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. “Não tenhais medo”. Da dificuldade de construir a “nova paróquia”. In: **Vida pastoral**. Janeiro-fevereiro, ano 55, número 294. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Antiquum Ministerium**: Carta Apostólica em forma de “motu proprio” pela qual se institui o ministério de catequista. São Paulo: Paulus; Brasília, DF: CNBB, 2021.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**, sobre o cuidado da Casa Comum. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Catequese com estilo catecumenal**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Catequistas para a catequese com adultos**. Processo formativo. 2. ed. São Paulo: Paulus 2008. (Estudos da CNBB 94).

FRANCISCO, Papa. **Cerimonial dos Bispos. Cerimonial da Igreja**. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa João Paulo II. 5ª reimpressão. Brasília: Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. **52ª Assembleia Geral. Aparecida** – SP, 30 de abril a 9 de maio de 2014. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Diretório Nacional de Catequese**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Estudos da CNBB 84).

FRANCISCO, Papa. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. Brasília: Publicações da CNBB, 2008. (Documentos da CNBB 4).

FRANCISCO, Papa. **Formação de catequistas**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Estudos da CNBB 59).

FRANCISCO, Papa. **Itinerário Catequético**. Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2015. (Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética).

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FUENTE, E. B., Del oscurecimiento a la propuesta, pp. 59-88. In: BUENO DE LA FUENTE, E. & CALVO PÉREZ, R. **La Iglesia local. Entre la propuesta y la incertidumbre**. Madrid: San Pablo, 2006.

GESTEIRA GARZA, M. “El Catecismo de la Iglesia Católica y el Concilio Vaticano II”: Teología y Catequesis 50 (1994) 109-136. Madrid: Centro de Estudios Teológicos San Dámaso. Disponível em: <https://repositorio.sandamaso.es/handle/123456789/3522>. Acesso em: 18 maio 2022.

GIL GARCIA, A. Catequesis misionera. In: BUENO, E. & CALVO, R. (Directores). **Diccionario de Misionología y Animación Misionera**. Burgos: Monte Carmelo, 2003.

GRIGÓRIO, Patrícia Costa. **A professora Leolinda Daltro e os missionários: disputas pela catequese indígena em Goiás (1896-1910)**. 2012. 199 f. Rio de Janeiro: UFRJ/IH/PPGHIS, 2012.

GUERREIRO, E. **Hans Urs Von Balthasar**. Trad. de Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Loyola, 2010.

ISOTTON, D., FÁVERO, L. S. P., & MEZADRI, N. (2021). A paróquia na Conferência de Aparecida. **Revista Teopraxis**, 37 (128), 129-156. Disponível em: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i128.31>. Acesso em: 6 maio 2023.

KNOWLES, Malcolm Shepherd. **The Modern Practice of Adult Education: Andragogy Versus Pedagogy**. New York: Association Press, 1980.

JOÃO PAULO II. **A Missão do Redentor. Encíclica *Redemptoris Missio*** de João Paulo II sobre a validade permanente do mandato missionário. Brasília: Bíblios Gráfica e Editora, 1990.

JOSAPHAT, Carlos. **Vaticano II: A Igreja aposta no Amor Universal**. São Paulo: Paulinas, 2013.

LARAIA, R. B., **Cultura. Um conceito antropológico**. 26. reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LÉGER, D. H. **O Peregrino e o convertido**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LELO, A. F. **A iniciação cristã**. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

LIBÂNIO, J. B. Sínodo dos Bispos (1974): evangelização no mundo de hoje. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 115-124, jan./jun., 1975. Disponível em: <https://jblibanio.org.br/index.php/artigos/sintese>. Acesso em: 16 abr. 2022.

LIMA, L. A. **Catequese de adultos – Formação de seus catequistas**. I Jornadas de estudio. Costa Rica: SCALA, 2006.

MOESCH, E. P., MOREIRA, E. L., & STUELP, V. A. (2021). A paróquia no Concílio Vaticano I e II. **Revista Teopraxis**, 37 (128), 57-70. Disponível em: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i128.27>. Acesso em: 6 maio 2023.

OTT, Ludwig. **Manual de Teologia Dogmática**. Barcelona: Editorial Herder. 1997.

PEREIRA, A. C., & REIS, A. A. (2021). Por uma Igreja viva e dinâmica: reflexão sobre a Paróquia na Conferência de Santo Domingo. **Revista Teopraxis**, 37(128), 113–128. Disponível em: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i128.30>. Acesso em: 6 maio 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório da Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2020.

POUPARD, C. P. Fé e cultura. Igreja e mundo: para um encontro fecundo e saudável. In MERONI, F. (org.). **As cidades. As culturas e seus desafios**. O CCFC na Amazônia. Belém: Edusc, 2008.

RODRIGUES, A. F.; ENGERROFF, S. N. A contribuição da catequese de adultos na história da evangelização segundo o DNC. **Revista Litterarius** – [v.11, n.1, p. 110–132, jan./abr. 2012]. (fapas.edu.br). Disponível em: <https://revistas-old.fapas.edu.br/litterarius/article/view/59/71>Acesso em: 3 maio 2022.

SAÉS, J. L. Catecumenato e inspiração catecumenal. In: PEDROSA, V. M. et al. **Dicionário de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2004.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual de Iniciação Cristã de Adultos**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual de Iniciação Cristã de Adultos**. São Paulo: Paulus, 2001.

SANTOS, L. P. **Catequese ontem e hoje**. Dos primórdios a Medellín. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

STORNIOLO, I.; BALANCIN, E. M., **Didaquè. O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

SUESS, P., Evangelização e inculturação. Conceito, opções, perspectivas. **Revista de Cultura Teológica** (pucsp.br). n. 8 (1994): JUL/SET Disponível em: <https://revistas-old.fapas.edu.br/litterarius/article/view/59/71>. Acesso em: 6 maio 2023.

VILLAR, J. R., Génesis y protagonismo de las Iglesias jóvenes. In: **Estudios de misionología**. Vol. 13. Burgos: Facultad de teología del norte de España – sede de Burgos – Instituto de misionología y animación misionera, 2006.